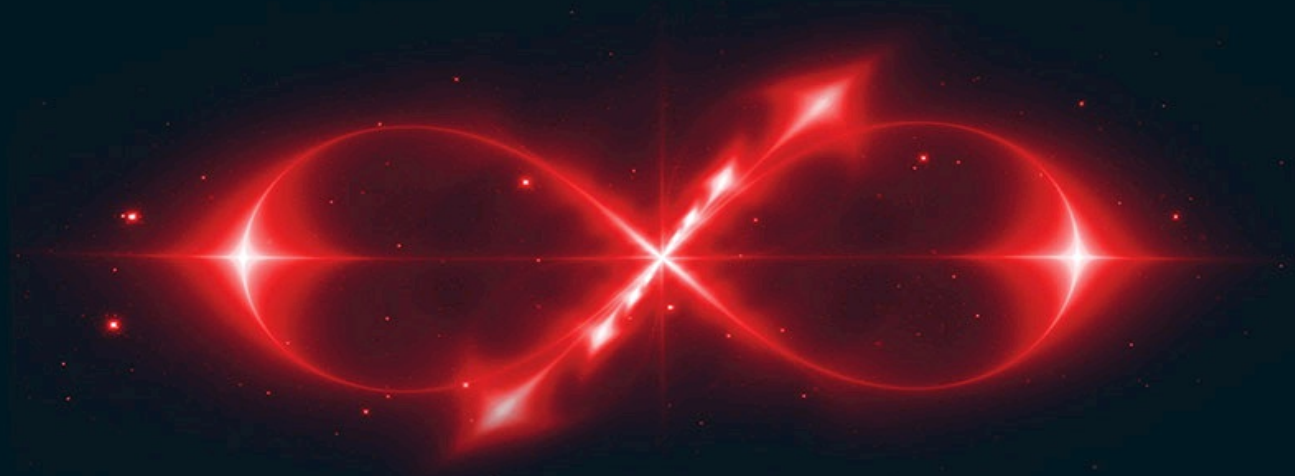


Beijada por um anjo



ELIZABETH CHANDLER

Eternamente



Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

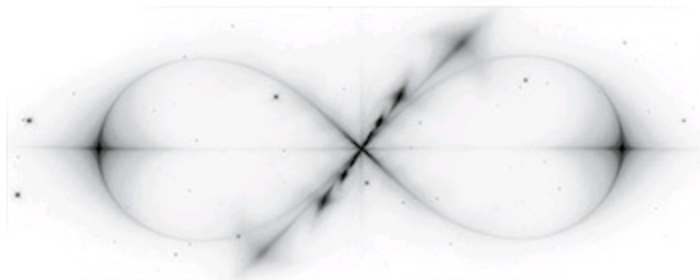
[Capítulo 19](#)

[Agradecimentos](#)

[Saga Beijada por um Anjo](#)

Eternamente

Romance da saga
Beijada por um anjo



Elizabeth Chandler

Tradução
Shirley Gomes



Publicado sob acordo com Rights People, Londres
Copyright © 2011 by Alloy Entertainment and Mary Claire Helldorfer
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos
são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas
e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital — 2013

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chandler, Elizabeth

Eternamente / Elizabeth Chandler ; tradução Shirley Gomes. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: Everafter.

ISBN 978-85-8163-256-8

1. Romance norte-americano I. Título.

13-04374 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br



*Para meu marido, Bob,
agora e para sempre.*



Prólogo

Até Gregory ficou impressionado diante de sua própria explosão de ódio mortal. Se ao menos tivesse atingido *Ivy* — esse foi o primeiro pensamento que passou por sua cabeça.

Emergindo de uma escuridão extenuante, ele lembrou a cena na praia com prazer: um salva-vidas arrogante vasculhando o mar em busca de alguém para salvar, sendo subitamente atingido por um raio — o *seu* raio. Repentinamente forçado a abandonar Beth, Gregory fervilhava de ódio, e essa fúria demoníaca tinha sido gloriosa, um espetáculo elétrico de potência mortal.

Ainda assim, esse raio tinha durado muito pouco.

Flutuando sobre o salva-vidas, olhando o desenho de uma corrente e de uma cruz de metal marcadas a fogo no peito de sua vítima, Gregory se deu conta de que a morte em si era um tanto sem graça. Morrer era a parte interessante. O cheiro de medo da vítima e o horror no olhar daqueles que a assistiam, esse tipo de coisa é que poderia aliviar a sua dor infernal.

Apesar de seus poderes, Gregory sentia falta de suas habilidades humanas. Precisava de um serviçal confiável, alguém cuja mente não contestaria a sua, como Beth tinha feito. Felizmente, Ivy se misturava com todo tipo de gente, até com quem estivesse sendo procurado pela polícia por assassinato.

Um pensamento perturbador tomou conta do espírito de Gregory: e se, usando o novo amigo de Ivy, ele a enganasse, a levasse ao desespero e a arrastasse para o inferno?

Agora. Sempre. Nossos. As vozes falavam com ele de novo.

E se ele pudesse acabar com as esperanças dela de se juntar a Tristan no céu?

O poder está com você.

As vozes eram sábias, pensou Gregory. Elas o conheciam melhor do que ele a si mesmo.

A vingança é minha!



Capítulo 1



Ele ainda estava vivo? Ivy pensava, olhando os buquês de flores murchas do funeral. Se Tristan tivesse morrido, o coração dela sentiria?

— Ivy, você está bem? — Dhanya a chamou, depois abriu o portão que fica entre a antiga igreja de Hardwich e o cemitério.

Mais cedo, tinham ido ao funeral de Michael Steadman e ajudado na recepção que se seguiu ao enterro. Tinha sido difícil para Ivy ver o rosto dos familiares e amigos do salva-vidas, a maioria ainda em estado de choque. O sermão do pastor baseou-se em uma citação bíblica sobre enxergar através da obscuridade, incentivando os que ouviam a confiar na inescrutável vontade divina. Mas Ivy receava que o raio mortal fosse um ato de Gregory, não de Deus.

Seis semanas atrás, não muito depois de Ivy, Dhanya, Beth e Kelsey, a prima de Beth, terem chegado ao Seabright Inn, elas organizaram uma sessão espírita. Estavam apenas se divertindo, mas, pensando nisso agora, Ivy entendeu que foi então que o espírito de Gregory voltou a entrar no mundo. Beth, sensitiva e a pessoa mais gentil e aberta que Ivy conhecera, foi a mais vulnerável. Gregory a tinha possuído, forçando-a a atacar Ivy. Foi necessário unir as forças de Ivy, Beth e Will para expulsar Gregory.

Beth voltou à sua casa em Connecticut para se recuperar. Nos últimos quatro dias, Will e Ivy não tinham visto nenhum sinal de Gregory em Cape, mas o demônio sabia como se esconder. O maior medo de Ivy ao procurar Tristan era não só revelar a Gregory que Tristan tinha retornado, mas conduzir a polícia — e, pior, o traíçoeiro Bryan — até “Luke McKenna”, o corpo que Tristan agora ocupava.

No dia anterior, a polícia de Cape Cod havia entrado em contato com Ivy, no rastro do suspeito de assassinato. Diante disso, ela teve esperança de que Tristan ainda estivesse vivo. As autoridades não encontraram o corpo que ele ocupava: o corpo de Luke.

Dhanya juntou-se a Ivy diante da sepultura da última vítima de Gregory.

— A tia Cindy disse que os Steadman vão sair de Cape. — A proprietária do Seabright, tia de Beth e Kelsey, era muito amiga da sra. Steadman. — Como vão conseguir ir à praia de novo? — Dhanya comentou com tristeza na voz. — Como vão conseguir aproveitar um verão outra vez?

Ela e Ivy começaram a andar. O sol de meados de julho aquecia o silencioso cemitério, lançando reflexos sobre os túmulos mais novos e brilhantes. Aqui e ali, uma árvore alta deixava que recortes de luz pintassem os túmulos mais antigos, com pedras salpicadas de musgo inclinadas em ângulos estranhos. Ivy correu os dedos por uma delas, admirada que coisas tão tenras e de crescimento lento

como as raízes das árvores pudessem ter força para derrubar o granito.

— O cemitério é um lugar adorável — afirmou Dhanya, vendo duas borboletas sobre flores roxas — desde que a gente não conheça ninguém que esteja enterrado.

A observação fez Ivy rir alto.

— Dhanya! Ivy! Venham aqui — Kelsey chamou.

Viraram-se, surpresas. A colega delas, que deveria estar trabalhando na pousada com Will, estava estendida em um ponto ensolarado no meio do cemitério.

— Vocês não vão acreditar no que tenho para contar!

— Difícil de acreditar é que você esteja tomando sol em cima da sepultura de alguém — Dhanya retrucou.

Kelsey riu e descansou as costas na pedra, alongando as pernas atléticas, que brilhavam por causa do bronzeador. Passou os dedos pelos cabelos ondulados e avermelhados, depois apontou para as placas de cada lado.

— Sentem-se. Descansem em paz. Vocês merecem.

Mas Dhanya preferiu um banco de pedra, sentando-se graciosa. Tinha corpo de dançarina e o cabelo preto e longo. Se tivesse apoiado o queixo nas mãos, pensou Ivy, lembraria a imagem clássica da tristeza.

Ivy se sentou num meio-fio de mármore que delimitava o túmulo de uma família.

— Você tem notícia de Bryan? — Ivy perguntou.

— Ele apareceu antes de seguir para o rink de patinação.

Dhanya fez cara de desagrado.

— Kelsey, você tinha jurado que não ia nem olhar para Bryan depois de ele ter dado o cano em você e ignorado as suas mensagens no final de semana.

— Só que ele tinha um bom motivo — Kelsey respondeu, num tom animado. — Sábado à noite, ele saltou da ponte da ferrovia, aquela do Canal de Cape Cod.

— Como assim?! — Ivy exclamou, parecendo chocada, embora tivesse testemunhado o incidente.

— É essa a desculpa dele? — disse Dhanya, sem se impressionar.

— Dhanya, a ponte estava subindo — Kelsey explicou. — Ele saltou 15 metros canal abaixo. Pense nisso. Poderia ter quebrado a coluna e se afogado se não caísse direito na água.

Era esse o medo de Ivy em relação a Tristan. Na margem do canal, ela o tinha perdido de vista.

— Vocês nunca vão adivinhar por que Bryan estava lá — Kelsey continuou. — Ele estava atrás de Luke.

— Luke! — Dhanya se juntou a Ivy no meio-fio. — Você sabia que ele ainda estava em Cape?

— Não o vejo nem tenho notícia dele desde junho — mentiu Ivy.

— Então, Luke está preso? — Dhanya perguntou a Kelsey.

— Não. Bryan o perdeu de vista. Tem procurado por ele.

E se o encontrar, vai matá-lo, pensou Ivy. Que tipo de história Bryan teria inventado para a polícia e para Kelsey?

— Por que Bryan está atrás de Luke? — Ivy perguntou em voz alta. — Pensei que fossem amigos.

— Não são mais — respondeu Kelsey. — Bryan acha que Luke matou aquela moça, aquela que a polícia disse que pulou da ponte na semana passada. Alice não sei o quê.

Alicia Crowley, pensou Ivy. Bryan já tinha incriminado Luke pela morte de Corinne. Agora estava acrescentando Alicia à lista.

— Ela era íntima de Luke — Kelsey completou. — Luke gosta mesmo de matar suas namoradas.

Dhanya arrepiou-se.

— Poderia ter sido *você*, Ivy.

Ivy simplesmente balançou a cabeça. As suas amigas estavam condenando e temendo a pessoa errada. Mas Bryan já tinha demonstrado o desejo de matar quem viesse a saber de sua sombria verdade. Avisar Kelsey e Dhanya — e também Beth e Will — só os colocaria em perigo maior.

O jeito de proteger todo mundo era encontrar a prova que colocaria Bryan atrás das grades, a prova que limparia o nome de Luke. Então, ela e Tristan poderiam ficar juntos, e Tristan poderia se redimir. Se ainda estivesse vivo.

Tristan, onde está você? Ivy clamou em silêncio, embora soubesse que o seu anjo, estivesse vivo ou não, não mais ouviria o chamado do seu coração.

Tristan acordou na escuridão. Não sabia onde estava. Sentiu as roupas molhadas, a lona onde estava deitado, úmida e arenosa. O lugar tinha um cheiro ruim.

Sem conseguir enxergar nada, sentou-se e esticou os braços. À direita e à esquerda, os seus dedos raspavam em alguma coisa úmida e dura, alguma superfície parecida com plástico duro, paredes que se inclinavam. Percebeu então que balançava ligeiramente e ouviu um leve *lepe-lepe*. Estava no fundo do casco de um barco, ancorado em águas calmas. De repente, lembrou-se do antigo barco de lagostas em cuja direção nadara, reconhecendo pelo menos três ingredientes do mau cheiro: peixe podre, graxa e mofo.

Tinha caminhado mais de 65 quilômetros nas últimas duas noites, esforçando-se para sair do Canal de Cape Cod e chegar em Nauset Harbor, perto de onde Ivy estava. Não havia ancoradouros particulares, nem marinas; os barcos ficavam atracados em uma baía protegida da fúria do Atlântico por uma longa fileira de dunas e pequenas ilhas na ponta norte da Nauset Beach.

Antes do amanhecer, na terça-feira, Tristan havia notado o barco avariado entre as embarcações de pesca e de lazer ali ancoradas. Escondido atrás das árvores, ficou de olho nele o dia inteiro; enquanto os outros barcos zarpavam e voltavam pela enseada de Nauset, ninguém o utilizava.

Ao cair da noite, vencido pela necessidade de dormir sem ser perturbado, nadou até o barco. Foi

fácil entrar pelas suas laterais curvas e baixas. As armadilhas de lagosta empilhadas na popa tinham anéis de plástico com datas de validade que indicavam o último mês de dezembro. Verificando a embarcação da proa à popa, Tristan concluiu que era mais provável o barco afundar do que o dono dele aparecer.

Ele se afastara até a casa do leme, um abrigo triangular com amplas janelas quadradas. Quando começou uma festa num barco ancorado a alguns metros dali, ele desceu até o aconchegante, mas fedido alojamento do barco. Parece que dormiu durante horas e ficou contente em vir à tona no ar fresco do convés.

Olhando para o sul, mal distinguia a terra escura que se elevava contra o céu estrelado, as ribanceiras sobre as quais Seabright se debruçava. Queria muito estar com Ivy, mas não poderia arriscar por enquanto. Fazia três semanas desde que o seu retrato tinha aparecido na primeira página do jornal *Cape Cod Times*, mas o olhar de um segurança do Walmart tinha sido suficiente para impedi-lo de comprar um novo celular. O antigo celular e o relógio que Ivy lhe dera haviam ficado no fundo do canal. Tudo o que tinha nos bolsos agora era um rolo de notas bancárias — de Bryan, quando fingia ser amigo de Luke — e uma moeda de ouro, presente de Philip, com um anjo estampado de cada lado.

— Pegou alguma coisa?

Tristan virou-se, surpreendido. Lacey estava sentada num balde virado com o fundo para cima, completamente materializada.

— Uma lagosta? Um assassino? — ela perguntou.

— Um anjo — ele respondeu, embora a sua angelical luz arroxeadada só aparecesse na tintura do seu longo cabelo escuro. Vestida com uma blusinha e uma *legging* rasgada, ela não se parecia com uma nativa, mas pelo menos não estava usando uma das suas roupas teatrais. Fosse como anjo ou como estrela adolescente de um filme B, Lacey sempre gostava de chamar a atenção da plateia.

— Você não estava pescando para mim — ela disse. — Não ouvi uma única sílaba vinda de você, e você sabe que não consigo localizar as pessoas a menos que me chamem.

— Mas acabou me achando — ele salientou.

— Reduzi a localização a dois lugares: inferno ou aqui. Você pousou aqui, voando como uma mariposa até o brilho de Ivy.

— Você a viu? — ele perguntou depressa, na esperança de que Lacey tivesse grudado em Ivy, apesar do desprezo que costumava demonstrar pelo relacionamento deles. — Como ela está?

— Como sempre, perigosa para você.

— Não — Tristan disse com firmeza. Foi por isso que não tinha chamado Lacey.

— Tristan, eu estava lá na ponte com você e Bryan. Ouvi as vozes. Eram tão altas quanto as da noite em que Gregory caiu morto. O tempo está passando. Você precisa se redimir.

Tristan olhou para as estrelas, como se pudesse ler o tempo na face brilhante do relógio do céu.

— Você conseguiu saber o que as vozes estavam dizendo? — ele perguntou. Para ele, elas sempre

começavam da mesma maneira, num murmúrio baixo, prolongando-se em ondas de vozes ameaçadoras, de emoções mais definidas do que as palavras.

— As palavras delas foram dirigidas a você.

— Isso significa que não conseguiu decifrá-las? — ele supôs.

— E você consegue?

Ele confirmou com a cabeça. As palavras tornavam-se progressivamente mais nítidas para ele.

— Não é um bom sinal! Primeiro você é despojado de seus poderes angelicais, agora está ouvindo palavras de demônios! — Mas a curiosidade de Lacey a venceu: — O que elas diziam?

— *Agora. Sempre. Nossos.* E quando eu estava lá na ponte: *Que caminho?* Elas ficavam me perguntando: *Que caminho?*

— O caminho delas — disse Lacey. — O caminho de Gregory.

— Tenho que impedi-lo. Ele vai matar Ivy.

Lacey segurou Tristan pelos ombros. Por mais firme que ela parecesse e se sentisse, faltava força em seu aperto, e ele se afastou com facilidade.

— Escute, Tristan, é você quem precisa de proteção. Procure a polícia. Entregue-se, como Luke. Deixe que o prendam e você fica em segurança. Se Bryan matar você antes que tenha se redimido, você vai ser execrado. Irá para o inferno, para sempre.

— A maneira de me redimir é expulsando Gregory deste mundo. Na prisão, não poderei fazer nada.

— Como vai se livrar de um demônio? Pedindo a ele gentilmente que vá embora? — ela replicou com sarcasmo.

— Se Gregory possuir a mente de alguém e essa pessoa morrer, ele será banido para sempre. Você mesma me disse isso.

— Então, vai matar alguém? — Ela se aproximou dele. — Tristan, você não pode matar! Não pode tirar nem restituir a vida, foi assim que se meteu nessa confusão. As chegadas e as partidas da vida estão definidas pelo roteiro do Diretor Número Um. Ele não ficaria feliz se nós, seus atores secundários, interferíssemos nesse roteiro.

— Existe um jeito de mandar Gregory de volta ao inferno e garantir a segurança de Ivy. Deve haver. É assim que vou me redimir.

— Não. É assim que você *quer* se redimir.

— Preciso que você leve um recado a Ivy — ele disse.

— Não vou levar.

Tristan continuou.

— Avise-a sobre Bryan. Ele se gabou de ter matado Alicia e Corinne, além de ter deixado aquela mulher agonizando no acidente.

Lacey cruzou os braços.

— A garota não é idiota. Tenho certeza de que ela já deduziu isso.

— Está bem. Então só diga a ela onde eu estou.

— Não! O seu amor por ela é uma tentação grande demais. Já provou que não dá conta. Se vou ajudar você...

— Lacey, não preciso nem quero que você me salve.

O anjo se virou.

Tristan suspirou e pegou-a pelo braço.

— Desculpe, é que...

— Eu avisei — ela disse, sumindo numa bruma arroxeadada, mesclando-se à névoa do mar, desaparecendo.

Tristan estava sozinho. Precisava saber como chegar até Ivy. Mais difícil ainda: precisava destruir Gregory. Era a única maneira de garantir a segurança dela.

Passou os olhos pela costa. Em uma hora, ela seria banhada pela luz da manhã.

— Que caminho, que caminho? — murmurou para si mesmo.



Capítulo 2



Quarta-feira à tardinha, Ivy rezava em seu carro no estacionamento da pousada.

— Lacey — ela chamou baixinho —, onde você está? Por que não atendeu o meu chamado?

Um baque do lado do passageiro de seu carro fez com que ela se voltasse esperançosa.

— Coitado do seu carro — disse Bryan.

Ivy saiu do carro devagar e decidida, determinada a não demonstrar medo.

Ele deu a volta até o lado do motorista.

— Ele tem uns amassados na lateral e atrás.

Ignorando-o, ela deslocou o assento para a frente, tentando tirar a sua pasta de música da parte de trás. Ele a bloqueou, usando o físico potente para intimidá-la.

— Com licença — disse ela com firmeza.

Recostando-se preguiçosamente no carro, Bryan correu os dedos por um dos arranhões que tinha feito na pintura ao perseguir Ivy e Tristan na ponte da ferrovia.

— A locadora de carros não vai gostar disso.

— Vou consertar antes que vejam.

Ele sorriu.

— Aí, garota! Você é como eu.

— Nem sempre — Ivy retrucou, pendurando a bolsa no ombro e seguindo para o caminho que levava à pousada e ao chalé.

Ele a alcançou.

— Se precisar de alguém que *morra* antes de entregar o segredo de um cliente — Bryan fez uma pausa, deixando calar essa escolha de palavras —, recomendo uma oficina em River Gardens.

A de Tony, Ivy pensou, onde Bryan disse que tinha consertado o carro depois do acidente.

— Isso não é nada — ela respondeu, seguindo adiante.

Ele a pegou pelo braço, puxando-a para trás.

— Sabia que podia contar com você.

— Para *quê*?

— Para perceber que não vale a pena se entusiasmar com certas coisas.

Ivy baixou a voz, num esforço para mantê-la normal.

— Imagino que a nossa lista de coisas que *valem a pena* é bem diferente.

Ele riu e a soltou.

— Aposto que sua lista inclui pessoas, como amigos e colegas.

Quem os visse, sem saber o que ela sabia sobre Bryan, veria apenas os sorridentes olhos verdes e as maneiras brincalhonas de um sujeito que só queria se divertir.

— Você sabe do que sou capaz, Ivy. — O sorriso jovial fazia as palavras soarem ainda mais frias.

— Não me faça machucar você.

Ela queria sair correndo até o chalé, mas se forçou a andar num passo tranquilo.

— Não disse nada a ninguém — afirmou. — Mas fiquei surpresa com o que você falou para a polícia e para Kelsey, contando que estava atrás de Luke. Incrível que tenha até questionado a morte de Alicia, que eles estavam prontos a aceitar como suicídio. Você está atraindo uma atenção que a gente não precisa.

— Tinha que lhes dar uma desculpa, depois que me pescaram no canal. Aqueles malditos helicópteros. Que pena que não puxaram Luke. Ele saltou antes de mim.

— Ah, é? — Ivy respondeu rapidamente. — Ele saiu nadando?

— Não se faça de boba, Ivy!

Então talvez Tristan esteja a salvo!

— Onde ele está? — perguntou Bryan.

— Muitos dias distante daqui, espero.

Eles pararam no final do caminho perto do amplo jardim que separava a pousada do chalé das moças.

— De jeito nenhum — Bryan replicou. — Luke é um pombo choco, sempre voltando para o ninho. Vai voltar para você.

— Mas é muito perigoso para ele. Assim como para você e para mim — Ivy acrescentou, reforçando o argumento. — A polícia está de olho na gente, Bryan. — Aquele era o único argumento capaz de impedir que Bryan matasse “Luke” quando o encontrasse.

— Talvez, por enquanto — disse ele. — Mas a visão da polícia é estreita, e você e Luke não têm provas contra mim. As abotoaduras estão no fundo do canal, na parte mais funda dele.

Ivy sentiu o coração apertado. A única prova que tinham sumira.

Bryan se aproximou bem de Ivy, pegando um cacho dos cabelos dela, enrolando-os no dedo.

— Se quer sobreviver, se quer que Luke sobreviva, não conte nada à polícia. Talvez você ache

que eles podem protegê-la. Eles até podem dizer que sim, mas são lerdos e desajeitados... e eu não.

A porta do chalé se abriu. Ivy ficou contente de ser Kelsey. Sua colega ciumenta encerraria rapidamente aquela conversa.

Bryan soltou o cabelo de Ivy, lançando um olhar para o braço dela.

— Arrepiada, num dia quente como este?!

Kelsey caminhou na direção deles e Ivy se dirigiu à pousada.

Na imensa cozinha quadrada, onde as moças e Will davam início à jornada diária, Beth e a tia de Kelsey faziam chá.

— Quer um pouco de chá de maçã e cranberry? — perguntou Kelsey, puxando para trás alguns fios do grosso cabelo vermelho que tinham se soltado de sua trança. — Eu preferia algo mais forte. — Sua camisa estava amassada. Apesar do sorriso, das bochechas rosadas e sardentas, ela parecia exausta. Comida em recipientes de plástico e uma chave com um grande S no chaveiro estavam na mesa da cozinha.

— Como estão os Steadmans? — perguntou Ivy, imaginando que fosse a chave deles.

— Na luta — respondeu a tia Cindy. — Fecharam a casa da praia hoje e vão voltar para Boston.

Ivy aceitou uma xícara de chá.

— Senti tanta pena deles. Quando vi o irmãozinho e a irmãzinha no enterro...

A tia Cindy concordou com a cabeça.

— Gostei do modo como vocês, meninas, e Will arregaçaram as mangas nos últimos dias, principalmente sem a Beth.

— Tudo bem.

— Assim que a Beth voltar — a tia Cindy continuou —, quero dar uma folga extra a Will, Dhanya e Kelsey. E você, como se sente?

— Ótima — Ivy respondeu, apesar das noites sem dormir. — Já tive folga. E agora já resolvemos a rotina, então, está muito mais fácil.

A tia Cindy assentiu e levou a chave dos Steadmans até o quadro das chaves duplicadas.

— Já ia me esquecendo — ela comentou, olhando as caixas de correspondência dos funcionários —, tem um recado para você.

— Minha mãe? — Só os pais dela tinham permissão para telefonar para a pousada.

A tia Cindy sorriu e voltou para a mesa.

— Não, um rapaz.

— Ah, desculpe — Ivy respondeu imediatamente.

— Tudo bem. Ele tinha uma voz tão bonita, queria que estivesse ligando para mim. Billy... Billy Bigelow.

Ivy suspendeu a respiração. Quando ela e Tristan estavam se conhecendo, ele tinha lhe contado que também gostava de “música clássica” — só que música clássica, para ele, não era Mozart nem Mahler, mas shows da coleção de musicais de seus pais. Um dos preferidos era *Carousel*, e Billy Bigelow era o herói romântico da história. Tristan tinha arrumado um apelido que sabia que ela reconheceria!

Ivy foi rapidamente até o cubículo de madeira, cruzando a cozinha, e pegou o papel com o recado.

Hora: 18h10

Para: Ivy

De: Billy Bigelow

(203) 555-0138

De férias por aqui alguns dias, num barco emprestado na Nauset Harbor.

Apareça quando puder.

— Pelo brilho no seu rosto, imagino que estava esperando esse convite — disse a tia Cindy. — Um namorado da sua terra?

Ivy enfiou o recado no bolso, sorrindo.

— Pode chamar assim.

Tristan sentou-se no chão da casa do leme e, observando o céu escurecer, ouvia e esperava. Ao saltar no canal, acabou perdendo o telefone de Ivy, mas encontrou na lista do balcão de informações de Orleans a pousada Seabright, e conseguiu convencer um garoto a lhe emprestar o telefone. Os últimos quatro dígitos do número que tinha deixado para Ivy combinavam com os últimos quatro do registro do barco, pintados na proa.

Deitado de costas, com as mãos atrás da cabeça, embalado pela cadência das ondas, Tristan adormeceu. Acordou com o assobio de uma melodia do *Carousel*. Levantou-se, assoviou de volta e ouviu uma leve batida na lateral do barco de pesca. Subiu num amontoado de armadilhas de arame enferrujado. Ivy lhe sorria do caiaque, o cabelo como um emaranhado dourado salpicado de névoa marinha. *Metade sereia, metade anjo*, ele pensou. Ficaram apenas olhando um para o outro por um instante.

— Billy Bigelow? — ela perguntou.

Ele riu e sentiu o riso percorrer todo o corpo, como sempre acontecia perto dela.

— Sabia que iria me encontrar.

— Permissão para embarcar, senhor?

Ele lhe jogou uma corda, e ela lhe deu um remo e uma mochila. Pela corda, ela subiu com facilidade no convés. Puxando-a, ele afundou o rosto no cabelo úmido, beijou-lhe a linha do rosto, e sua boca encontrou a dela num beijo suave.

— Que saudade! — disse, emendando as palavras num outro beijo mais profundo.

Sentiu que ela tremia e a abraçou com força, como se pudesse protegê-la de todo o mal, como se pudessem ficar assim para sempre.

— Amo você, Ivy.

— Amo você, Tristan. — Beijaram-se de novo. — Tive tanto medo... Você podia ter se afogado!

— *Afogado?* Tendo você como treinadora de natação? — ele brincou.

Ela riu e recostou a cabeça no peito dele.

— Eu estava mais perto da margem do que Bryan — disse Tristan —, e tinha me afastado mais da ponte, rio abaixo. Como a polícia estava ocupada, içando-o dali, foi fácil deslizar até a praia.

— Ele disse que as abotoaduras tinham desaparecido. Sabia disso.

— Acho que nos seguiu. Na ponte, ele as exigiu. — Tristan inspirou fundo, soltando o ar devagar.

— Quando me alcançou, joguei-as por cima da cabeça dele, pra que fosse atrás... Desculpe.

— Desculpe? Não! Foi esperto! — Ivy exclamou. — Ele teria matado você na hora. Vamos encontrar outra prova.

Tristan balançou a cabeça; a verdade era uma só.

— Já vasculhamos o quarto de Corinne de alto a baixo. E o apartamento dela foi saqueado.

— Portanto, a prova está em algum outro lugar.

— No fundo do mar — ele retrucou. — Você já deve ter percebido: Bryan gosta de largar as pessoas e outras coisas dispensáveis em águas profundas.

— Não podemos desistir, Tristan. Se queremos ficar juntos, temos de limpar o nome de Luke.

Ele a abraçou de novo, descansando o queixo na cabeça dela.

— Temos que fazer muito mais do que isso.

— Quando estava na ponte, não descobriu nada de novo sobre o Bryan?

Tristan lhe contou o que Bryan tinha admitido, ou, na verdade, do que tinha se gabado. Um ano e meio antes, quando atropelara a mulher na estrada, ele a deixou lá morrendo, priorizando a sua carreira no hockey, em vez da vida dela. Sabia que podia contar com o velho amigo Tony para consertar o carro e não delatar que estava bêbado, nem sobre o atropelamento e sua fuga do local do acidente, mas não contava que Corinne estivesse na oficina naquela manhã, trabalhando num ensaio fotográfico. Ela sempre foi bisbilhoteira e chantagista, e encontrou no carro batido de Bryan a abotoadura que ele tinha usado na comemoração dos esportistas. Para azar de Bryan, a polícia tinha encontrado a outra abotoadura no local do acidente.

Como Ivy e Tristan suspeitaram, Bryan se cansara de pagar a dívida com Corinne, por isso a estrangulou, incriminando Luke, o antigo namorado dela. Mas Bryan logo percebeu que não podia contar com Luke para ficar longe da polícia. Ele o matou também, jogando o corpo no mar junto de Chatham. Depois que Ivy e Tristan descobriram que Alicia teria um álibi para Luke, Bryan a

acrescentou à sua lista de vítimas.

— Deve haver uma prova em algum lugar — disse Ivy. — Quanto maior o número de vítimas, maior a possibilidade de o assassino deixar testemunhas e indícios para trás. Alguém deve ter visto algo nas vezes em que Bryan matou. Alguém deve saber de algo muito útil para nós, mas talvez ainda não tenha se dado conta disso.

— Ivy, a maior parte dos assassinatos aconteceu há meses e, quanto mais o tempo passa, mais difícil é...

— Pare e pense — ela interrompeu. — Muita gente estava na festa de Max na noite em que Bryan escapuliu para matar Luke. Muita gente foi à comemoração esportiva na noite do atropelamento... Claro! Devem ter tirado fotografias. Aposto que contrataram um fotógrafo profissional para vender fotos a todos os pais orgulhosos. — Ela riu e pegou uma boia de plástico, cumprimentou Tristan, entregando-lhe a boia como se fosse um troféu. — Sorria — ela disse. — A sua abotoadura está aparecendo!

Ele riu, mas logo ficou sério de novo. Bryan era uma ameaça, pensou Tristan, mas Gregory era um inimigo que nenhuma arma nem autoridade humana conseguiriam deter. E Gregory tinha uma única meta: matar Ivy. Quem ele possuiria em seguida? Tanto Dhanya quanto Kelsey lhe dariam acesso fácil a Ivy.

— Precisamos encontrar um lugar seguro para você, Tristan, algum lugar longe daqui.

— Desde que fique comigo — ele disse.

— Não, precisamos nos separar — só por algum tempo.

— De jeito nenhum!

— Bryan está calmo agora, fingindo que temos um acordo — ela continuou. — Mas ele matou todo mundo que sabia algo que o incriminava. Por que nos pouparia?

— Porque, do ponto de vista da polícia, o Bryan é amigo de muitos defuntos.

— Tristan, você não percebe? Exatamente por isso vai nos usar: para se encobrir e amarrar direitinho as mortes de Corinne e Alicia. Se nos matar, consegue que a armação contra Luke funcione, por isso, não podemos falar. Vai fazer com que nossa morte pareça um assassinato-suicídio, o fim da matança das mulheres que Luke amou. O jeito de Bryan parar é a gente se distanciar...

— Nunca vou deixar você!

— Tristan — ela implorou. — Nós queremos a mesma coisa: ficar juntos. Mas por algum tempo precisamos nos distanciar.

— Já fiquei distante de você. Não vou deixá-la de novo.

Ivy fechou os olhos e se apoiou nele, ficando em silêncio por algum tempo. Por fim, disse:

— Este barco funciona? Se eu trazer combustível, ele funciona?

Tristan balançou a cabeça.

— Não conheço nada de motor de barcos, mas a parte elétrica foi arrancada.

— Então, você estará mais seguro em terra. Daqui só pode escapar nadando.

— Posso voltar a Nickerson.

— Não, guardas demais viram a sua foto. — Ela hesitou, então continuou: — Conheço um lugar próximo que poderia usar. A família acabou de ir embora e a tia Cindy tem a chave. Está ali no quadro de chaves. Posso fazer uma cópia.

— Por quanto tempo ficarão longe?

— Não sei. O filho deles foi morto na praia na tarde em que Gregory deixou Beth. Foi atingido por um raio.

Tristan afastou-se um pouco dela, encarando-a, horrorizado.

— Gregory irá matar qualquer um! — Mas ele sabia que o desejo assassino de Gregory voltava-se a uma pessoa específica.

O medo e a raiva doeram-lhe como um soco nas entranhas. Ao contrário de Bryan, Gregory não se intimidaria diante da ameaça de ser pego. A segurança de Ivy dependia dele. Destruiria Gregory mesmo que fosse a última coisa que fizesse.



Capítulo 3



—Beth está de volta!

Ivy ergueu os olhos da cama que arrumava no final da manhã de quinta-feira e deu um largo sorriso. Will, de folga, estava do lado de fora da janela da suíte, o corpo bronzeado brilhando com a água do mar, o cabelo espetado.

— Quando terminar, encontre a gente na escadinha da praia — ele disse.

Vinte minutos depois, Ivy cruzava o gramado que se estendia entre a pousada e a ribanceira arenosa coberta de arbustos. Beth e Will estavam no patamar no meio da escada, observando as águas resplandecentes do oceano. Ali do alto, os olhos de Ivy vagaram para a esquerda, onde o mar dobrava uma comprida ponta de terra, formando a Nauset Harbor, uma enseada por trás da linha de dunas. Fez uma prece para Tristan. Tinha falado a ele que não voltaria enquanto não fizesse a cópia da chave da casa da praia, para não atrair a atenção para o barco de pesca até que ele pudesse sair de lá.

Beth se virou de repente, como se sua parte sensitiva tivesse percebido a aproximação de Ivy. Ivy desceu a escada correndo.

— Epa! Devagar! — Will exclamou. — Não consigo segurar as duas.

Ivy abraçou Beth.

— Que bom ver você!

— Também acho! Quero dizer, que bom *ver você* — respondeu Beth, e ambas riram.

Os olhos azuis de Beth estavam sem a sombra que os escurecera quando Gregory a possuiu. O cabelo castanho-claro, com listras brilhantes por causa do sol de verão, caía suavemente pelo rosto rosado.

— Como está se sentindo? — Ivy perguntou.

— Bem, muito bem. E você?

— Ótima agora que você voltou. Sentimos sua falta!

Ivy sentou-se num banco e Beth juntou-se a ela. Will sentou-se diante delas, com a prancha e o remo apoiados na cerca.

— Senti falta de vocês também, mas tinha vocês comigo — disse Beth, tocando ligeiramente o pingente que Ivy e Will tinham dado a ela.

Ivy apertou a mão da amiga e olhou para Will. Lembrou-se do medo e da dor que marcaram o rosto dele quando encontraram Beth no campanário com uma corda no pescoço. Lembrava-se da agonia na voz dele: *Ivy, se eu a perder, não consigo continuar!* Agora seus olhos castanhos brilhavam.

Beth estendeu a mão para Will e Ivy percebeu que os dedos deles se entrelaçavam, como se ele tivesse plena consciência de cada ponto daquele toque. Ivy sabia que Will amava Beth tanto quanto ela. Mas algo tinha mudado — estaria ele *apaixonado*?

Will se afastou repentinamente. Beth mordeu os lábios e pousou a mão entre as pernas. Ivy arrependeu-se de não ter sido mais discreta ao encará-los. Tentando levá-los para um assunto mais leve, disse:

— Você voltou bem na hora, Beth. Philip, minha mãe e Andrew chegam a Cape domingo. É melhor vocês se mexerem e terminarem o *Anjo e o gato de rua*.

Era uma história em quadrinhos, uma série de aventuras que Will e Beth tinham inventado para Philip.

— Tenho um zilhão de ideias — disse Beth. — Só espero que o meu ilustrador me acompanhe. Will riu.

— Mas primeiro Will vai me ensinar como ficar de pé no surf de remo. — Beth comentou com Ivy — Você acha que consigo que o meu cabelo espete assim?

Constrangido, Will passou a mão pelo cabelo úmido e Ivy se recostou, sorrindo para si mesma.

— Ivy — disse Beth, ficando séria —, o que está havendo com Luke? Will me contou o que aconteceu no sábado à noite.

O que Bryan disse que aconteceu, Ivy corrigiu a amiga em pensamento.

Ela não queria colocar Will e Beth em perigo ao revelar que Bryan era o assassino — o tipo que mata quem souber o que ele fez. Mas era hora de lhes contar da volta de Tristan; ela e Tristan talvez pudessem precisar da ajuda deles.

— Luke não é quem Bryan pensa que é.

Will e Beth a encararam, perplexos.

— O verdadeiro Luke morreu. Ele se afogou perto de Chatham.

— Se afogou?! — Will exclamou. — Então quem é...

— Tristan. É o corpo de Luke, mas o espírito de Tristan.

Beth arfou ligeiramente.

— Tristan está ocupando Luke? — Will perguntou. Enquanto Ivy explicava tudo, ele vagou os olhos pela vasta imensidão azul, como se estivesse vendo de outra forma o desenrolar dos acontecimentos das últimas cinco semanas.

— Não é menos inacreditável do que Gregory me possuir — Beth frisou baixinho.

— Mas há uma diferença — Ivy comentou. — Tristan tomou todo o corpo de Luke. O espírito de Luke — sua mente, memória e alma — se foi. Ele morreu e foi embora.

— Gregory sabe que Tristan voltou? — Beth perguntou.

— Ainda não. Pelo menos, não até onde sabemos.

Will franziu o cenho.

— Onde está Gregory agora?

— Não sei.

— Ele vai voltar — Beth disse. — Ele quer vingança.

Ficaram ali em silêncio. O celular de Beth tocou e ela automaticamente o desligou.

— É sua mãe — Ivy e Will falaram ao mesmo tempo, reconhecendo o toque.

Beth leu o texto e tirou do bolso as chaves do carro.

— Já volto.

Quando ela saiu, Will virou-se para Ivy.

— Sinto muito, Ivy, muito mesmo. Não entendi o que estava acontecendo logo que Tristan voltou. Me senti rejeitado por você.

— Depois de tudo o que fez por mim? — A voz dela saiu meio trêmula.

Will inclinou-se para frente, fazendo com que ela o encarasse.

— Sabia que você nunca tinha deixado de amar Tristan. Mesmo quando eu estava apaixonado por você, sabia que o amava também. Não via problema nisso. Confiava no seu coração, sabia que era grande o suficiente para amar a nós dois. Então, quando vi esse estranho entre nós, não consegui entender. Fiquei zangado... com você e comigo.

— Desculpe, Will, pelas mágoas que causei.

— Achei que tinha sido enganado... como se eu não te conhecesse direito, como se estivesse gostando de alguém que de fato não existia. Mas a Ivy que conheço está de volta. — Ele sorriu. — Afinal, você não mudou.

Ivy sentiu um nó na garganta.

— Amigos?

Ele segurou a mão dela entre as suas.

— Amigos felizes para sempre.

Naquele dia, mais tarde, com a tia Cindy e a mãe de Beth a caminho de Provincetown, e ela mesma incumbida de preparar umas comidinhas para os hóspedes, Ivy teve a oportunidade perfeita de copiar a chave da casa dos Steadmans. Sozinha na cozinha, ela a pegou do quadro.

— Oi, Ivy.

Ela rapidamente se virou, enfiando a chave no bolso.

— Oi, Kels, Dhanya! — respondeu quando elas entraram na cozinha, surpresa de que ainda estivessem juntas. — E aí?

Kelsey despencou numa cadeira da cozinha.

— *Té-di-o*. Estou completamente, terrivelmente entediada!

Observando as latas e pratos que Ivy tinha disposto no balcão da cozinha, Dhanya abriu as latas e começou a arrumar os biscoitos para o chá.

— Existe setenta por cento de chance de tempestade, mas Kelsey não quer ir fazer compras — ela disse, encolhendo os ombros.

— Onde está Bryan? — Ivy perguntou.

— Voltou para o ringue... tem que trabalhar esta tarde e à noite. O tio dele é exigente — Kelsey reclamou. — Ele está sempre trabalhando.

— Ou dizendo que está — Dhanya insinuou baixinho.

Kelsey pegou um biscoito.

— Eu saberia se ele estivesse me enganando.

— Quer fazer compras, Ivy? — Dhanya perguntou.

Mas uma ideia se formava na cabeça de Ivy.

— E se a gente surpreendesse Bryan? — ela sugeriu. — Por que não vamos patinar mais tarde?

Ivy imaginou que, se Bryan tivesse de lidar, ao mesmo tempo, com o trabalho e com Kelsey ele, ficaria ocupado e, assim, ela teria chance de dar uma olhada nas fotos penduradas no ringue e talvez encontrar as abotoaduras.

— É uma ideia! — exclamou Kelsey.

— Posso convidar Chase? — Dhanya perguntou.

— Deveríamos convidar todo mundo — Ivy respondeu. Quanto mais distrações para Bryan, mais fácil seria fazer a investigação. — Junte um grupo — ela aconselhou Kelsey. — Você não quer que ele pense que está desesperada para vê-lo.

Kelsey abriu um sorriso.

— Realmente, Ivy, você sabe mais de namoros do que parece.

Depois do chá, Ivy foi até o centro comercial, onde fez uma cópia da chave da casa dos Steadman, depois comprou em dinheiro dois telefones sem contratos. Com o GPS desligado e nenhuma conta rastreável, a comunicação entre ela e Tristan ficaria mais segura.

Pouco antes das oito, Chase pegou Dhanya e Kelsey. Will, Beth e Ivy foram ao ringue. Max os encontrou no estacionamento. Bryan os viu assim que cruzaram a entrada.

— Olhem só! Que surpresa!

— Teríamos convidado você — disse Kelsey —, mas estava trabalhando.

Ele lhe deu um sorriso bobo. Usando shorts de ciclista bem justos e uma blusa com um decote insinuante, Kelsey obviamente queria chamar a atenção.

— Foi ideia de Ivy — ela acrescentou.

O sorriso de Bryan se apagou.

— É mesmo? Não sabia que você era uma grande fã de patinação — Bryan se dirigiu a Ivy.

— Tenho certeza de que já contei... No último inverno, Beth e eu patinamos todo final de semana.

Os olhos dele se estreitaram ligeiramente.

Estava desconfiado e ficaria de olho nela.

— Estamos bem treinadas — acrescentou Beth.

Ele deu um sorriso para Beth.

— Beth, que bom que voltou! Em sua homenagem, entrada livre! — Foi até o caixa e pegou ingressos para todos, inclusive outros patinadores que entravam no mesmo momento, fazendo disso uma exibição.

Beth corou.

— Vamos lá, pessoal, peguem seus patins. — Ele os conduziu até o balcão de aluguel e voltou para a sua tarefa de treinador impetuoso, o tipo de sujeito adorado pelo time, novos jogadores de hockey, pais, colegas...

Ivy achava Bryan mais assustador do que Gregory, quando estava vivo. Seu irmão adotivo jamais fingira gostar de alguém, a não ser de alguns poucos escolhidos. Bryan era amigo de todo mundo, mas podia virar-se contra qualquer um sem aviso-prévio.

— Ei, Chase, você está todo viril hoje! — provocou Bryan, enquanto trocavam os sapatos e as sandálias pelos patins.

Will sorriu, mas Chase não deu mostras de ter gostado da observação, embora o seu belo aspecto meio desarrumado — rosto sem barbear e o despenteado cabelo preto cacheado — devesse ser proposital. Ele estava saindo de novo com Dhanya e parecia que tinha vindo apenas porque ela queria.

Max, que tinha os próprios patins e os estava amarrando, ergueu os olhos. Ivy flagrou o seu ar melancólico ao ver Dhanya sorrindo e tocando o rosto áspero de Chase.

A estrutura frágil e o aspecto monocromático de Max, com cabelo castanho, olhos castanhos e o bronzeado desbotado, faziam dele a antítese de Chase. Mas, como sempre, Ivy achava atraentes as pessoas de quem gostava e tinha começado a enxergar certo charme no sorriso juvenil e na intrigante profundidade cor de âmbar dos olhos dele.

— Maxie, você está todo como sempre! — Bryan brincou. Max deu de ombros e sorriu. Ivy ficou imaginando se Max teria alguma ideia do que o seu bom amigo era capaz. *De jeito nenhum*, pensou.

Com os patins amarrados, ela levantou-se, ansiosa para chegar ao saguão que dava no ringue. Lembrava-se de que havia fotos nas paredes da passagem que levava ao ringue e também na da lanchonete. Mas permaneceu onde estava, mudando o peso de uma perna para outra, pois não queria que Bryan a visse examinando as fotos.

Enquanto os demais ainda amarravam os patins, o tio de Bryan apareceu, vindo do saguão.

— Ah, parece que a festa é na minha casa hoje! — ele disse, no mesmo tom alto e risonho do sobrinho. — Pegue os patins, Bryan. Você merece.

Bryan cumprimentou o tio e se retirou. Assim que ele e o tio Pat ficaram fora da vista, Ivy se dirigiu ao saguão.

A maioria das fotos era de times — filas de garotos parecidos, usando capacetes de hockey — com o nome do time e o ano impressos embaixo. Mas havia outras fotos. Ela reconheceu o tio Pat recebendo um prêmio, diante de uma faixa que dizia “Câmara do Comércio”. Havia uma foto em preto e branco dele com o jovem Ted Kennedy e uma colorida com Mitt Romney.

— Estou admirado — Chase disse com sarcasmo, juntando-se a Ivy diante da parede de fotos.

Ivy apontou.

— Quem é esse?

— Tom Brady. Zagueiro do Patriots.

— E este cara?

— Wayne Gretzky, acho. Uma megaestrela do hockey.

Dhanya foi até eles.

— Nossa, o tio de Bryan conhece um monte de gente famosa!

— Ele foi *fotografado* com eles — Chase corrigiu.

— Oi, pessoal, o que estão olhando? — Bryan tinha voltado, trazendo os patins.

— As maravilhosas relações da sua família — disse Chase.

Bryan riu.

— Esse é o meu tio, sempre com os ricos e poderosos. Na verdade, ele já levantou fundos para a comunidade muitas vezes.

À medida que o grupo seguia adiante, Ivy ficou para trás, os olhos voltados para uma foto no final do saguão. Dois garotos, de sete ou oito anos, vestindo camisetas de hockey grandes demais e toucas do papai-noel, sobre patins de gelo, sorrindo para a câmera, de braços dados. O pequeno Bryan e Luke, há muito tempo, provavelmente durante as férias de natal.

— Reconhece? — A voz de Bryan soou junto da orelha dela.

Ivy olhou para os lados. Os demais já tinham ido.

— Como pôde ter se virado contra o seu melhor amigo?

— Moleza — disse Bryan. — Luke não ia chegar a lugar nenhum. Mas eu ia, Ivy, e ainda vou. Que trágico, não é? — acrescentou, rindo do mesmo jeito enganosamente calmo de quando rira das ligações do tio. Isso arrepiou-a até a alma.

— Quer ser minha parceira de patinação? — ele perguntou.

— Você já tem uma te esperando — ela respondeu, com um sinal de cabeça na direção de Kelsey, que se virara, procurando Bryan.

— Ah, ela. — Ele sorriu para Ivy e afastou-se.

Ivy o seguiu, relutante, prometendo a si mesma que voltaria às fotos assim que pudesse sair furtivamente. Por algum tempo, patinou com Max. A cada vez que fazia a curva em uma das pontas do ringue alongado, lançava um olhar para a lanchonete, desejosa de que os amigos logo ficassem com sede, de modo que pudesse ter uma desculpa para ver as fotos. Havia divisórias entre os quiosques e as arquibancadas que rodeavam o ringue, mas a praça de alimentação ainda ficava visível e Bryan perceberia se ela saísse sozinha.

Naquele momento, ele patinava com Kelsey e uma garotinha. A criança, de camiseta de jogador e capacete, com as trancinhas voando no ar, sorria de orelha a orelha.

Max acompanhou o olhar de Ivy.

— As crianças adoram Bryan. É um ótimo treinador. O meu pai diz que ele daria um excelente vendedor.

Ivy deu uma passada adiante de Max e virou-se, patinando de costas e encarando-o. Em sua busca por alguém que pudesse ter visto alguma coisa sem se dar conta da importância disso, Max era um bom começo.

— Quando vocês ficaram amigos? — ela perguntou.

— Na faculdade.

— Antes disso, não?

— Foi durante uma temporada de hockey, na verdade, numa festa depois de um jogo importante. Fiquei meio surpreso de que Bryan andasse comigo, sendo ele essa estrela do campus, sabe como é.

Isso não surpreendia Ivy. Bryan adoraria um amigo rico com brinquedos caros — como um barco, por exemplo.

Max sorriu.

— Depois descobrimos que ele estava trabalhando a pouca distância da minha casa no verão. Foi muito legal!

Ivy assentiu.

— Imagino! Você gostava de praia. Vocês dois gostam de barcos. — Ela continuou patinando de costas, observando a expressão de Max.

— Bom, Bryan não sabia muito de barco, mas realmente gostava.

— Ah, é? — disse Ivy. Max deixava Bryan dirigir os carros dele. Daria a ele a chave de um barco? Provavelmente.

— Começamos a vir em maio, nos finais de semana, para passar o tempo.

Em que momento, pensava Ivy, Bryan teria planejado matar Luke e jogá-lo no mar? E teria se saído bem ao tentar apagar todas as pistas? Talvez, mas... na pressa...

Ivy viu Bryan se aproximar por trás de Max, encarando-a, e virou-se para patinar lado a lado com Max, de modo que a conversa não parecesse um interrogatório.

— Você me levaria passear no seu barco? — ela perguntou.

— Claro. Qual deles?

Ela hesitou.

— A lancha.

— Seria ótimo.

Patinaram mais um pouco juntos, então, Ivy viu Dhanya e Chase saindo do rink e se apressou para se juntar a eles.

— Oi, gente. — Ela se atirou no banco mais baixo da arquibancada. — Estão com fome?

Dhanya deu uma olhada em Chase.

— Talvez comida ajudasse... Ele não está se sentindo bem — ela contou a Ivy. — As luzes estão incomodando.

Ivy observou a iluminação do rink e depois estudou o rosto de Chase.

Ele protegia os olhos com a mão.

— Talvez, se não for só comida gordurosa americana.

— Duvido que tenham tofu e chá verde, mas deve haver alguma coisa simples, como um *pretzel* — Ivy disse, tomando a dianteira.

A praça de alimentação tinha mesas de madeira e cadeiras pintadas de laranja e azul vibrantes, fazendo um contraste alegre com o cinza do rink. O mosaico de fotografias emolduradas, penduradas nas paredes que ficavam frente a frente, começava em preto e branco e chegava às coloridas. Enquanto Dhanya e Chase faziam seus pedidos, Ivy checava as fotos, começando pelas que pareciam ser as mais recentes. Além das fotos da formação dos times, havia fotos de jogadas, e Ivy reconheceu Bryan em muitas delas, em que aparecia treinando jogadores mais novos.

O coração dela deu um salto: Bryan de paletó. Ela tirou uma cadeira do caminho para olhar a foto mais de perto.

Não dava para ver o punho da camisa. Parecia ser de uma cerimônia em que ele e o tio entregavam troféus às crianças.

Havia outra foto de Bryan e Luke, que deve ter sido tirada na escola. Ivy engoliu em seco. Era estranho ver um rosto que agora via como o de Tristan, olhando para ela, e parecendo à vontade

como um arrogante jogador de hockey.

— Está apaixonada por ele ou por mim? — Bryan perguntou, baixinho.

Ivy sobressaltou-se.

— Por ele, claro. De quando é esta foto?

— Último ano, pouco antes de vencermos o campeonato da cidade. Pouco antes de Luke sair da escola.

— Ele saiu? Que chato — Ivy disse.

— Menos de três meses antes da formatura e Luke saiu. Não ligava para nada além de hockey, Corinne... e eu — Bryan deu um sorriso largo. — Luke gostava de mim.

Ivy sentiu vontade de lhe dar um tapa. Odiava essa indiferença inconsequente de Bryan. E tinha medo disso. Não havia como apelar para o senso de justiça, muito menos para a compaixão, quando alguém era desprovido de sentimentos para com os outros.

Para alívio de Ivy, Kelsey vinha na direção deles com duas casquinhas grandes, e Will e Beth tinham acabado de parar para o descanso. Pedindo licença, Ivy juntou-se a eles no sorvete e depois voltou ao rink.

— Vamos lá, Ivy. Como fazíamos antes — Beth a convidou. Patinaram pelo rink de braços dados, num ritmo perfeito, como tinham feito no último inverno. Beth acompanhava a música que tocava no rink; Ivy a seguia em perfeita harmonia.

Enquanto patinavam, Ivy continuava a olhar em volta, tentando entender a estrutura do lugar. Viu o que pareciam ser vestiários masculinos e femininos e portas para outras salas, que podiam ser as das salas de manutenção e almoxarifado. O tio Pat devia ter um escritório em algum lugar. Era sua última chance de encontrar uma foto que incriminasse Bryan: um santuário de fotos de família.

Will se uniu a elas e patinaram os três, com Ivy no meio. Depois de várias voltas, ela se soltou da mão deles.

— Alcanço vocês depois — ela disse. Quando os dois não fecharam o vão entre eles, Ivy juntou as mãos de Beth e Will e saiu patinando.

O tio Pat tinha colocado a “música de namoro” e ela viu, pelo canto dos olhos, Bryan e Kelsey entrarem no rink, pelo lado mais distante. Ivy foi em linha reta até o vestiário. Em um dos banheiros, desamarrou um dos patins, depois passou os cadarços dele na lâmina do outro até rompê-lo. Agora tinha uma desculpa para andar de meias por ali, fingindo ter se perdido no caminho para o balcão de aluguel. Entre o saguão e a praça de alimentação, encontrou a porta que queria, com uma placa na qual se lia: “Patrick Cavanaugh, Proprietário, Gerente, Chefe. Não se esqueça disso!”

A luz do escritório estava acesa e a porta parcialmente aberta. Ela prestava atenção aos barulhos e, em seguida, deu um empurrãozinho na porta. Não houve resposta. Espreitando ao redor, deslizou para dentro.

Como tinha imaginado! Fotos de esporte, fotos de família e recortes de jornal emoldurados.

— Você está procurando alguma coisa?

Ivy ficou paralisada, virando-se devagar para encarar Bryan.

— Oh. Seu Cavanaugh!

— É o que diz na porta.

Ela assentiu.

— O senhor tem a voz do Bryan. Sou Ivy, amiga dele.

— Algum problema?

Ivy mostrou os patins e o cadarço partido.

Ele ergueu a sobrancelha.

— O balcão de aluguel é para lá — disse, apontando.

— Eu sei. — Ivy tinha se tornado muito boa com mentiras, e um dos truques era contar o máximo de verdades na mentira. — Não deveria ter entrado, mas queria ver as fotografias. Vi algumas na lanchonete. O senhor tem algumas muito boas de Bryan treinando.

O homem sorriu. Ela tinha acertado no alvo, um tio muito orgulhoso do seu talentoso sobrinho.

— Ele é ótimo com as crianças. Poderia viver como treinador, se não fosse tão bom jogando também.

— Bryan contou que a mãe jogava.

O tio Pat deu uma risadinha.

— Sim, aposto que contou que ela era melhor do que eu e meus irmãos.

— Ah é?

— Sim. — Ele riu mais. — Aqui está ela — disse, apontando uma foto, o que permitiu que Ivy adentrasse ainda mais a sala.

Ivy sorriu: vigorosa, a mãe de Bryan parecia-se com ele, mas com uma fita no cabelo. Junto da foto dela havia um recorte de jornal, amarelado pelos anos, cuja foto mostrava o tio Pat bem mais jovem e esguio, cuja manchete anunciava: “Outro Cavanaugh leva o time ao campeonato”. Para ganhar tempo, Ivy parou para ler o artigo e, quando viu o tio de Bryan ir na direção de sua escrivaninha, examinou rapidamente a parede de fotos. Ali estava ela! Uma foto de Bryan num terno, recebendo um troféu. De onde estava, não dava para ver a abotoadura. Voltou os olhos para o velho artigo sobre o tio Pat.

— É muito legal — ela disse — levar um esporte assim em família. O artigo diz que o seu pai era um grande goleiro. Ele ainda está por aqui para ver Bryan jogar?

— Não, mas ele o viu menorzinho. Você está meio interessada no Bryan?

O tio Pat lhe ofereceu a desculpa que precisava. Ivy fingiu entusiasmo.

— Adoraria vê-lo jogar!

— Bryan recebe ingressos da universidade para os jogos em casa. Peça a ele.

— Talvez eu peça — Ivy disse, dissimulando um sorriso tímido. Foi andando na direção desejada.

— Esta é uma bela foto dele. Que troféu é esse? — Perscrutou a foto bem de perto. Com o cotovelo dobrado e as mãos segurando o troféu, as abotoaduras de Bryan estavam bem visíveis. Se ampliada, seria uma prova suficiente? Quase engasgou quando viu a data escrita na etiqueta: a data do atropelamento.

— Ele foi finalista da Northeast Interscholastic Athletic Association.

NIAA, Ivy repetiu para si mesma, a fim de memorizar isso.

— Para chegar tão longe, teve que ser eleito o Melhor Jogador do Ano da Escola de Providence, e não só entre jogadores de hockey, mas entre todos os atletas.

— Impressionante! — ela leu o texto em branco no canto inferior da foto: D. L. Pabst, repetindo para si mesma o nome do fotógrafo profissional, a pessoa que teria o arquivo digital da foto.

— Deve ser grande a pressão sobre Bryan.

— Bem, se existe alguém que consegue aguentar isso, é ele. — O tio Pat olhou para ela, pensativo.

— Sabe, você deveria ter essa conversa com Bryan. Os rapazes, na maioria, ficam lisonjeados com o interesse de uma garota.

Ivy tentou parecer doce e esperançosa.

— O problema é que ele é namorado da minha colega de quarto. Por favor, por favor, não conte a ele que perguntei dele.

O tio Pat deu uma piscadinha.

— Pode deixar, guardo o seu segredo.

— Obrigada pelo tour de fotos.

— De nada. Sempre que quiser...

Ela virou-se para sair.

— Ivy — ele a chamou.

— Sim?

— Bryan nunca fica com uma garota muito tempo. Você vai ter a sua oportunidade.

A minha oportunidade de colocá-lo atrás das grades, ela pensou.

— Obrigada. Espero que sim!



Capítulo 4



Um raio dentado cortou o céu da meia-noite e o trovão ressoou. Tristan apertou Ivy contra si, embora soubesse que esse instinto de defendê-la era inútil — o corpo dele não a protegeria de um raio.

— Mais uma casa — Ivy gritou à medida que os pingos de chuva engrossavam.

Correram os últimos metros até a porta da frente dos Steadmans, Tristan rapidamente na frente, puxando Ivy. Outro raio riscou o céu seguido de um estrondo de arrebentar os tímpanos. Tristan segurava a lanterna, enquanto Ivy enfiava a chave na porta. Entraram, batendo a porta em seguida, isolando-os da tempestade.

Ivy tocou o braço dele.

— Tristan, você está tremendo.

Ele deixou a mochila pesada cair no chão. Queria brigar com ela por ter remado até ele havendo previsão de tempestade.

— Gregory atacou uma vez, Ivy. Ele vai atacar de novo!

— Estamos em segurança agora — ela disse, envolvendo-o nos braços.

Estava ensopada até os ossos e, embora ele soubesse como era forte o espírito dela, o seu corpo parecia frágil. Fechou os olhos. Se ao menos fosse um para-raios e pudesse afastar dela a vingança de Gregory.

— Está tudo bem, Tristan.

Mas não estava. Fazia quase uma semana que Gregory tinha deixado Beth. Devia estar planejando alguma coisa — outro golpe mortal, outra posse da mente de alguém.

— Tenho boas notícias — disse Ivy, envolvendo-o pelo pescoço e se afastando um pouco para trás, parecendo satisfeita consigo mesma. — Encontrei a foto!

Ela relatou a noite no ringue de patinação.

— Posso ligar para o fotógrafo e pedir uma cópia.

— E aí? — Tristan perguntou.

— Levo-a para a polícia. Eles vão poder requisitar o arquivo digital e ampliar a imagem.

Ele balançou a cabeça. Ela não estava raciocinando direito.

— Mesmo que façam isso, Ivy, não prova que Bryan tinha um motivo para matar *Corinne*. Ainda

vamos precisar de provas de que ela o chantageava em relação ao incidente. E se a polícia não fizer uma prisão imediata...

— Um passo por vez — ela o interrompeu. — Vou encontrar essa prova também.

Ele a puxou para si novamente, colocando o rosto nos cabelos molhados dela.

— Vamos — ela disse suavemente. — Vamos explorar o lugar.

O térreo tinha um vestíbulo e uma sala grande à direita, com portas de vidro ao fundo, que Tristan imaginou darem para a Nauset Harbor. À esquerda, subindo seis degraus a partir do vestíbulo, havia uma sala de jantar e uma cozinha. O clarão dos raios iluminava as janelas compridas, como a claraboia no teto das catedrais. Uma lareira moderna ocupava a parede mais ao fundo. Tristan acompanhou Ivy pelo primeiro andar, subindo um lance de escadas até os quartos. Os dois quartos menores pareciam ser os das crianças.

— Não sei se consigo dormir aqui — Tristan disse, tentando brincar. — Prefiro lugares com cheiro de peixe podre e cocô de passarinho.

— Você vai se acostumar — respondeu ela, o sorriso iluminado pela pálida luz da lanterninha da caneta e de repente ofuscado pelo espocar de um raio.

— Fique comigo esta noite — Tristan pediu. — Pelo menos até a tempestade parar.

Ela acariciou-lhe o rosto com o dorso dos dedos.

— Por algumas horas. Tenho de voltar antes que os outros acordem.

Embora exaustos, era estranho se mudar para a casa de alguém sem convite e dormir na cama dessas pessoas, por isso levaram cobertores e travesseiros para a sala de estar e os espalharam pelo chão. Ivy ajustou o despertador do seu celular e caiu no sono imediatamente. Tristan ficou com ela entre os braços, ouvindo a sua respiração suave. A chuva parou, os relâmpagos foram produzindo um trovoar cada vez mais longínquo, e Tristan foi apagando.

Foi acordado por um barulho agudo. Sentando-se rapidamente, ele virou-se na direção do vestíbulo. Uma centelha de luz azulada movimentava-se na porta da frente. Ivy se mexeu e abriu os olhos, Tristan colocou um dedo sobre os lábios dela.

— O que foi? — ela insinuou.

— Fique aqui — ele cochichou, sabendo que provavelmente ela não ficaria.

Na ponta dos pés, foi até o último dos degraus e viu uma luz azul que se mexia nas lajotas do vestíbulo. A tevê estava ligada, sem som. Tristan se arrastou pelos degraus abaixo. Sentiu Ivy junto de si quando espiou a sala de estar. Na tela grande, uma boca grotesca abria-se cada vez mais, a câmara dava um close no que devia ter sido um grito horripilante.

Vasculhando a sala rapidamente, Tristan viu uma névoa arroxeadada enrolada como um gato num canto do sofá.

— Lacey?

— Oh — disse a névoa arroxeadada. — Eu acordei vocês?

Tristan ouviu a risada aliviada de Ivy.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou.

— Assistindo a um vídeo. Já que estão acordados, posso até aumentar o som. — Ela se materializou lentamente no sofá e pegou o controle remoto.

Tristan deu uma olhada na direção das portas duplas e das janelas.

— Lacey, é madrugada e não queremos chamar atenção.

— Eu verifiquei as sombras. Elas estão firmes. — Ela colocou os pés calçados com botas sobre a mesinha diante dela. — Conhecem esse filme? Sentem-se. Vão adorar!

— É você, não é? — Ivy perguntou, apontando a tela.

— Foi o meu primeiro filme — Lacey gabou-se. — Quando fiz o teste, o produtor disse ao diretor: “Não vamos encontrar uma boca deste tamanho em nenhuma outra garota de nove anos!”

Por minutos, Tristan assistiu a uma jovem Lacey correndo por sua vida daquilo que parecia ser uma barata escamosa bombada por esteroides. Pelo canto dos olhos, viu Ivy verificar a hora no celular, sentando-se depois na outra ponta do sofá.

— Jamais imaginei que filmes de horror fossem a sua praia — comentou Lacey com Ivy, soando satisfeita.

— Em geral, não, mas você está nele.

Lacey estava correndo em uma floresta primitiva, com o rosto quase explodindo de pavor e pânico. Aparentemente, sutileza não fazia parte do estilo dela.

— O que você acha? — ela perguntou.

— Bastante... dramático — Ivy respondeu.

Tristan se sentou numa cadeira perto do sofá.

— Você poderia desligar isso um pouco pra gente conversar?

— Consigo conversar assim — Lacey garantiu.

— Mas eu não.

O anjo assistiu mais um pouco, depois apertou o botão de pausa. Uma imagem imensa de sua cara de terror ficou congelada na tela.

— Lacey, não vimos sinal de Gregory. Você sabe o que está acontecendo?

— Não, mas posso imaginar.

— Então, imagine — Tristan lhe disse.

— Depois de seu raio descomunal, ficou fora de cena. Mas vocês conhecem o antigo ditado: o que não mata, engorda. Ele provavelmente está por aí, circulando, à procura de uma nova mente para possuir.

— Ainda que tenha sido mais forte com o raio? — Tristan perguntou.

— Só se você igualar o poder de fritar pessoas — Lacey respondeu. — Gregory sempre gostou de exercer o poder manipulando as pessoas, vendo-as fazer o que desejava. Era assim quando vivo, é assim morto. — Ela suspirou. — É um problema comum a todos nós, mortos: estamos acostumados demais a ter um corpo.

— Não preciso das mãos para mexer nas coisas — o controle remoto girou na mesa, então Lacey estendeu um braço materializado e o fez parar —, mas gosto delas. Pensar e agir como humanos é um hábito difícil de deixar. Gregory vai possuir outra mente, uma mente mais dócil que a de Beth, para arrumar um bom par de mãos. Eu garanto que vai.

— Preciso impedi-lo — Tristan disse.

— Não — Lacey retrucou —, Ivy faz isso. *Bryan* é o seu inimigo. É Bryan, provavelmente, quem vai abreviar o tempo de você se redimir. Gregory nem sabe que você está por aqui. Ele só vai ser seu inimigo se você permitir.

— Ele se tornou o meu inimigo na primeira vez que tentou matar Ivy.

— E veja onde você foi parar: num cemitério!

Tristan viu Ivy se retrair.

— Desculpe ter que lembrá-lo — Lacey continuou —, mas você não é mais o anjo de Ivy. Você tem uma batalha própria agora.

Tristan a ignorou.

— Gregory tentou matar Ivy através de Beth. Antes, ele tentou na Morris Island e...

— Para ser mais exata — Lacey o interrompeu —, um carro tirou Ivy da estrada da ilha.

— Gregory estava por trás desse acidente, com certeza!

— Nem todo o mal do mundo está ligado a Gregory. O seu amor por Ivy está cegando você.

— Por favor, Tristan, escute o que ela está dizendo — Ivy implorou.

— Vou escutar quando me disser alguma coisa útil, como o que Gregory fez, o que está fazendo agora, o que planeja.

Como foi no início é agora e será para sempre. Nosso.

Tristan virou a cabeça ao som das palavras sussurradas, depois olhou a cara de pavor congelada na tevê. As vozes o tinham encontrado aqui?

Ivy o abraçou.

— Deixe que eu procuro essas respostas, está bem? Me dê algum tempo, Tristan, e vou encontrar tudo o que precisamos saber.

O alarme tocou no telefone dela.

— Preciso ir embora.

Tristan foi até a porta com ela.

— Fique aí — Ivy lhe disse. — Fique em segurança, por favor.

— Só um minuto.

Ele fechou a porta atrás deles e a acompanhou até o caminho de cascalhos.

— Ivy — disse, pousando as mãos nos ombros dela —, podemos criar milhões de teorias sobre a minha redenção, mas uma coisa é certa: o amor é bom. Não existe a possibilidade de o meu amor por você me condenar.

Ela ficou um instante em silêncio.

— Talvez não seja tão simples quanto o amor de uma pessoa pela outra.

— Como assim?

— Talvez se trate de como amamos — ela disse —, das escolhas que fazemos.

Ele estava ficando irritado.

— Não entendo.

— Talvez se trate das atitudes que tomamos, do que *fazemos* quando amamos.

— Eis o que eu faço — ele respondeu, beijando-a com o mesmo desejo e encanto que tinha sentido na noite do acidente na Morris Island.

Ivy ficou contente por ser o dia de Beth, Kelsey e Will trabalharem no café da manhã. Ela se sentiria muito tentada a se sentar com um dos hóspedes e tomar um café. Não que não fosse tentador se deitar em uma das camas que estava arrumando.

Quando terminou o serviço, foi até a praia, planejando recuperar o sono. Colocou a toalha a metros de distância do monte de pessoas tomando banho de sol. Tendo as dunas a distância e a linha do telhado da pousada e das casas particulares num horizonte acima da ribanceira coberta de arbustos, ela alegremente remexeu os dedos do pé na areia quente, deitando-se de bruços.

Beth estava de novo no chalé, escrevendo muito para recuperar o tempo perdido depois de Gregory ter bloqueado a sua habilidade de escrita. Ivy esperava que ela e Will se juntassem para trabalhar na história — por eles mesmos, não por Philip. Esse foi o seu último pensamento antes de adormecer.

Algum tempo depois, a voz de Dhanya a acordou:

— Por que está tão longe?

Ivy abriu um dos olhos.

— Só queria ficar longe dos nossos hóspedes.

Dhanya chutou fora os chinelos e estendeu a toalha.

— Quase não te vi.

Eu quase consegui, Ivy pensou e fechou os olhos

Ivy esboçou um sorriso, fechando os olhos.

Ouvindo o farfalhar das páginas da revista que Dhanya lia, Ivy embarcou de novo num agradável cochilo praiano. O som de passos na areia vindo na direção delas a trouxe de volta à consciência.

— Kelsey me disse para procurar vocês. — O som da voz de Bryan provocou arrepios nos braços de Ivy. — Se vocês tivessem ido um pouco mais longe, estariam em Chatham.

— Ivy queria ficar longe das pessoas — Dhanya explicou.

— Mas não de mim — Bryan disse, estendendo a toalha ao lado de Ivy.

Ivy demorou a se virar.

— Longe dos *amigos*, com certeza não. Onde está Kels?

— Procurando os óculos escuros. Vocês se divertiram no rинque ontem à noite? — O tom de Bryan era relaxado, mas os olhos estavam atentos, e Ivy sentiu-se como se ele a sondasse.

— É divertido fazer um esporte de inverno no meio do verão.

— Então, temos que repetir logo isso — Bryan disse. — Vocês ouviram falar da festa de Max amanhã à noite?

— Convenci Chase a ir — Dhanya respondeu.

— E Beth, Will e eu — Ivy completou, embora não tivesse sido Dhanya a persuadi-la. Ivy percebeu que a festa seria a oportunidade ideal para revisitar a cena do crime e entender o que acontecera na noite em que Bryan saiu da festa e assassinou Luke. Descobrimo o rastro de Bryan, ela saberia onde mais procurar por indícios contra ele.

Bryan lhe deu um sorriso sarcástico.

— Bom, quem diria! Max vai ficar feliz de você finalmente aceitar um dos convites dele.

— Imagino que esteja na hora de descobrir o que estava perdendo. Lá vem a Kels. — Ivy acenou para ela.

— O que é isso, vamos acampar? — Kelsey reclamou, jogando as suas coisas ao lado de Bryan. Estava exibindo novos e estilosos óculos escuros.

Bryan olhou-a por cima dos ombros.

— Parecem os meus óculos de dirigir.

— São mesmo — Kelsey respondeu. — Devo ter deixado os meus na casa do Max. Veja só o que mais achei no seu carro — ela acrescentou num tom melindroso.

Com outra olhada de esguelha, Bryan virou-se rapidamente na toalha. Kelsey ergueu o braço para longe do alcance dele, provocando-o.

— Encontrei no banco de trás.

O pequeno objeto brilhou à luz do sol, então Ivy teve uma boa visão da presilha de cabelo: um

distinto triângulo de contas roxas. Ela ficou gelada. Era de Alicia — ela a estava usando na primeira vez em que a vira. E devia estar usando-a também na noite em que Bryan a matou.

— Fico com ela — Bryan disse com calma, depois de recuperado do choque inicial.

— De quem é? — Kelsey perguntou, segurando a presilha atrás das costas.

— Ah, Kelsey, entregue isso — ele disse, estendendo a mão, com a palma para cima. — Não é sua.

— Não diga! — ela respondeu, olhando de novo a presilha e a enfiando no cabelo. — É de alguma garota com quem você andou aprontando no banco de trás do carro.

Ivy se encolheu diante da verdade por trás das palavras de Kelsey.

— Quem é ela? — Kelsey insistiu.

Assim que Bryan tentou alcançá-la, ela se levantou. Então, ele agarrou um punhado dos cabelos dela, mas ela foi rápida e tirou a presilha antes dele.

— Pare de fazer cena — disse ele. — Na faculdade, dou carona pra um monte de gente.

Ivy raciocinava rapidamente. Mais uma prova. A família de Alicia a identificaria. Um fio de cabelo pode ter ficado na presilha. E tanto Dhanya quanto Ivy ouviram Kelsey dizer onde ela tinha encontrado o objeto.

— Fique longe! — Kelsey gritou. — Pegue, Ivy! — Ela jogou a presilha.

Bryan se virou. Os olhos dele se cruzaram com os de Ivy com uma determinação que queimava como fogo. Ele quebraria os dedos dela se precisasse. Mas ela segurou a presilha o mais firme que pôde. Suspeitava que fosse a preferida de Alicia, talvez presenteada por alguém de quem ela gostava — talvez Luke. Ivy não iria soltar.

Bryan foi na direção dela devagar, de olhos fixos, sem piscar. Ela recuou um passo, depois outro.

— Jogue para mim — Kelsey chamou, pensando que era tudo brincadeira. — Jogue para mim de novo!

Mas Ivy segurou a presilha atrás das costas. À medida que Bryan se aproximava, ela sabia que não conseguiria — ela perderia a corrida até a pousada, mas não conseguia pensar logicamente. Agarrou a presilha como se pudesse proteger essa coisa preciosa para Alicia e saiu em disparada.

Bryan não esperava essa reação. Ficou paralisado por um instante. Então, correu como um predador, agarrando-a com facilidade e segurando-a com força.

Kelsey juntou-se a eles dez segundos depois, o riso já dando lugar à raiva.

— Você não consegue se controlar, né, Ivy? Tem que paquerar.

— Eu sei de quem é. Vou devolver para ela.

— Quem? — Kelsey perguntou. — Com quem ele anda?

— Uma garota que confiou demais.

— É seu, não é? — Kelsey acusou Ivy. — Por isso tem dado umas fugidinhas à noite.

— O quê?!

Bryan soltou o aperto que machucava, com um sorriso zombeteiro iluminando o seu rosto.

— Dando umas fugidinhas, Ivy? Visitando alguém que eu conheço?

— Kelsey, você já me viu com isso? — insistiu Ivy. — Você já viu alguma coisa parecida com isso na minha mesa ou no meu porta-joias?

Kelsey xeretava a mesa de todo mundo, assim como xeretou o carro de Bryan, para ver se havia alguma coisa que poderia pegar emprestado. Pensou um pouco.

— A... acho que não. — Voltou-se para ele com um sorriso conspiratório. — Vou contar até três: faço cócegas, você pega.

Bryan jogou Ivy no chão tão depressa que ela ficou sem fôlego. Kelsey lhe fez cócegas, mas foi a força dos dedos dele que conseguiu abrir sua mão. Ivy mordeu a mão dele. Por um instante, ele soltou, mas Kelsey agarrou a presilha.

Ela saiu correndo, segurando-a no ar como um troféu, olhando para trás para ter certeza de que Bryan a seguia. Ele a perseguiu e a ergueu no ar. Ivy viu Kelsey rindo e gritando quando ele jogou-a em suas costas e a levou para a água. Ela gritava e chutava, mas ele tinha força suficiente para carregá-la direto até depois da arrebentação. Virando-se para encarar Ivy, ele gargalhou.

Ivy teve vontade de vomitar ao vê-lo brincando de carregar alguém para a água. Quando viu o braço de Bryan arremessando um objeto bem longe no mar, ela sabia que era a presilha.

Ele e Kelsey nadaram de volta a uma profundidade que dava pé. Ele a puxou em um beijo apaixonado.

Com as mãos trêmulas, Ivy juntou suas coisas.

Dhanya, que tinha presenciado o espetáculo, virou-se para ela com um olhar surpreso.

— Já vai? Ivy, você não está mesmo interessada no Bryan, está?

— Não. — Sua raiva e frustração fizeram a voz soar entrecortada. — Bryan definitivamente não é o meu tipo.

— Não achei mesmo que fosse. Mas ele é o tipo que trapaceia — Dhanya observou. — De quem você acha que era a presilha?

Ivy sacudiu a cabeça.

— Eu só estava brincando — disse, e então começou a fazer o longo caminho pela areia.

Dhanya e qualquer outra pessoa que tivesse presenciado o que acabara de acontecer não teria visto nada além de um flerte de Bryan. Ivy via um assassino que não se importava em arrancar o coração das pessoas e depois jogá-las no mar como conchas quebradas.



Capítulo 5



No sábado à noite, quando Ivy, Will e Beth chegaram, a festa estava a toda. Ivy quase não conseguiu estacionar no gramado em frente a casa de Max. Ela tinha se oferecido para dirigir naquela noite e Beth rapidamente escolheu o banco da frente. Talvez tenha percebido a necessidade de Ivy de fazer o mesmo percurso que tinham feito na noite do acidente, passando pelo mesmo lugar sem ficar assustada.

Agora, tendo cumprido com êxito o primeiro desafio de sua lista, Ivy acompanhava os amigos pela lateral da casa dos Moyers, seguindo a luz viva das lâmpadas e a pulsação da música da festa. Will assobiou de admiração ao reparar no lugar e em sua vista panorâmica. A casa de Max, retangular e alongada, dava para o mar. Com deques superior e inferior que acompanhavam a largura da casa, com uma balaustrada branca e luminárias redondas, ela lembrava um navio de cruzeiro atracado no porto. Mas faltava o que Ivy mais queria ver.

— Não tem cais.

— Você não é nada exigente! — Will provocou.

Acompanhando Will e Beth, Ivy subiu um lance de degraus que levavam ao deque superior, pelo qual a festa se espalhava e lotava as salas que davam para ele. Deixando Will e Beth jogando pingue-pongue na primeira sala, que também tinha sinuca e um Wii, Ivy vagou pelo meio das pessoas, voltando ao deque. Em uma noite como esta, pensou, Bryan tinha saído para matar Luke.

— Ivy! Você veio! — Max chamou-a de onde estava, empoleirado na balaustrada a alguns metros.
— Achei que tivesse mudado de ideia.

Ela sorriu e foi até ele.

— Você joga alguma coisa? — ele perguntou. — Na sala ao lado tem um videogame e uma máquina de pinball. E há um filme em 3D no salão, perto da sala de jantar.

— Na verdade, eu queria andar até a praia — Ivy lhe disse.

Naquele momento, apenas dois barcos pequenos estavam ancorados no mar, balançando-se à luz da lua. Onde estaria o resto da frota de Max?

— Quer companhia? — Max saltou ligeiro no deque. Depois de arrumarem dois refrigerantes, andaram num silêncio gostoso ao longo do caminho de taliscas de madeira. A propriedade dos Moyers se esparramava até a praia e os convidados estavam espalhados em uma série de terraços ajardinados.

Se Bryan tivesse saído daqui com Luke, não haveria testemunhas? Ivy pensou. Duas pessoas

saindo e só uma voltando, alguém tinha que ter percebido.

— Aqueles barcos ali são seus? — ela perguntou.

— O barco a vela é de um amigo do meu pai. Usamos a lancha como táxi. Os nossos outros barcos estão numa marina na barragem, onde ficam melhor protegidos.

Protegidos de outras coisas além de tempestades, Ivy pensou, desapontada. Mas talvez a marina tivesse câmeras de segurança.

— Quando sairmos, você pode usar o barco que quiser — ele acrescentou.

— Quanto tempo um barco leva da marina até a Lighthouse Beach? — ela perguntou.

Max se virou para ela curioso.

— É para lá que quer ir?

Foi lá que “Luke” desaparecera. Ivy procurou uma desculpa.

— Não tem umas focas lá?

— Mais no inverno. Mas podemos ir até lá se quiser, descendo até o Monomoy e subindo pela South Beach até o farol.

— Ótimo! É longe? Quanto tempo levaria para chegar lá, no farol?

— De motor em vez de vela, uma hora.

Uma viagem de duas horas para Bryan, ela pensou. E ainda mais se acrescentasse a luta e o descarte do corpo, mais a limpeza na marina. Max não teria notado que o seu grande amigo tinha sumido fazia tempo?

— Tenho a segunda livre — ele ofereceu.

— Seria ótimo!

Enquanto andavam pela praia, Max contou a Ivy dos lugares diferentes onde tinha velejado.

— Você costuma navegar à noite? — ela perguntou.

— Às vezes, com Bryan. Ele gosta de pescar à noite, mas é preciso ficar muito atento ao navegar nesse horário.

Ivy imaginou que Bryan tenha ficado bem atento, prestando atenção em tudo o que Max fazia para aprender a manejar o barco encoberto pela escuridão.

Eles retomaram o caminho até a casa. Duas pessoas esparramadas na grama chamaram Max.

— Festa maravilhosa! — comentaram.

Mas outras quatro passaram por eles sem nem se voltar.

— Max, você realmente conhece todo mundo aqui?

Ele riu e tomou um gole de refrigerante.

— Acho que nem a metade sabe que sou o dono da festa. Às vezes, me canso do barulho e vou

embora, as pessoas continuam.

— Quando Beth e eu nos envolvemos no acidente, você estava na sua festa?

Max pareceu tenso, a pergunta o pegou desprevenido.

— Sim, estava por lá.

— E Bryan?

Max olhou em volta. Talvez para ver se mais alguém iria ouvi-lo, Ivy imaginou. Talvez estivesse refletindo sobre a resposta e procurando pelas palavras que não denunciariam nada.

— A polícia entrevistou um monte de gente da festa — ela continuou. — Eu li o relatório.

O olhar de Max demonstrava que ele acreditou em sua mentira — ele achou que ela sabia quem estivera presente durante a investigação da polícia.

— Bryan não estava aqui na hora — ele confessou.

— Com todos esses convidados, como você ia saber?

— Porque... eu procurei por ele.

— Ah, então o Bryan também sai das festas às vezes. Ele empresta o seu carro e sai por aí? Ou o seu barco?

Max levou um tempo para responder.

— Acho que o gelo tinha acabado e ele foi buscar mais.

Bryan teria se ausentado muito tempo, mais do que levaria para buscar gelo, pensou Ivy. Max ignorava isso ou estaria acobertando Bryan?

Ela insistiu um pouco mais:

— Ele foi de carro ou de barco? Imagino que na marina eles vendam gelo, então ele pode ter pegado o seu táxi.

— Não me lembro bem, Ivy. Bebi muito naquela noite.

Fizeram o resto do caminho num silêncio constrangedor. Quando alguém os chamou de um banco escuro, Max se sobressaltou.

— Oi, Chase — Ivy respondeu, ouvindo Max soltar o ar lentamente. Acompanhando o olhar de Max até o deque acima deles, ela viu Bryan na balaustrada, observando-os.

Max se remexeu, alternando o peso de um pé a outro.

— É melhor eu dar uma olhada nas coisas.

— Claro. Alcanço você depois — Ivy disse, esperando não ter colocado Max em perigo. Virou-se na direção de Chase.

Ele estava sozinho, sentado no banco com as pernas esparramadas, os braços dobrados atrás das costas, parecia perdido, como ela jamais o vira antes. Ao se sentar, Ivy sentiu o cheiro de álcool — alguma coisa mais forte que cerveja, pensou. Um copo vazio estava virado embaixo do banco; Chase

sacudia um segundo copo nas mãos.

— Está se divertindo? — ele perguntou a Ivy, tomando um generoso gole. — Com quem veio hoje?

— Beth e Will.

— Não arrumou companhia?

Ivy riu um pouco da insinuação.

— Não quis nenhuma.

— Porque ainda está ligada ao... como é o nome dele? — Chase palpitou. — O cara que gosta de matar as antigas namoradas.

Ivy se sentiu alfinetada.

— Se está se referindo a Luke, ele foi *acusado* de matar a antiga namorada.

— *Acusado* — Chase a imitou, rindo. — Obviamente, ainda está ligada nele.

— Não.

Chase tentou erguer uma sobrancelha, mas sua bela fisionomia estava caída por causa do álcool.

— Luke não é quem eu pensei que fosse.

— Mesmo assim, as meninas gostam de caras perigosos. Acham emocionante tentar domá-los.

— Não esta aqui — Ivy respondeu.

— Onde ele está? — A pergunta dele soou como uma ordem.

— Não sei.

— Onde você *acha* que ele está? — Chase insistiu.

Ivy se inclinou, encarando Chase de frente.

— Em nenhum lugar aqui perto, se tiver algum cérebro.

— Mas em nenhum lugar muito longe — Chase contrapôs. — Não se você o físgou.

Ivy se recostou.

— Tanto faz. Deixo esse mistério para a polícia resolver.

— Que mistério é esse?

A voz profunda de Bryan sobressaltou Ivy. Cruzando o gramado atrás deles, em vez de andar na trilha, ele provavelmente quis surpreendê-la.

— Oi, Bryan — ela o cumprimentou da maneira mais natural possível.

Segurando no encosto do banco, inclinando-se para a frente, ele se ergueu sobre a cabeça de Ivy e Chase.

— Então, que mistério estão tentando resolver?

— *Chase* é quem está tentando — ela respondeu.

— Onde seu velho amigo está escondido — Chase repetiu. — O que você acha?

— Luke? Ele não é mais meu amigo.

— Imagino que não — Chase sorriu —, agora que se virou contra ele!

— Ele já foi meu amigo — Bryan continuou, calmamente. — Portanto, não quero saber onde está.

Não quero ficar tentado a entregá-lo.

Ivy ficou arrepiada de ouvir como Bryan parecia sincero, fazendo de conta que estaria dividido entre uma velha amizade e a responsabilidade ética.

— Fico imaginando se há alguma recompensa — Chase disse.

Ivy ergueu os olhos e viu os olhos de Bryan se arregalarem ligeiramente. Ele pousou uma mão firme no ombro de Chase.

— Se eu fosse você, ficaria bem longe disso. — O tom do conselho parecia uma ameaça. — Tem gente que faz qualquer coisa para não ser pego. — Então, ele riu alto e Chase o acompanhou na gargalhada.

— Onde está Kelsey? — Ivy perguntou.

— Vai saber! — Bryan respondeu. — Entornando uns drinques por aí.

Ivy levantou-se, feliz de Kelsey não estar grudada em Bryan, mas preocupada por não saber onde ela estaria.

Voltando para a casa, ela vasculhou o deque e as duas salas de jogos, depois, enfiou-se no salão escuro do cinema e, em seguida, verificou a sala de jantar e a cozinha. Nada de Kelsey. Saiu de novo pela porta de correr da cozinha. A última sala iluminada no deque era deslumbrante. As estantes de vidro e a madeira laqueada de preto brilhavam, a mobília refletia o mármore preto e branco do chão bastante polido. Uma variedade de vidros coloridos sobre a cornija da lareira chamou a atenção de Ivy, mas ela não viu Kelsey de imediato. Então, vendo-a se curvar num canto, Ivy rapidamente abriu a porta.

— Você está se sentindo bem? — perguntou, apressando-se na direção dela. A cabeleira vermelha de Kelsey cobria parte de seu rosto. Ivy puxou-a para trás. — Kelsey, você está bem?

Kelsey massageou as têmporas, olhando para Ivy com olhos apertados.

— Dor de cabeça? — Ivy perguntou.

Kelsey assentiu, fechando os olhos por um instante.

— E o estômago?

— Enjoado. Acho que é isso o que acontece com minha mãe quando ela tem enxaqueca.

— O que você bebeu?

— Uma margarita. *Uma!* Não faça sermão.

— Tudo bem. O que eu faço então?

— Você pode me levar para casa?

— Você está passando mal mesmo! — Ivy disse, pousando a mão gentilmente no ombro dela.

Ela rapidamente enviou mensagens para Beth, Will e Dhanya, avisando que ia levar Kelsey para casa e voltaria para buscá-los. Não queria que pegassem uma carona com Chase nem Bryan. Então, ajudou Kelsey a se levantar.

— Vamos embora!

Uma sombra à porta interrompeu-as.

— Onde estão indo?

Ivy olhou Bryan por cima do ombro.

— Kelsey não está se sentindo bem.

— Que novidade — ele respondeu secamente. Andou até elas e virou rudemente o rosto de Kelsey na sua direção. Ivy queria lhe dar um empurrão, mas sabia que era melhor não tomar nenhuma atitude que pudesse provocá-lo (ou provocar Kelsey).

— Você bebe demais — ele disse. — Não tem controle.

Kelsey se afastou dele.

— Mas não bebi, não hoje.

— Vamos — disse Ivy a colega. — Vou levar você para casa.

Bryan reteve Ivy com a mão.

— Eu levo.

— Vou para lá de qualquer modo — Ivy disse, afastando a mão dele. Não iria deixar que ele saísse mais uma vez com uma garota que ele temesse estar fora de seu controle.

Bryan enfiou-se entre Ivy e a colega.

— Bom, Kelsey, se é o que você quer — ele a alfinetou. — Kate está aqui, lembra-se dela? A vizinha de Max. E a gostosa da Sophie. Eu não me importo.

— Claro que não — Kelsey respondeu, desanimada.

Bryan lançou um olhar suspeito para Ivy, como se ela tivesse culpa pela incapacidade dele de alimentar o ciúme de Kelsey.

— Não sei onde está a minha bolsa — Kelsey disse para Ivy, parecendo perdida.

— Tudo bem — Bryan respondeu depressa. — Ivy e eu vamos procurar por ela.

Antes que Ivy desse um passo, Bryan a agarrou. Ela sentia a pressão dos dedos dele no braço, enquanto ele a forçava a segui-lo até o saguão, arrastando-a em seguida para dentro de um cômodo, um escritório. Ele a emparedou contra um armário de arquivos.

— Tínhamos um acordo.

— Um acordo que mantive — Ivy respondeu.

— Então, o que deu nela?

Ivy deu de ombros.

— Às vezes, as pessoas passam mal.

— Não, tem mais coisa aí. — Bryan vasculhou a expressão de Ivy, com o rosto tão próximo que ela conseguia sentir o seu hálito de cerveja.

— Não estrague tudo agora, Bryan. Você pegou leve com Chase.

— Idiota, sempre interferindo!

— Não tenha um chique na primeira vez que a sua namorada fica chateada com você — ela disse. — Achei que fosse mais frio.

Bryan se afastou, com os olhos ainda fixos nela.

— Se estiver mentindo, vou descobrir.

— Eu sei, por isso não estou. Agora, me deixe levar a Kelsey antes que ela vomite.

Ivy se esquivou dele e, para seu alívio, viu Beth e Will correndo na sua direção. Ao mesmo tempo, recebeu uma mensagem de texto de Dhanya: “Chase está irritante. Espere por mim. Estou com a bolsa da K.”

Os cinco foram para casa em silêncio. Quando Dhanya e Beth levaram Kelsey para a cama, Will deixou-se ficar na entrada para saber se Ivy estava bem. Depois foi para o seu quarto.

Ivy tinha tantas coisas na mente para ponderar que não quis se reunir aos demais. E estava ansiosa para que fossem logo para a cama, a fim de que pudesse escapulir até Tristan. Sentou-se no balanço por alguns minutos, empurrando-se para a frente e para trás, depois andou pelo passeio do grande jardim da pousada. Naquela noite, à luz da lua, o quintal reluzia como uma tela de seda preta e branca.

Beth saiu pela porta do chalé.

— Como está Kelsey?

— Não muito bem, mas não está piorando.

Beth se juntou a ela no meio do jardim.

— Ivy — ela disse —, quando Gregory estava possuindo a minha mente, eu tinha dores de cabeça como essa.

Ivy assentiu e disse:

— E Chase teve dores do mesmo tipo duas noites atrás, no ringue de patinação.

— Você acha que é Gregory experimentando hospedeiros?

— Não sei. — Ivy remexia com o dedo o delicado broto de uma flor. — Me espanta que Gregory tente possuir um deles, sendo que tem alvos mais fáceis disponíveis.

— Como Dhanya ou Max — Beth disse. — Também andei pensando nisso. Não consigo entender Max muito bem... tem alguma coisa no jeito de me olhar... — Beth deu de ombros. — Mas acho que para os propósitos de Gregory, Dhanya talvez seja fácil demais. Ela é suscetível a qualquer um que lhe diga o que fazer, o que é uma dificuldade para quem quer ser o único no comando. E Gregory quer.

— Nunca pensei por esse ângulo.

Elas continuaram caminhando pelo passeio do jardim.

— Chase pode não parecer o melhor candidato, pois enfrentaria Gregory no início — Beth admitiu. — Mas Chase é carente e ambicioso. Pessoas carentes sempre são vulneráveis. E pessoas ambiciosas podem ser seduzidas, pois querem algo que não têm.

— Gregory saberia jogar com essa combinação — Ivy concordou baixinho.

Chegando à pousada, elas circundaram a beirada do jardim. Beth parou no caramanchão de margaridas-do-campo, pegando com a mão um botão para cheirar. Ivy sabia que essa trepadeira era a preferida de Beth pela poética razão de suas grandes flores brancas começarem a abrir ao entardecer, quando o resto do jardim já ia murchando.

Beth se aproximou de Ivy e baixou a voz.

— Tristan está por perto, não está? — Foi mais uma afirmativa do que uma pergunta. — E você tem algum motivo para não contar a mim e a Will onde ele está.

Ivy se debateu uma vez mais com o assunto.

— Saber é perigoso, Beth.

— Mas nós podemos ajudar você — ela insistiu —, se você nos deixar.

Ivy balançou a cabeça.

— Ainda não. Sei que posso contar com vocês quando pedir. — Ivy não gostaria de precisar; seus amigos já tinham sofrido o suficiente.

— Will e eu falamos de você ontem à noite — Beth contou. — Queremos que use a minha ametista. Ela me ajudou, talvez ajude você. — Com uma mão, ela puxou a delicada corrente até chegar no fecho e o abriu. — Vire-se.

Ivy sentiu o diminuto peso do pingente contra o peito. Lágrimas inesperadas arderam em seus olhos. O presente de Will e Ivy a Beth, um sinal de seu amor, tinha se tornado o presente de Will e Beth a Ivy.

Beth puxou Ivy gentilmente pelo ombro.

— Aí está. Ficou ótimo. — ela sorriu.

Por um instante, Ivy sentiu o sossego que só se tem na presença de um amigo que pode ler o seu coração.

— Vou para a cama — Beth disse. — Diga a Tristan que Will e eu mandamos lembranças.



Capítulo 6



Ivy não ligou para Tristan antes de chegar à intersecção da Cockle Shell Road com a Nauset Heights.

— Oi — ela disse —, acordei você?

— Não. Já ia começar a ver o filme de Lacey.

Ivy sorriu.

— Deixe bem baixinho ou não vai me ouvir assobiando pelo Billy Bigelow.

— Você está vindo?

A alegria na voz dele falou direto ao coração dela.

— Sim, a pé. Chego em trinta minutos.

Uma viagem de caiaque e um quilômetro pela Nauset Harbor, em vez dos quase quatro quilômetros por terra, seria bem mais rápida, mas como já tinha usado esse caminho duas vezes, Ivy não quis chamar a atenção remando mais uma vez à noite. Carregando uma mochila cheia de suprimentos, ela andava animada, seguindo uma rota circular por três ruas até o outro lado da enseada.

Ao sair da Beach Road para a Brick Hill, fez uma pausa para mudar o peso da mochila. Foi quando ouviu um suave barulho de folhas amassadas, um passo ligeiro recuando pelas moitas ao longo da estrada.

O coração de Ivy palpitou. Bryan? Ou seria Chase possuído por Gregory, seguindo Ivy para encontrar o seu “novo” amor?

Combatendo a urgência de ser virar, ela andou firme, como se não tivesse ouvido nada, mas pensando rapidamente em quem a estaria seguindo e por quê.

As luzes de um carro iluminaram a rua e Ivy rapidamente se escondeu atrás de um amontoado de arbustos. Esperou até não mais ouvir o motor, antes de sair do esconderijo. Entre o cricrilar dos grilos, ela ouviu o rangido de pedras quando o seu perseguidor pisou na beirada do asfalto.

Quando Ivy saiu do chalé, fez um caminho pelo bosque entre a casa de tia Cindy e a rua principal. Portanto, quem a estava seguindo já tivera oportunidade de a agarrar. E, ela sabia, tinha outra oportunidade perfeita agora que ela passava pelo Ice House Pond, num trecho escuro de rua. Não iria machucá-la porque primeiro queria ver para onde ela ia.

Aproximou-se de uma rotatória conhecida. A rua que virava à direita levava a Tristan; Ivy pegou a da esquerda.

Verificando a posição da lua, ela tentou se lembrar do desenho das ruas. Em um mapa, Nauset Harbor se parecia mais com um rio do que com uma enseada, dobrando-se em si mesma ao serpentear pelo interior, transformando-se em Town Cove, com casas ao longo da costa e uma série de jardins públicos. Ela tomou aquela direção.

Queria muito encarar quem a perseguia. A tensão de continuar calmamente abalava os seus nervos e transformava o medo em raiva. Ficava lembrando a si mesma que o importante era a segurança de Tristan. Em vez de confrontar tinha de enganar a pessoa que o procurava.

Estava perto da angra agora e começou a procurar pela casa certa, uma com venezianas fechadas, sem carro nem luzes, um lugar onde um fugitivo se esconderia. Começou a pensar que seria impossível, então a viu — perfeita, com a grama crescida e um anúncio enfiado na porta. Ivy circundou a casa e colocou o pacote de suprimentos nos degraus do fundo. Depois de três pancadas secas na porta, ela se apressou, esperando ganhar distância suficiente para se virar e observar quem a seguia.

Ela havia descido alguns metros rua abaixo, quando um alarme tocou. Ivy se virou e viu as luzes piscando. A casa onde tinha deixado a mochila tinha alarme! O seu perseguidor provavelmente forçou uma janela. As luzes da vizinhança se acenderam. Ivy riu consigo mesma e tomou o rumo de casa.

Correu o tempo todo, imaginando que o seu perseguidor tivesse disparado em direção ao próprio porto seguro. Sabia que Tristan ficaria preocupado. Assim que chegou ao estacionamento da pousada, apoiou-se no carro e tirou o celular do bolso.

Um galho estalou sob seus pés. Ela se virou.

— Oi, Ivy — disse Chase, saindo do meio das árvores. Ele estava sem fôlego. Imaginou que tinha feito o caminho pelo bosque, enquanto ela ficou nas ruas principais.

— Chase! — Ela o estudou, procurando por indícios de que Gregory o teria possuído. — O que está fazendo aqui?

— Seguindo você.

— É mesmo? — ela perguntou com alegria fingida. — Então está de volta onde começou. — Deslizando o telefone no bolso, ela tateou as chaves. A chave do carro tinha um botão de alarme.

— Ivy, se continuar a levar coisas para Luke, mais cedo ou mais tarde a polícia vai alcançar você.

— Principalmente se você contar a eles — ela disse.

— Posso ajudar você, Ivy.

— Não, obrigada.

Ela foi passando por ele, mas ele puxou-a pelo cinto. Era um dos hábitos de Gregory. Ivy ficou arrepiada.

— Seria mais seguro para você se trabalhássemos juntos — ele falou.

Os olhos dele estavam normais, mas a voz... Era isso, ela percebeu. O mal estava na voz dele. Mas

ela continuou a falar com ele como se fosse apenas Chase:

— Luke é suspeito de assassinato. Não recomendaria que o ajudasse.

— Eu gostaria muito — ele respondeu. — Sou grande admirador de assassinos, em especial dos que fazem isso com paixão. São poderosos. Com as próprias mãos, espremem a vida, mesmo de pessoas que amam. — Chase lentamente flexionou os dedos, estudando-os, depois sorriu para Ivy. — Admita, Ivy, você gosta de garotos maus. — Aproximou o rosto do dela.

Ivy se afastou, revoltada.

O riso dele era áspero.

— Está bem — ele disse. — Pode fingir, se quiser, que eu não sei o que existe em você e que você não sabe o que há dentro de mim. Mas não esqueça nunca: eu conheço você, Ivy, os seus sonhos secretos, seus medos secretos... conheço a parte mais íntima de sua alma.

Ivy cruzou os braços, sentindo-se exposta, tanto de espírito quanto de corpo.

— Deixe Luke fora disso — ela disse. — Isso é entre mim e você, Gregory.

O sorriso falso sumiu. Por um instante, os olhos que Ivy encarou pareciam tão vazios quanto os buracos de um crânio do cemitério. Sentiu-se como se espiasse o inferno.

— Até outro dia — Gregory disse, indo embora.

— Em Chase! — Tristan repetiu ao telefone. — Ivy, você está bem? — Ele tinha passado a última meia hora andando de um lado para outro, sabendo que havia algo de errado. Não era normal Ivy se atrasar e não avisar. — Onde você está? Vou me encontrar com você.

— Não, está tudo bem mesmo. Estou do lado de fora do chalé. Consegue sobreviver com as coisas que tem?

Tristan deu uma olhada na pilha de doces no armário.

— Claro. Uma das crianças deixou uma reserva de chocolates e barras de granola.

— Não deixaram nada melhor nos armários da cozinha?

— Melhor que chocolate e castanhas? — Tristan suspirou ruidosamente ao telefone. — Vou dar uma olhada.

Ele ouviu Ivy rir. O coração de Tristan tinha finalmente parado de bater de medo. Sentando-se no sofá, ele observou o vídeo mudo com Lacey correndo em uma casa cheia de esquilos de aparência bizarra.

— Gregory não parece ter ideia de que você está no corpo de Luke — Ivy disse a Tristan. — Ele me falou sobre a admiração que tem por assassinos. Talvez ache que eu tenho bom gosto pra escolher garotos.

Tristan riu áspero.

— Mas você sabe como ele funciona — Ivy continuou. — Ele vai atrás de qualquer um que tenha intimidade comigo. Você deve ser o número um da lista. Ou, talvez, já que imagina que você é um

assassino, esteja procurando um aliado. De qualquer modo, é só uma questão de tempo para que encontre você.

— Não vejo a hora — Tristan respondeu. — Estou tentado a fazer um longo passeio pela praia a oeste da igreja. É onde fica a casa dele, certo?

— Tristan, não! Nem brinque com isso.

Tristan amassou um papel de bala em uma bolinha. Horas e horas, dias e dias, esperando, incapaz de fazer alguma coisa...

— Tristan?

— Eu ouvi você.

Ele falou de modo rude; o silêncio repentino dela indicava isso.

Tristan levantou-se, subiu os degraus que davam para a cozinha e começou a abrir os armários, vasculhando o interior deles com uma lanterna.

— Um monte de coisas saudáveis aqui — ele disse ao telefone. — Atum, macarrão, latas de sopa. Não se preocupe.

— Ótimo. — Ela pareceu aliviada. — Escute, a mamãe, Andrew e Philip vão chegar amanhã na pousada, só por uma noite, antes de seguirem para Boston. Vai ser um pouco mais complicado.

— Eu sei. Quero que fique em segurança e se divirta com Philip.

— Amo você, Tristan. — A voz dela tremeu.

— Amo você, Ivy. Sempre.

Depois de desligar, Tristan abriu uma lata de atum, comeu um pouco e guardou-a na geladeira. Então, foi com a lanterna até a sala e iluminou um exótico mapa ilustrado, pendurado em cima de uma cômoda. Traçando as ruas com um feixe estreito de luz, ele localizou a antiga igreja, a praia onde Mike Steadman tinha sido fulminado e a praia particular a oeste, onde Gregory mora agora.

Era perto o suficiente para ir a pé.



Capítulo 7



— Desenhe isto — Philip instruiu Will. — Ivy com essa roupa de lantejoulas.

Beth ergueu os olhos e sorriu.

— Gosto dessa descrição.

Ivy passou os dedos pelo monte de algas marinhas que Philip tinha arrumado com capricho em sua cabeça.

— Assumo que sou o vilão desta história.

— É mesmo — Will disse, desenhando rapidamente. — Mas vou mudar o nariz e ninguém vai reconhecer você.

Beth riu. O lápis dela também não parava de se mover desde que tinham estendido as toalhas na praia. De onde Ivy estava, achava que via poemas, não histórias, mas Beth escondia o caderno com o corpo, então era difícil para qualquer um ler.

A mãe de Ivy, seu padrasto e Philip tinham chegado ao meio-dia, e Ivy juntou-se a eles depois do trabalho. Tinha acampado atrás das dunas, numa ponta de areia alongada no final de Nauset Beach, de frente para a enseada e não para o oceano. A maré estava baixa, expondo charcos, cuja brilhante superfície molhada refletia o céu azul, as nuvens e o lindo dia de verão. A tia Cindy tinha arrumado para Philip ferramentas e um balde para mariscos, com a promessa de lhe mostrar como fazer uma mariscada.

— Pronto, campeão? — perguntou Andrew, pegando os ancinhos.

A mãe e o padrasto de Ivy tinham acabado de voltar de um passeio — de mãos dadas, o que fez Ivy sorrir. Beth os encarou por um instante e em seguida rabiscou algo, provavelmente sobre amor depois dos quarenta.

— Não se esqueça do balde, Philip — disse Andrew.

Ivy observou o seu padrasto e o seu irmão andando lado a lado até os charcos.

— Philip anda igualzinho ao Andrew.

A sua mãe, depois de muita arrumação, aquietou-se na cadeira de praia.

— É verdade.

— Como isso pode acontecer? Eles não têm o mesmo físico.

A mãe sorriu.

— É o amor, não o nascimento, que forma a criança.

Uma hora depois, Ivy tentou catar mariscos e Philip ficou ansioso para lhe mostrar como devia fazer. Ela percebeu em suas instruções uma semelhança com Andrew.

— Vá devagar. Percebe as estrias? Estique os dedos assim. Pronto.

Ivy achou graça na imitação infantil da rouquidão da voz de Andrew.

— Cave cada lado com os dedos. Solte o marisco — Philip lhe explicou.

Com as mãos cobertas de areia preta, Ivy mostrou o seu troféu.

Philip ergueu o punho em triunfo, coisa que Andrew não fazia.

Quando o balde ficou cheio de mariscos, Andrew e a mãe o levaram para a pousada. Ivy e Philip pegaram o caiaque de dois lugares. Philip, remando na frente, cantava como um pirata bêbado e levantava a cabeça olhando o céu.

— É tão profundo — disse.

Ivy olhou para cima e sorriu. Sempre pensava no céu como estando no alto, mas gostava de pensar nele como sendo profundo como o mar.

Philip deixou o braço cair na lateral do caiaque. Os raios de sol refletidos pela água dançavam nas suas bochechas macias.

— Queria saber até onde vai o céu.

— Por quê?

— Porque aí ia saber quanto tempo leva para Tristan ir e voltar.

Ivy parou de remar.

— Como assim?

— Para que eu esteja em casa da próxima vez que ele aparecer.

Ela quase deixou o remo deslizar para a água.

— Como assim “da próxima vez”?

— Eu acho... eu tenho quase certeza de que ele esteve em nossa casa enquanto estávamos fora.

— Por quê?

— Porque sente a minha falta.

Ela deu uma risadinha, mas o seu coração batia rapidamente.

— Claro que sente, Philip. Mas por que você acha que ele esteve na nossa casa? Tristan foi para a Luz, lembra?

— Bom, foi isso o que *a gente* disse — o irmão dela respondeu. — Mas me parece que estávamos errados.

“Me parece”, outra das expressões de Andrew.

— Mark Teixeira estava fora do lugar — Philip continuou. — No meu jogo de beisebol, as bases estavam completas e Mark Teixeira estava como batedor.

Philip se referia às suas cartas de beisebol. Ivy tinha visto Tristan mexer nas cartas e lhe dissera que Philip nunca se esquecia de onde posicionava os jogadores.

— Alguém fez Mark marcar um *grand slam*. Tristan faria isso.

Ivy deixou o barquinho seguir com a correnteza. Deveria contar a verdade a Philip? Para ela, a consciência de que Tristan estava ali entre eles sobrepunha-se a todos os riscos. Mas o que seria melhor para o seu irmão?

— Não poderia ter sido Lacey?

— Não, ela não gosta de beisebol. Queria que Tristan tivesse esperado até que eu voltasse — Philip suspirou. — Às vezes, falo com ele embora ele não responda. Ainda sinto saudades. Muita. Você também?

Ivy sentiu um nó na garganta, o que a impediu de responder de imediato.

Philip se sentou ereto, virando-se para encará-la.

— Você não sente?

— Todos os dias sinto a falta dele — respondeu Ivy.

— Por que Deus o levou?

— Deus não o levou — ela respondeu com firmeza. — Foi Gregory.

— Então, por que Deus deixou?

— Não sei, Philip.

— Papai também não sabe.

Estavam bem próximos do caminho pela enseada — tão perto, que Tristan poderia vir até o deque e acenar para eles. Seria bom para Tristan ver Philip. E Philip sempre guardara os segredos dela quando estavam morando na mesma casa que Gregory.

— Você contou ao papai que Tristan foi à nossa casa?

Philip sacudiu a cabeça.

— Não dá pra contar certas coisas. O papai ficaria doido se eu contasse que a Lacey gosta de se sentar na poltrona reclinável dele. Depois que ela vai embora, sempre tenho que arrumar.

Ivy gargalhou alto, apesar das lágrimas nos olhos.

— Lacey contou que você é amiga daquele cara do hospital.

— Luke — Ivy respondeu. — O que mais ela contou?

— Que ele está se escondendo da polícia, mas que não fez mal a ninguém. Está certa?

Ivy percebeu a preocupação na voz do irmão.

— Absolutamente certa. Estou tentando ajudá-lo.

— Por quê?

— Porque eu gosto dele.

Philip franziu a testa.

— Mais do que gosta de Will?

— *Diferente* do que gosto de Will.

— Diferente do jeito que gosta de *Tristan*?

O garoto não errava muito.

— Mais do jeito como gosto de Tristan.

Philip olhou-a por cima do ombro, avaliando-a detidamente com um ar adulto de surpresa. Tudo pelo que havia passado o deixou mais maduro, pensou Ivy. Levada pelo coração mais do que pela razão, ela decidiu: remou na direção da outra costa.

— Para onde estamos indo? — Philip perguntou.

— Visitar um amigo.

— Luke?

— Isso mesmo. — Deixaria para Tristan a tarefa de contar a Philip quem ele era.

Philip ficou em silêncio enquanto rebocavam o caiaque pela estreita faixa de areia da costa e caminhavam pela estrada circular até a casa. Quando estavam próximos da entrada da casa, escondidos da rua por um monte de arbustos, Ivy assobiou uma melodia do *Carousel*. Com os olhos arregalados de curiosidade, Philip a ouviu assobiar duas vezes. Um fecho de bronze virou pelo lado de dentro da porta principal e uma fresta se abriu.

Ivy deu uma olhada na rua e depois cochichou para Philip:

— Ande como se a gente viesse aqui toda hora.

Ela entrou primeiro e os braços de Tristan a envolveram.

— Trouxe alguém para ver você, Luke — Ivy disse, de modo que Tristan soubesse que não revelara a identidade dele.

Tristan a soltou. O rosto dele se iluminou.

— Philip!

Philip o mediu de alto a baixo com os lábios cerrados — comparando “Luke” com suas duas maiores referências: o Tristan que conhecera e Will.

Tristan lhe sorriu.

— Você se lembra de mim? Do hospital.

— Sim. — A resposta de Philip foi seca.

Tristan vasculhou os bolsos do jeans e depois estendeu a mão. Na palma estava a medalha de anjo de Philip.

— Você me deu isso. Estou sempre com ela.

Philip baixou os olhos para a moeda dourada.

— Achei que você precisava dela.

— Você tinha razão.

Philip começou a esticar o braço para pegá-la, mas recuou.

Depois de um longo silêncio, Tristan perguntou, hesitante:

— Você a quer de volta?

— Quero que *Ivy* fique com ela.

Ivy percebeu um tantinho de mágoa na expressão de Tristan, embora ele logo a disfarçasse. Queria dizer que Philip o via como um invasor, que tomara o lugar de Tristan no coração dela.

— Philip e eu estávamos agora mesmo falando de Tristan — ela disse —, como sentimos falta dele, como ele ainda conversa com Tristan mesmo que não tenha resposta.

Tristan assentiu, dando a moeda para Ivy.

— Vamos nos sentar — ela disse. — Você ainda tem aquele filme incrível no vídeo?

— Claro — Tristan respondeu, ainda olhando para Philip —, e descobri mais quatro deles. Tenho um festival completo de Lacey Lovett.

— Você tem os filmes de Lacey? — Philip perguntou.

— Bem aqui — ele disse, guiando-os até a sala de estar. — Tem algum preferido?

— Só assisti a um — Philip respondeu. — Um amigo surrupiou para mim.

Surrupiou. Philip era uma esponja de palavras, Ivy admitiu. Deve ter conhecido essa expressão pela amiga Lacey e nem sabia que o significado dela era “roubar”.

Sentaram-se no sofá diante da imensa tela de tevê, Philip grudado em Ivy, Tristan sentou-se do outro lado dela. Pegou uma pilha de DVDs e entregou-a a Philip, que foi lendo a descrição dos filmes.

Tristan não tirava os olhos de Philip e Ivy percebeu que ele realmente sentia falta do irmão dela, assim como o seu irmão sentia falta dele. Quando Tristan por fim lançou um olhar para Ivy, ela leu nos olhos assombrados dele a pergunta: *Conto?*

— A decisão é sua — ela sussurrou.

Tristan engoliu em seco e desviou o olhar. Ivy pensou se ele estaria com medo da reação de Philip. Tristan sabia que era o herói de Philip. Será que imaginava que Philip o amaria menos porque não tinha mais os poderes angelicais?

— Onde está o *Vingança da mãe do Zumbi*? — perguntou Philip, abrindo o plástico vazio.

— No aparelho. Quer assistir um pouco? Lacey Lovett é a filha da mãe e vai ficando igualzinha a ela.

— Parece bom — Philip disse com entusiasmo, mas controlou-se ao perceber que tinha soado amigável e acrescentou, fingindo indiferença: — Sei lá. Não importa.

No hospital, antes que Tristan se lembrasse de quem era, Philip instintivamente simpatizara com ele. Ivy esperava que Philip agora percebesse algum sinal de Tristan em Luke; isso asseguraria Tristan de que a mesma alma ainda brilhava dentro dele. Mas isso não iria acontecer, ela pensou, enquanto Philip visse esse estranho como alguém competindo com o Tristan que ele adorava.

— Estava ficando interessante — Tristan comentou com Philip, clicando o controle remoto.

Enquanto as imagens de horror, tão esquisitas que ficavam cômicas, passavam rapidamente na tela, Ivy se recordava de outras cenas: Philip e Tristan na sua sala de música jogando damas; Tristan com um chapéu de festa como convidado de honra de Philip num jantar de aniversário; Tristan e Philip de smoking, na primeira vez que se encontraram.

Na festa de casamento de Andrew e da mãe dela, ambos tinham se enfiado na despensa da cozinha. Depois de derrubar um prato de salada nos convidados da noiva, Tristan tinha sido despedido da função de garçom e estava esperando pelo amigo, que ainda trabalhava. Philip, chateado, receoso, sem querer nada dessa vida nova com Andrew e Gregory, tinha encontrado o mesmo esconderijo. Quando Ivy abriu a porta da despensa à procura de Philip, lá estava o famoso Tristan Carruthers, distraído o irmão dela — inacreditavelmente — com verduras na cabeça e azeitonas nos dentes, um talo de salsão saindo de cada orelha e um rabo de camarão enfiado na narina.

Ivy riu consigo mesma.

— Que diabo é isso? — Tristan exclamou, apontando na tela imensa uma coisa estranha que saía de um esgoto para perseguir a zumbi Lacey. — Isso é o que, afinal?

Relaxando a tensão, Philip riu muito.

— Não é de dar muito medo.

— Parece que alguém o fertilizou — Tristan disse.

Philip concordou.

— Parece que tem salsão podre saindo das orelhas dele.

— E tem salada na cabeça.

— E camarão saindo do nariz — Philip acrescentou.

— Horrível — disse Ivy.

— Algumas azeitonas pretas — Tristan continuou.

— Nos dentes — Philip completou rapidamente.

Ivy percebeu o irmão se mexendo no assento perto dela, inclinando-se e olhando para Tristan, que virou a cabeça ligeiramente para a direita. O perfil era de Luke, mas a memória e o humor jovial, de outra pessoa.

Philip levantou-se e ficou diante de Tristan. Curvando-se para a frente, perscrutou os olhos de Tristan como se tentasse enxergar através da superfície de um lago.

Tristan o encarou com firmeza. Por fim, falou:

— Andei pensando em que turno foi que o Mark Teixeira fez o *grand slam*.

— Tristan! — Philip pronunciou devagar, como numa oração.

Tristan assentiu.

— Tristan! — O rosto de Philip se iluminou.

— Oi, amigo. — A voz de Tristan estava trêmula. — Senti sua falta. Ainda batendo as pessoas no jogo de damas?

Philip abriu um sorriso.

— Não. Estou aprendendo xadrez.

— Xadrez? Ah, agora nunca vou ganhar! — Tristan exclamou. — A menos que Lacey me ajude a trapacear.

O irmão de Ivy riu como se essa piada fosse a mais engraçada do mundo. Tristan riu com ele e riu ainda mais quando Philip tentou fazer o próprio riso soar mais grave.

Tristan passou os braços em volta de Philip, que o abraçou com força, apertando os olhos. Ivy viu uma lágrima rolar no rosto do irmãozinho.

Tristan não tinha se dado conta de como seria natural para ele ver Philip de novo. O garoto falava sem parar — do acampamento de verão, da Califórnia, da escola, desde o tempo em que Tristan os havia deixado. Por fim, chegou à pergunta que Tristan esperava e temia:

— Como você voltou como outra pessoa?

— Não temos muita certeza — Ivy respondeu rapidamente, tentando poupá-lo.

— Eu caí — respondeu Tristan, logo contando a Philip exatamente o que tinha acontecido.

Philip ficou em silêncio durante um bom tempo, como se estivesse refletindo sobre tudo.

— É por que você ama Ivy. Eu também.

— Você também? Não brinca! — Tristan gracejou.

— Eu também teria beijado a Ivy e a trazido de volta à vida.

Tristan quase chorou: a compreensão de Philip era como o perdão.

Ele viu Ivy rapidamente enxugar o canto do olho e depois erguer-se.

— Philip, temos de ir embora. Lembre-se, se alguém perguntar, estávamos apenas explorando o lugar. Ninguém pode saber que Tristan, ou *Luke*, está aqui.

Philip assentiu com a cabeça. Despediu-se de Tristan com um abraço solene e acompanhou Ivy até o vestibulo. À porta, virou-se, lançando a Tristan um olhar inquisitivo.

— Você voltou depois de um longo tempo — disse o garotinho. — Gregory também pode?

Ivy e Tristan trocaram olhares. Philip os viu e obteve a sua resposta.

— Ele pode.

— Se achar que viu Gregory, sabe o que fazer? — Tristan perguntou.

— Correr.

— Isso. E chame Lacey — Tristan disse. — Depois, se estiver em segurança, chame Ivy e ela vai me chamar. Beth e Will também estão alertas. Você vai ficar bem, amiguinho.

— E Ivy vai ficar bem?

— Ei! — disse Ivy, alegre. — Nós somos muitos e ele é só um.

Mas Philip não se convencia com tanta facilidade. Olhou para Tristan, buscando a confirmação de que ele seria suficiente.

Tristan não poderia mentir:

— Vou fazer o possível para mantê-la em segurança, prometo.

Depois que eles se foram, Tristan ficou impaciente, andando de um cômodo para outro como um animal enjaulado. Tentou se distrair, jogando mais uma partida do seu jogo de detetive, juntando as partes da história da família que passava os verões ali. Nicholas e Sarah tinham mais ou menos a idade de Philip — ele tinha encontrado o nome deles nos certificados emoldurados referentes a vela e ginástica. Michael, a vítima do raio de Gregory, tinha partilhado o quarto com Nicholas. Como teria sido para essas crianças a perda do irmão mais velho? Tristan tinha sentido as lágrimas de Philip molharem seu braço e chegou a pensar que o seu coração se partiria, se Philip perdesse Ivy...

Não tinha de ser assim, Tristan pensou. Nesse momento, a vantagem era dele, pois sabia quem era Gregory e onde estava. Quando Gregory possuiu Beth, o seu poder cresceu gradualmente, mas, na noite em que ela tentou matar Ivy, o aperto de Beth tinha excedido em muito a sua força normal. Tristan precisava descobrir que tipos de poderes Chase tinha agora, para enfrentá-lo antes que a força de Gregory aumentasse. Precisava proteger Ivy, como havia prometido a Philip.

Verificando o mapa da sala e estimando que a caminhada levaria cerca de duas horas — tempo demais para arriscar ser reconhecido —, Tristan resolveu pegar algumas roupas emprestadas. No closet do sr. Steadman, ele escolheu calças e uma camisa de *mauricinho*, cujas mangas longas poderiam ser enroladas: ao estilo de um advogado em férias. Estava na dúvida se deveria acrescentar um antigo boné de beisebol à sua indumentária. Onde estava Lacey quando precisava de conselhos sobre roupas? Desde a noite em que ela, Ivy e ele tinham analisado as coisas — e ele tinha rejeitado as teorias dela —, Lacey o colocara na geladeira.

O cabelo de Tristan ainda estava pintado de uma cor escura, mas ele agora estava barbeado, não como no retrato que a polícia fizera de Luke, com uma barba descuidada. Não usar nada na cabeça combinava melhor com essa imagem nova, ele pensou. Saindo do closet, com um par de mocassins pouco confortáveis, ele passou pelo escritório da Sr. Steadman. A luz da lanterna bateu em alguma coisa brilhante: brincos de argola de ouro. Tristan sorriu e pegou uma, enfiando-a no anular da mão

esquerda. Vinte e poucos, bem-sucedido, casado, tinha esperança de fingir bem quando encontrasse alguns passeadores de cachorro ou um carro de polícia.

Assim que escureceu, ele saiu. Quase duas horas depois, Tristan parou na esquina de uma rua pavimentada, analisando uma casa que combinava com a descrição que Ivy fizera da casa de Chase. Holloway, o nome na caixa de correspondência, confirmava que Tristan estava no lugar certo.

Havia luzes no andar de cima e de baixo, e as janelas do segundo andar se abriram. Um latido grave de cachorro foi repreendido pela voz de mulher:

— Quietos, Plátão.

Tristan avançou furtivamente até a garagem, uma construção ampla com três compartimentos. Abrindo com cuidado a porta lateral, ele entrou e ligou a lanterna. O único carro, uma Mercedes sedã, não era o tipo que Chase dirigiria. A garagem estava bem conservada, com ferramentas de jardim, rastelos, bicicletas e pranchas de windsurf penduradas na parede e no teto, além de ter espaço para mais dois carros.

O barulho de um motor chamou a atenção de Tristan. De repente, ouviu-se um clique. A luz da garagem se acendeu, e uma das três portas automáticas começou a se erguer. Rapidamente, ele apagou a sua lanterna e recuou até o batente da porta lateral. Assim que os faróis do carro entraram na garagem, ele se escondeu na sombra.

Chase saiu do carro e ficou olhando para a sua casa da entrada de pedras. Ele a estaria vendo como Gregory veria?, pensou Tristan. Quanto controle Gregory teria sobre Chase neste momento?

Alguma coisa se agitara junto da luminária no fim de uma passagem da casa e logo Tristan percebeu que um gato estava vindo na direção deles. O gatinho rajado de cinza andou na direção de Chase, então parou e ficou cheirando o ar, hesitante. Tristan imaginou que ele pertencesse aos Holloways.

Chase sibilou para ele.

O gato ficou onde estava, mas com o olhar precavido.

Junto da calha da garagem, Chase olhou em volta, depois se inclinou e pegou uma pedra do tamanho de um punho. Chamou o bichano, que andou devagar na direção dele. Imagens do gato de Ivy, que Gregory tinha matado, projetavam-se na lembrança de Tristan. Quando Chase ergueu o braço para atirar a pedra, Tristan não conseguiu se conter. Ele o atacou.

— Que... — Chase soltou um palavrão.

Eles se atracaram, rolando no pavimento. Luzes se acenderam — holofotes, Tristan percebeu. Chase ficou de pé, mas Tristan não o largou. Arrastou Chase até a garagem aberta.

— Chase? — Era a voz da mulher que tinha calado o cachorro. — É você?

Tristan o tinha numa gravata.

— Responda — ele ordenou. — Diga que entra em minutos.

— Sou eu — Chase respondeu. — Já vou entrar.

— Tigre ainda está aí fora — a mulher respondeu. — Veja se consegue encontrá-lo. Boa noite.

Tristan relaxou o aperto e Chase se soltou.

— Vou enforcar esse gato — disse e então avaliou Tristan de alto a baixo na luz baça que vinha do portão aberto da garagem. — Olha só pra você... — zombou. — Não sabia que usavam essas marcas famosas de roupa em River Gardens.

Portanto, Chase tinha adivinhado que ele era “Luke”.

— Sabe — Chase continuou —, mal dá para reconhecer você nas fotos da polícia, aquelas exageradas distribuídas para a imprensa. Se eu fosse você, me sentiria ofendido.

Tristan respondeu com um sorriso sarcástico.

— Verifiquei as fotos antigas, claro. — Chase pegou uma cadeira de armar, abrindo-a, e, em seguida, arrumou mais uma ao lado dela, indicando-a com um gesto para Tristan. — Andei procurando por você.

— Ouvi falar — Tristan respondeu. — O que você quer?

— Ajudar você.

Diante disso, Tristan riu.

— Não seja tão cínico. Eu acredito na justiça... em você tendo o que merece. Outros, obtendo o que plantaram. O que ela fez a você, sua antiga namorada Colleen?

— Corinne — Tristan corrigiu, afastando um pouco a cadeira da de Chase antes de sentar-se.

— Ela o irritou.

Tristan assentiu e continuou a se passar por Luke.

— Ela me traiu. Traiu e mentiu na minha cara.

— Deixou você doido. Sem escolha.

Tristan ergueu o facho de luz da lanterna até o pescoço de Chase. Os seus tendões pareciam cordas esticadas. Estava consumido de ódio — o ódio de Gregory.

Chase afastou a lanterna.

— Garotas traem — ele disse. — Está nos genes delas.

— Não brinque!

— E tinha a Alison. Você não teve muita sorte.

— Alicia — Tristan corrigiu.

De acordo com Ivy, Chase se orgulhava de saber mais do que os outros; ele saberia bem desses detalhes. Mas Gregory não se importaria — não teria o trabalho de aprender o nome de pessoas que considerava irrelevantes para a sua felicidade. Gregory estava no controle.

— O que foi que a Alicia fez?

Tristan deu de ombros.

— Mais do mesmo. Agora acabou.

— Nunca acaba.

Não quando se tem fome de vingança, pensou Tristan.

Chase se inclinou para a frente.

— Ambas mereciam morrer. Você sabe disso tão bem quanto eu.

Tristan rangeu os dentes, esforçando-se para permanecer no papel de Luke.

— Infelizmente, há quem pense diferente.

— Danem-se! — Chase bateu as mãos nas pernas. — Danem-se todos! — Ele aproximou o rosto de Tristan. — Você compreendeu tudo direitinho. Essas meninas mortas não valem nada comparadas a Ivy.

Tristan se levantou.

— Um atleta como você — Chase continuou —, você conhece uma gostosa quando vê uma. As outras meninas, tudo bem... segunda categoria. Mas a pequena e sexy Ivy...

— Não sou idiota! — Tristan disse. Ele odiava ouvir essa voz macia e insinuante falando de Ivy. Era como uma língua de cobra enrolando o nome dela.

— Claro que não é. — O tom de voz dele era protetor. — De qualquer modo, tenho alguns conselhos para você, Luke, de homem para homem: agarre aquela loira pelos cabelos, dê um bom puxão e não solte. Ensine a ela quem é que manda.

Por um instante, Tristan viu a maravilhosa cabeleira de Ivy em suas mãos. No momento seguinte, ele sentiu uma pressão no crânio. O corpo de Chase ficou rígido, como se Gregory estivesse concentrando todas as forças para penetrar na mente de Tristan. Os fundos dos olhos de Tristan ardiam em brasa e seu sangue parecia queimar como fogo. Ele cambaleou e deixou a lanterna cair, depois caiu de joelhos. A pressão em sua cabeça aumentou a ponto de achar que sua mente fosse explodir.

Ele recuou. A dor era excruciante, a sua força contra a de Gregory, tendo o crânio de Luke como uma parede insignificante entre eles. Tristan fechou os olhos e guiou-se pelo seu espírito, rezando para ter forças. *Anjos...*

De repente, a força de Gregory cedeu. Tristan se apoiou firmemente contra o chão de concreto. Viu fios de luz saírem de seus dedos abertos e subirem as paredes, como um rastilho aceso. Uma lâmpada acima dele explodiu, mergulhando-os na escuridão novamente. Choviam pedacinhos de plástico e vidros quebrados. Dentro da casa dos Holloway, o cachorro começou a latir.

Muito fraco para ficar em pé, Tristan se arrastou pelo chão escorregadio até sua lanterna. Apoiando-se numa porta da Mercedes, ele se ergueu e viu Chase se afundado numa cadeira.

Chase ergueu a cabeça lentamente, encarando Tristan.

— Quem é você? — ele perguntou. — *O que é você?*

Tristan se apoiou no carro, esfregando a testa dolorida com uma das mãos.

— Achei que você já tivesse adivinhado.

Chase franziu o cenho e depois empinou a cabeça.

— Você está ouvindo?

— O cachorro?

Porém, um som mais sinistro, de vozes murmurantes, latejou fundo no cérebro de Tristan. Então, Gregory ouvia as vozes também!

— Estão cantando *Tristan*.

As vozes ficaram mais altas.

— Maldito seja você, Tristan!

— Olá, Gregory.

Gregory não tentou esconder sua surpresa.

— Você costumava se enfiar nas mentes, mas isto é diferente. — Ele se levantou e andou em volta de Tristan. — Quando tentei penetrar, senti apenas uma mente, uma alma, e não era a de Luke McKenna. Ele teria sido fácil para mim. Conte-me como fez isso.

Tristan permaneceu em silêncio.

— As vozes ensinaram você — Gregory deduziu, num tom rouco de ansiedade. — As vozes ensinaram a você algo que não me ensinaram! Conte — um sorriso abriu-se no seu rosto — e eu pouparei Ivy.

— Você sempre foi um mentiroso, Gregory.

— Agora, não. Agora estamos do mesmo lado, Tristan. O lado dos mortos. — O riso dele terminou num silvo frenético.

Para além da garagem, o passeio ficou mais claro, as luzes tinham sido acesas de novo.

— Chase? — a mulher chamou. — Está tudo bem?

Ele riu, depois socou um botão na parede, baixando o portão da garagem. Tristan acompanhou Gregory até a entrada, mas ficou nas sombras.

— Cai fora da nossa vida, Gregory — ele disse. — Volte para o seu lugar.

Gregory gargalhou.

— Você não sabe? Trago o inferno comigo para onde quer que eu vá. — E então cruzou o gramado. — Estou indo, mãe.



Capítulo 8



— Ei, Bryan, você conseguiu! — Max gritou, segunda à tarde.

Ivy, que vinha acompanhando Max pelo comprido desembarcadouro onde os Moyers conservavam os seus barcos, parou onde estava. Bryan estava esticado, tomando sol no banco de um barco a motor amarrado ao final do passadiço.

— Bryan! — exclamou Kelsey, parecendo tão surpresa quanto Max.

— Oi, querida. Sabe que eu não perderia a oportunidade de estar na água com você. E com Ivy. — Ele se sentou, passando os braços por trás do banco almofadado. — Onde estão Beth e Will?

Sempre adequado, pensou Ivy.

— Surfando com remo — ela respondeu em voz alta, retomando o seu inventário da frota dos Moyers.

Imaginava que Bryan não teria usado um barco a vela na noite em que assassinara Luke. E o modelo Cigarette, como um carro esportivo caro, teria atraído muita atenção. A lancha-cruzeiro, com suas linhas de pesca, teria sido desajeitada e difícil de limpar. Mas a lancha que Max havia descrito como um barco de 24 pés, em cuja proa Bryan se espichava agora, teria sido perfeita para o trabalho.

Bryan ajudou Max com um isopor cheio de gelo e depois ofereceu a mão para Kelsey, que pulou com leveza para dentro do barco. Estendendo em seguida a mão para Ivy, ele a segurou por tempo demais e apertou-lhe os dedos até doerem. Ela entendeu o recado: o controle era dele ou, pelo menos, era o que pensava.

— E aí, Maxie, posso dirigir? — Bryan perguntou. — Sei para onde Ivy quer ir. Lighthouse Beach.

— Não, houve uma mudança nos planos — Ivy lhe disse, despreocupada. — Kelsey quer passear pela South Beach.

— Bom, é mais seguro, provavelmente — Bryan observou. — As correntes da Lighthouse Beach são bem traiçoeiras. Você sabia que tem gente que afunda lá?

— É mesmo? — Ivy retrucou.

Ele riu.

— Você já sabia, Ivy — Kelsey disse. — Foi lá que Luke quase morreu.

— *Quase* — Bryan ecoou.

Ivy detestava esses jogos de palavras. Ela se afastou, observando Max abrir e fechar os

compartimentos ao se preparar para zarpar. Havia muitos lugares para esconder coisas e Bryan só precisaria de um lugar para esconder uma seringa e uma muda de roupas limpas, caso as dele ficassem sujas de sangue. Em um dos compartimentos do barco, um par de facas e uma pesada chave inglesa reluziam entre outras ferramentas úteis. Havia corda suficiente para amarrar alguém. A comprida vara ali no chão seria útil para empurrar um corpo para longe do barco. A limpeza seria fácil, e esperada, depois de uma saída para alto-mar, a mangueira das docas estava bem ali. Na verdade, Ivy começou a se perguntar por que todos os assassinatos premeditados não aconteciam em barcos.

— Planejando ter um desses? — Bryan perguntou a Ivy, lançando-lhe um sorriso falso.

Ela voltou a atenção para as arrumações de Max. Ele estava verificando a meteorologia.

— E então, capitão?

— Tudo bem por enquanto — Max respondeu. — Mas temos de ficar atentos às tempestades. — Ele deu uma olhada por cima do ombro. — Finalmente, aí vem a Dhanya!

Bryan virou-se.

— E Chase. Você o convidou?

— Eu convidei Dhanya — Max respondeu, dando de ombros.

Kelsey sorriu.

— Espero que Chase esteja se sentindo melhor. Se ficar enjoado, eu o jogo na água.

— Deixe comigo — disse Bryan, com um olhar matreiro na direção de Ivy. — Sou bom nisso.

Ivy ignorou a conversa. Embora tivesse medo de Bryan, desde que não deixasse que ele a separasse do grupo, estaria em segurança. O maior perigo agora, a ameaça a todos eles, era o cara que acompanhava Dhanya pelo embarcadouro.

Quanto controle Gregory teria sobre Chase? Se Gregory exigisse de seu hospedeiro algo maluco ou violento, Chase teria forças para recusar?

Chase estava quieto ao subir a bordo, sua face inexpressiva, sua boca indolente sob a armação dos óculos de sol que avançavam sobre as maçãs do rosto. Quando Ivy lhe perguntou como estava, ele apenas respondeu “bem”, e se afastou.

Ele e Dhanya escolheram dois dos luxuosos assentos de couro atrás do cockpit. Bryan pegou Kelsey pela mão e a levou para a parte da frente da lancha. O para-brisa e o console podiam ser abertos ao meio e a área em V, em frente ao cockpit, tinha bancos almofadados de couro, onde os visitantes podiam curtir os borrifos de água do mar quando a lancha estava em movimento. Nos quinze minutos seguintes, tendo Max ao leme e Ivy num assento diante dele, a lancha roncou pelo canal. Depois, Max desligou o motor e descansou a embarcação nas águas rasas no final da South Beach, onde ancoraram com outros cinco barcos.

Enquanto Max baixava a âncora, um barco-táxi se enfiou por ali, deixando uma porção de visitantes. Três famílias estavam na praia, a oeste, ao lado de seus barcos. Outras pessoas espalhavam as toalhas junto do mar no lado leste, um caminho curto através das dunas. Com Bryan

carregando o isopor no ombro, os seis marcharam para o lado do oceano.

Kelsey deixou cair a toalha e a bolsa e correu para a água. Bryan a seguiu poucos passos atrás. Ivy, Dhanya e Max armaram acampamento, espalhando toalhas, prendendo-as no chão com os calçados. Chase se manteve à parte, vasculhando a área. Ajeitando-se por fim na toalha de praia perto de Dhanya, ele se deitou sem dizer palavra. Ivy viu Dhanya observá-lo com hesitação, antes de pegar um livro.

— Quer andar um pouco? — Max perguntou a Ivy. — A maré está baixa. Hora boa para pegar conchinhas.

Ivy relutava em deixar Dhanya com Chase. Também estava observando a brincadeira de Kelsey e Bryan no surf. Toda vez que Kelsey ficava embaixo da água por mais de cinco segundos, Ivy se sobressaltava.

— Não estou com vontade de andar muito — ela disse.

— Tudo bem, sou um preguiçoso feliz — respondeu Max.

Ele sempre ficava satisfeito em fazer o que ninguém queria.

— Posso ir junto? — Dhanya perguntou. — Você se importa, Chase?

A resposta de Chase foi tirar lentamente a camiseta e os óculos e se esticar na toalha. Ele dobrou a camiseta sobre o rosto, protegendo-o do sol — e deles. Ivy o avaliou. Isso era só o Chase sendo passivo-agressivo? Ou era Chase sendo amordaçado enquanto Gregory reunia as suas forças?

Na meia hora seguinte, Ivy, Dhanya e Max vaguearam pela costa. Max fazia Ivy se lembrar de Philip — talvez fosse coisa de menino —, pois revirava caranguejos mortos e pegava qualquer coisa pegajosa. Dhanya coletava pedras brilhantes e Ivy, um monte de conchas. Ela contou a Max da mariscada que tinham feito.

Max abriu um sorriso.

— Quando era pequeno, eu disse ao meu pai que queria ser marisqueiro.

Dhanya ergueu os olhos e deu uma risada.

— O que ele disse?

— Ótimo. Mas primeiro eu tinha que aprender tudo sobre varejo.

— Se pudesse fazer qualquer coisa, Max — Ivy disse —, e morar onde quisesse, o que faria?

Ele não precisou pensar muito.

— Moraria em Nova Orleans e iria ouvir jazz todas as noites.

Ivy o olhou, surpresa.

— Que maravilha! Eu iria visitar você! — Eles conversaram um tempão sobre jazz e Dhanya improvisou uma dança em ritmo sincopado. Quando tentou ensinar uma série de passos a Max, Ivy observou e aplaudiu. Por um instante, ela conseguiu se distanciar dos perigos que pairavam ao redor. Então, olhou por cima do ombro.

Ela tinha visto Kelsey e Bryan saírem da água, mas eles não estavam na praia. Ivy se ergueu rapidamente.

— Está tudo bem? — Max perguntou.

— Acho que sim. Alguém viu para onde foi Kelsey?

— Para onde quer que Bryan tenha ido — Dhanya respondeu inocentemente.

Ivy foi na direção da toalha deles, vasculhando com os olhos a praia e o mar. Dhanya e Max a acompanharam.

— Chase, você viu Kelsey e Bryan? — Ivy perguntou.

Ele não respondeu.

Dhanya ajoelhou-se perto dele.

— Chase? — Estendeu a mão como se fosse sacudi-lo.

Ivy segurou a mão de Dhanya no ar.

— É melhor não — ela disse, preocupada com a reação de Gregory se fosse surpreendido.

Dhanya o avaliou por um instante.

— Você tem razão. Ele anda meio... irritado.

Ivy, Dhanya e Max jogaram baralho, sendo Ivy a primeira a sair de todas as jogadas, desconcentrada que estava procurando com o olhar por Bryan e Kelsey e observando Chase. Depois da terceira jogada, Max deu uma olhada no céu e, em seguida, fez o caminho até o outro lado das dunas. Voltou rapidamente.

— Há tempestade vindo do oeste — ele disse. — A gente precisa voltar.

— E Kelsey e Bryan? — Ivy perguntou.

Com as mãos no quadril, Max olhou a praia de cenho franzido. As pessoas a alguns metros deles estavam chamando as crianças e recolhendo baldinhos e pás.

— Chase? — Dhanya disse. — Vamos lá, dorminhoco. — Como ele não respondeu, ela colocou a mão no braço dele.

Chase se afastou, virando-se de bruços, com o rosto ainda escondido.

Max estava perdendo a paciência.

— Precisamos nos mexer. Não quero pegar a lancha numa tempestade. Chase, acorde! — Max se inclinou e puxou a camiseta da cabeça de Chase.

Os olhos de Chase se abriram e ele se sentou. Tinha a expressão calma e o movimento controlado, mas, quando Ivy encarou os seus olhos cinzentos, era como neles houvesse uma tempestade em formação.

— Você sabe onde estão Kelsey e Bryan? — perguntou Max.

— Eles saíram da água — Chase disse, com um tom monótono na voz —, pegaram algumas cervejas e foram naquela direção. — Ele apontou para o norte.

— Max, por que não leva o isopor e as coisas para o barco — sugeriu Ivy. — Eu dou uma olhada na praia.

— Deixe que Chase... — Max começou a dizer.

— Sou mais rápida.

Diante do modo estranho e lerdo de Chase — só mexendo os olhos, perscrutando o céu a oeste —, Ivy não teve muito trabalho para convencer Max.

— Fique com Max — Ivy disse a Dhanya. — Faça o que *Max* disser. — E se foi.

Depois dos primeiros três minutos correndo, desejou ter trazido um relógio. Na praia, as distâncias eram enganosas, pois não havia referências, só metros e metros de areia. Correr na areia era exaustivo e ela não conseguia dizer o quanto tinha avançado pelo cansaço do corpo. Virou-se uma vez e viu uma família de pé, aos pares. Virou-se de novo e não viu ninguém mais, mas se as pessoas tinham ido embora ou se tinham ficado além do seu campo de visão, não conseguia ter certeza.

Bryan não machucaria Kelsey, ela disse a si mesma, numa pausa para recuperar o fôlego. Era esperto demais para desviar a atenção da polícia de Luke para si. Desde que controlasse as emoções, desde que não bebesse e que Kelsey não o provocasse demais... Ivy continuou correndo.

Apertou os olhos para enxergar mais adiante. O céu a leste ainda estava azul, mas o brilhante oceano Atlântico tinha um reflexo escurecido. Parando mais uma vez, ela percebeu que a brisa do mar tinha sumido e o vento soprava mais forte nas dunas. Ivy não desejava ficar no meio da praia sozinha durante uma tempestade. Então, voltou correndo, esperando que Bryan e Kelsey tivessem cruzado as dunas de volta ao outro lado.

Quando finalmente alcançou Max, ela balançou a cabeça, depois se inclinou, com as mãos sobre os joelhos, respirando com dificuldade.

— Quanto tempo? — ela perguntou. — Até quando estamos em segurança aqui?

Os outros barcos tinham levantado âncora. Ivy observou o vermelho e branco característico do barco-táxi ir virando um pontinho à medida que se apressava de volta à marina com os passageiros. As nuvens a oeste pareciam um oceano cinzento, cada onda batendo mais alto, tentando chegar ao sol. Chase estava à beira da água, olhando na direção da tempestade; Dhanya estava a meio caminho entre ele e Max.

— Ali vêm eles. Vamos! Rápido! — Max gritou para Kelsey e Bryan.

Como Ivy tinha imaginado, eles tinham voltado pelo lado oeste das dunas. Não se apressaram. Ela deixou que Max fosse incitá-los, enquanto seguia penosamente até o barco com Chase e Dhanya.

As nuvens tinham encoberto o sol e a água de repente esfriara. Ivy viu o braço molhado de Dhanya ficar arrepiado enquanto iam até o barco pela água. Assim que subiu a bordo, começou a abrir os compartimentos em busca de coletes salva-vidas.

Entregou um a Dhanya, depois a Chase, que ficou ali balançando o colete.

— Vista-o — ordenou Ivy, enquanto deslizava o próprio braço por um deles e ajustava o fecho. Dhanya colocou um, mas Chase simplesmente ficou parado, olhando a água bater no barco.

Assim que Kelsey subiu a bordo, Ivy lhe entregou um colete.

— Eu sei nadar.

— Não importa.

Pelo canto dos olhos, Ivy viu um terrível relâmpago sobre North Monomoy.

Chase murmurou alguma coisa. Ivy entregou um colete a Bryan.

— Me procurando? — ele perguntou, divertido.

— Como sabe — Ivy soltou —, gente que fica inconsciente e cai do barco em geral se afoga.

Ele riu e Ivy sentiu o cheiro de álcool em seu hálito. Rapidamente, se voltou para Max, que tinha enfiado o colete que ela lhe dera.

— Fiquem todos sentados e se segurem — ele disse.

Ivy ajustou o fecho do colete de Max enquanto ele ligava o motor. Kelsey e Bryan passaram por ela para se sentar no bico da lancha.

— Não — Max gritou com eles. — Fiquem atrás de mim desta vez.

— Ah, isso vai ser emocionante? — Kelsey perguntou, enrolando as palavras.

— Um pouco emocionante demais — ele disse, virando a cabeça na direção da popa.

Mas Kelsey e Bryan não se mexeram. Ivy sentiu os primeiros pingos de chuva nos ombros. A mão de Max hesitava sobre o acelerador.

— Me dê cinco segundos — ela disse a Max e avançou, pegando o colete que Kelsey tinha jogado no chão e, em seguida, agarrando um dos braços de Kelsey e forçando-o pelo buraco. Kelsey riu e jogou o corpo para trás, molenga com uma boneca de pano. Eles não tinham tempo para brincadeiras. Ivy puxou o colete nas costas dela, enfiando-lhe depois o outro braço.

Bryan observava, rindo.

— Sou eu agora?

— Não, você se vira. Vamos, Kelsey, venha se sentar com Dhanya.

— Sento ca Janya toda hora — ela retrucou num tom de embriaguez.

Ivy tentou erguer a colega, mas, com o corpo largado, pesava muito.

Chase se levantou, observando a cena com interesse, e avançou, para ficar no cockpit do lado do passageiro.

— Tenho que ligar, Ivy — Max disse, elevando a voz sobre o vento e o rádio da marinha. Ele estalava com avisos de tempestade. — Volte.

— Um segundo. — Ivy ajustou o colete de Kelsey, depois se agarrou no para-brisa, cambaleando pela divisão do cockpit à medida que a lancha avançava pela água embrutecida. Jogando-se no assento ao lado de Dhanya, de frente para a popa, ela observava o resto de espuma esverdeada e cinzenta que se encapelava atrás da lancha.

Chase estava falando com Max, mas as palavras se perdiam no vento.

— Vá mais rápido — Ivy ouviu Chase gritar. Ela se virou, abraçando o assento, tentando ver o que havia adiante.

— Mais rápido.

— Não posso! — Max gritou de volta. — Já estamos dando pinote.

Ivy viu uma placa do canal. As ondas enfurecidas ficaram mais altas. A lancha avançava diretamente pelo pico delas, empinando o bico e depois batendo com força na água.

— Segura, peão! — Bryan gritou.

— Uh-hu! — Kelsey começou a se levantar e caiu sobre Bryan, rindo loucamente.

— Fique sentada, Kelsey! — Ivy gritou.

Relâmpagos rasgavam o céu.

— Por favor, Max, mais rápido — Dhanya implorou.

— Tenho que manter um ritmo estável.

— Nem cinquenta nós — Chase reclamou. — Deixe-me dirigir.

— E fazer a gente virar? — De pé, ao leme, Max mantinha o equilíbrio de algum jeito e avançava rapidamente. Ivy não entendia como ele conseguia enxergar o caminho. *Anjos, orientem-no*, ela rezava.

A chuva batia nas laterais. Uma onda quebrou sobre o costado, lavando o barco até a popa.

Kelsey guinchava de rir.

— Está todo mundo bem? — Max gritou.

— Sim, tudo bem — Ivy respondeu, tentando parecer calma enquanto os relâmpagos explodiam e se embaralhavam com uma saraivada de trovões. Mais do que os relâmpagos e a água, era a escuridão que a apavorava, a rapidez com que vestígios de um entardecer mergulhavam num vórtice negro. Parecia demoníaco.

Firmando-se nas costas do seu assento, ela observava Chase. Gregory teria de repente acumulado esse tipo de poder? Não importava, porém, se ele tivesse criado a tempestade. Da vez anterior Gregory tinha criado um único raio. Quando fosse a hora, ele atacaria de novo, e mataria todos.

Como ela poderia impedi-lo? Se ela se jogasse no mar, ele a perseguiria e deixaria os demais em paz? Ivy se ergueu. Porém, em um segundo percebeu que tinha imaginado o plano errado. Chase agarrou o braço de Max com força sobrenatural, virando a direção do barco. Esticando-se por cima de Max, ele empurrou o acelerador até o fim.

A lancha deu um solavanco, subindo uma onda em um ângulo absurdo. Ficou suspensa ali, como que enganchada nos entalhes de um relâmpago e, em seguida, começou a rolar. Parecia que tudo estava em câmera lenta: Kelsey gritando, Dhanya escorregando pelas mãos de Ivy, instantes suspensos no ar, protegidos da chuva na embarcação e, depois, lançados ao mar enfurecido.

O mar e sua escuridão terrível — Ivy não conseguia enxergar, nem se movimentar, não conseguia chegar à superfície. Sentiu o peso da água turbilhonante e lutou para encontrar a saída.

Estou embaixo da lancha, presa — ela percebeu. Fez força com os pés, chutando e empurrando com os braços, nadando de lado, não para cima, e segurando o último oxigênio nos pulmões até ser insuportável. *Anjos!*

Mais claro — era mais claro ali. Ela nadou até a área cinzenta. Chegando à superfície, abriu a boca em busca de ar. A chuva batia-lhe no rosto.

— Alguém aí? — Ivy gritou. — Tem alguém aí?

— Aqui!

Era Dhanya, boiando com o colete, a alguns metros de distância. A espuma branca sibilava nas laterais das ondas entre elas. Ivy nadou na direção da amiga.

— Dhanya? Ivy? — Max gritou.

— Aqui!

— Fiquem juntas! — ele gritou de novo.

— Me ajudem! Alguém me ajude! Não consigo segurá-lo.

— Kelsey! — Ivy chamou.

A enjoativa ondulação do mar mudava o horizonte dela sem parar. Então, ela viu Kelsey esforçando-se para segurar Bryan, que estava caído em seus braços, inconsciente. Ivy nadou até ela. Pareceu levar horas, as ondas puxavam-na para trás.

— Passe um braço em mim, para que ele fique entre nós duas — disse Ivy.

— Onde está Chase? — Max gritou.

— Chase! — Dhanya gritou. — Oh, Deus, ele se foi.

— Fique com Ivy — Max ordenou e saiu nadando, parando a cada braçada para chamar por Chase. — Achei! — ele gritou afinal.

Ivy não conseguia enxergar nenhum deles. Tudo o que conseguia fazer era manter a cabeça de Bryan fora da água.

— Vamos virá-lo — Ivy disse —, assim ele vai boiar.

Assim fizeram e Ivy arquejou. Havia um enorme e sangrento talho na têmpora de Bryan. Seus olhos verdes estavam bem abertos, a boca, relaxada, e o corpo amolecido. *Ele está morto*, ela pensou. Teve um sentimento esquisito — pavor e alívio. Bryan estava morto.

Então, o corpo dele teve uma convulsão e ele começou a cuspir água do mar.

— Segurem firme! — Kelsey implorou aos outros.

Bryan tossiu com espasmos violentos. Quando o seu corpo finalmente se acalmou, ele fechou os olhos. Na segunda vez que os abriu, ainda chovia, mas o pior da tempestade tinha passado. Max tinha rebocado Chase, semiconsciente, até onde os demais boiavam e se seguravam uns nos outros, meio em pânico.

De repente, Bryan se afastou deles. Movendo-se pela água, ele abriu um sorriso, como se envaidecido da força de seus pés e braços. Ergueu um punho acima do mar.

— Vivo! — gritou, jogando a cabeça para trás e gargalhando para o céu tempestuoso.

— Bryan, fique por perto! — avisou Max.

— Sim, capitão — Bryan respondeu alegremente, nadando até Ivy. Segurando-se no colete dela, ele sussurrou em seu ouvido: — A vingança é minha.



Capítulo 9



A tia Cindy foi na direção deles.

— Vou ficar de cabelo branquinho até o fim do verão — disse, puxando para trás uma mecha com alguns poucos fios prateados. Passou os olhos de Ivy para Kelsey e para Dhanya, sentadas ombro a ombro na sala de espera do pronto-socorro. Beth e Will chegaram correndo atrás dela.

— A Guarda Costeira me contou — continuou tia Cindy. — Ainda bem que todos tiveram o bom senso de usar coletes salva-vidas.

Kelsey olhou de relance para Ivy, que permaneceu em silêncio.

— Da próxima vez, antes de pegar um barco, experimentem verificar as previsões da marinha!

— Mas a tempestade chegou realmente muito rápido — Kelsey argumentou com a tia. — Não fomos os únicos pegos de surpresa.

— Como disse, vou ficar com a cabeça branquinha até o próximo mês.

— Como está Chase? — Beth perguntou. — E Max e Bryan?

Ivy os informou. Quando Max resgatou Chase, ele estava quase sem o colete e se alternava entre a consciência e a inconsciência. Estava fisicamente estável agora, mas confuso e sendo avaliado. Bryan tinha levado alguns pontos e estavam examinando se teve concussão.

— Talvez os dois fiquem internados. — Por algumas horas, Ivy pensou, ela e suas colegas estariam a salvo.

Ivy já tinha sido interrogada pelo pai de Chase, que agora falava com o pai de Max e o tio de Bryan. O sr. Holloway se recusara a acreditar que o filho estava no leme quando a embarcação virou. A tia Cindy cruzou a sala de espera para falar com eles.

Quando sua tia já não podia ouvi-la, Kelsey virou-se para Ivy.

— Obrigada por não contar.

Ivy assentiu.

— Do colete salva-vidas. E obrigada por me fazer usá-lo.

Ivy assentiu mais uma vez. Todos os nervos do seu corpo pareciam tensionados e estirados, como as cordas de um instrumento musical.

— Está brava comigo? — Kelsey perguntou.

— Estou.

Mas Ivy estava mais do que brava. Estava assustada — por Kelsey, pelos outros e por ela mesma. Kelsey estivera o tempo todo dependurada em Bryan a caminho do hospital — dependurada em um assassino possuído por um demônio.

— Não deu para segurar. Eu estava bêbada.

— Dá para não ficar bêbada — Ivy respondeu, com a voz trêmula. Esforçou-se para se recompor. — Kelsey, quando a gente bebe, fica vulnerável. Qualquer um que quiser se aproveitar de você vai conseguir.

— Como Bryan? — Kelsey perguntou, sorrindo.

— Qualquer um! — Ivy cortou. — Por que quer perder o controle? Por que quer que *outra pessoa* controle você? É o que acontece, já sabe.

Kelsey ficou um instante em silêncio.

— É divertido... desde que seja com alguém em que eu confie.

Ivy sabia que um argumento contra a confiança em “Bryan” o tornaria ainda mais atraente.

— E se *essa* pessoa estiver bêbada e fora do controle? — E possuída por um demônio, ela pensou.

— Ivy, você vai entediar os seus colegas de faculdade terrivelmente.

Ivy queria estrangulá-la. Levantou-se abruptamente e foi embora, passando pela porta automática e indo ao estacionamento do hospital. Lá fora, respirou fundo o ar da noite.

Não tinha chovido em Hyannis; a tempestade tinha sido apenas uma borrasca que acertou o cotovelo de Cape Cod. Gregory teria provocado a tempestade ou apenas se aproveitado dela? Isso pouco importava, ela ponderou, o resultado era o mesmo.

— Ivy — Will a pegou pelo braço com delicadeza. Ele e Beth a tinham acompanhado. — O que realmente aconteceu?

Ela tinha que contar aos dois, pensou. Precisavam estar atentos e ajudá-la a proteger Kelsey.

— Gregory está envolvido nisso? — foi a vez de Beth perguntar.

Ivy inspirou fundo.

— Ele estava em Chase.

— Quando o barco virou — Will adivinhou.

— Sim. Bryan, o verdadeiro Bryan, morreu no acidente.

Beth levou a mão à boca, abafando um grito.

— Gregory está em Bryan assim como Tristan está em Luke. O corpo de Bryan é de Gregory agora.

Will praguejou.

— Vai ser Gregory e Suzanne de novo! Ivy, tome cuidado. Você se lembra de como Gregory usou Suzanne para atingir você.

— Todos nós temos que ter cuidado. — Esse aviso era suficiente, Ivy pensou; ela não precisava pôr Beth e Will em perigo revelando informações sobre os crimes de Bryan.

Will lançou um olhar para Beth.

— Acho que devia contar a Ivy sobre a sua visão.

— Então, isso está de volta também! — exclamou Ivy. Beth era de novo ela mesma inteiramente, com seu dom de vidência e a sua escrita.

— Quando estávamos remando hoje, fiquei vendo uma imagem na água. — Beth desenhou um círculo com o dedo. — Uma cobra engolindo a própria cauda.

— O que isso significa? — Ivy perguntou.

— Você sabe como são essas visões — Beth respondeu. — Tudo o que tenho para interpretá-las é uma sensação.

— O que é?

— Acho que o ciclo está se completando. Tome cuidado, Ivy. De algum modo, a sua batalha com Gregory vai voltar para onde começou.

Quando Ivy terminou de trabalhar na terça à tarde e estava voltando ao chalé com Kelsey, encontrou Dusty no degrau da frente, com os olhos dilatados, o rabo batendo de um lado para o outro.

— O que deu nele? — Kelsey perguntou.

— Não sei — Ivy disse, e um calafrio lhe percorreu a espinha.

Tirando Dusty do caminho, ela escancarou a porta de tela.

Bryan estava estendido no sofá das moças.

— Oi — disse, erguendo o refrigerante de que se servira. — Querem alguma coisa pra beber?

Max, sentado na cadeira junto do sofá, deve ter visto a expressão aborrecida de Ivy.

— Eu disse a ele que deveríamos ter esperado lá fora.

Ivy se sentiu invadida, mas Kelsey passou correndo por ela e jogou os braços em volta de Bryan. Ele se sentou, rindo.

— Você está péssimo! — comentou Kelsey.

Um curativo cobria o corte em sua testa. Com o sangue da noite anterior, Ivy não tinha percebido o machucado, que cobria todo o rosto até o maxilar.

Bryan encarou o olhar de Ivy.

— Prazer em vê-la de novo.

— Como está se sentindo, Ivy? — Max perguntou.

— Bem — ela respondeu num tom lacônico. — E você?

— Sem muita vontade de entrar num barco — ele respondeu com um sorriso retorcido.

Parecia cansado e o seu constante bronzeado tinha se transformado num tom esquisito de marrom, como se tivesse empalidecido por baixo.

— Max tem bancado a enfermeira — disse Bryan. — Não sei o que faria sem ele.

Kelsey se sentou no sofá com Bryan.

— Posso assumir essa tarefa por enquanto.

— Foi uma concussão — Max os informou. — O tio Pat não ficou muito contente. Bryan não pode treinar no gelo até os sintomas sumirem. Não pode arriscar que uma queda faça mais estragos.

— Portanto, estou em férias — Bryan comemorou, alegre.

Não era uma boa notícia. As horas de Bryan no rink eram os únicos momentos que Ivy sentia que podia baixar a guarda.

— Quais são os sintomas? — perguntou Kelsey.

— Fico um pouco confuso.

— Um pouco? O tio Pat quase endoidou — Max contou — quando Bryan o chamou de *Pete*.

— Ele achou que eu estava fingindo.

— Estava? — Ivy perguntou.

— O que você acha? — Bryan se inclinou para a frente e sorriu.

Kelsey o puxou para trás.

— Acho que se lembra do que quer. — Descansou as pernas no colo dele. — E acho bom se lembrar de mim. Já tivemos uma amnésia conveniente neste verão.

— Nossa! Não tinha pensado nisso! — Max disse. — É meio sinistro, dois caras retirados da água em Chatham, ambos abobados. Pelo menos você sabe quem é, Bryan.

Bryan olhou de relance para Ivy.

— Eu sei. — Em seguida, voltou-se para Kelsey. — Qual era mesmo o seu nome?

Ela lhe deu um beijo estalado no braço e ele e Max gargalharam.

Ivy examinou Bryan. Quando Tristan assumiu o corpo de Luke, a mente e o espírito de Luke tinham ido embora completamente. Tristan não tinha nenhum acesso às lembranças de Luke. Então Gregory não teria o mesmo problema? Mas Gregory os vinha espreitando desde a noite da sessão espírita, portanto, teve muitas oportunidades de aprender coisas sobre Bryan. Teria lapsos aqui e ali, claro, mas ele se viraria, em especial com a desculpa de uma concussão. O que Gregory sabia de fato sobre os crimes de Bryan? O suficiente para continuar as ameaças de Bryan contra “Luke”?

— Então, adivinhem onde vou passar as férias? — perguntou Bryan.

— Vai embora de Cape? — Kelsey perguntou, sombria.

— E deixar meus amigos? — Bryan sorriu para Ivy. — Não, vou ficar na casa de Max e aproveitar os brinquedinhos dele.

E a maravilhosa liberdade que essa situação lhe proporcionaria, Ivy pensou, sem restrições do tio Pat nem do trabalho.

— Sorte minha — disse Max.

Bryan deu um empurrãozinho em Kelsey.

— Vamos dar um rolê, garota. Estou cansado de ficar sentado.

— Um minuto para eu mudar de blusa.

— Encontre a gente no carro — Bryan disse, jogando as chaves para Max. Enquanto Max saía, Bryan virou-se: — Ivy — disse com uma voz suave, tão perto dela que ela pôde ler seus lábios —, agradeça a Tristan pela dica.

— A dica? — Lacey perguntou, repetindo as palavras de Ivy.

Tristan não disse nada. Tinha desistido de encontrar Lacey naquela tarde e ficou um pouco chateado quando o anjo apareceu assim que Ivy o chamou. Os três sentavam-se à mesa de jantar diante de umas portas de correr da casa de veraneio dos Steadmans. O luar projetava um tom prateado no deque externo, clareando também o campo de margaridas. Ivy tinha aberto as portas e levantado um pouco as persianas para que a brisa marinha entrasse.

— Do que ele estava falando? — Ivy perguntou. — Gregory veio aqui?

Lacey arregalou os olhos.

— Ele veio e você lhe disse quem era?

Tristan se sentiu encurralado; sabia que não gostariam da resposta dele.

— Fui até a casa de Chase no domingo à noite.

— Tristan! — Ivy o repreendeu.

— Não posso ficar aqui sem fazer nada, Ivy! Prometi a Philip que tomaria conta de você.

— Não responsabilize Philip. Você sabe o que está em jogo — Lacey o interrompeu abruptamente.

Para Tristan, a única coisa em jogo era a perda de Ivy.

— No início, Gregory não sabia quem eu era. Tentou controlar a minha mente.

— Depois, ele percebeu que estava lidando com alguma coisa não muito humana — Lacey concluiu.

Tristan assentiu.

Lacey virou-se para Ivy:

— Isso está ficando assustador.

— Não — Tristan argumentou —, está ficando melhor. Como nós dois estamos presos em corpos, o campo de batalha fica nivelado.

Lacey o encarou como se ele fosse doido.

— Você está achando que isso é algum tipo de esporte?

— Só que você, Tristan, foi *colocado* no corpo de Luke. Gregory conseguiu fazer isso por conta própria — disse Ivy.

— Exatamente — declarou Lacey. — O que significa que vem adquirindo poderes perigosos.

Tristan balançou a cabeça.

— Gregory não é tão esperto nem tão poderoso. Ele ouve as mesmas vozes que eu ouço. As vozes lhe disseram como fazer.

— Vamos deixar isso bem claro — Lacey comentou. — Você está se sentindo por cima e confiante porque as vozes, que contaram a um demônio como fazer algo que só Deus deveria fazer, têm uma linha direta com você!

Tristan se afastou da mesa. Ele não sentia medo — era hora de agir.

— O fato de Gregory estar agora em Bryan facilita as coisas para mim — disse, diante das portas duplas, olhando para a grama alta e para o mar além dela. — Agora, finalmente, destruir Gregory irá significar simplesmente matar um assassino.

— Não! — Lacey gritou. — Destruir Gregory significará destruir você mesmo. Não importa o que ele ou Bryan fizeram. Se o matar, vai condenar a sua alma.

Tristan viu Ivy fechar os olhos. À luz da lua, ela parecia pálida.

— Tristan — ela começou, com a voz trêmula —, o objetivo não é destruir Gregory. O objetivo é ficarmos juntos, você e eu.

Você não vê?, Tristan queria gritar. *Gregory jamais vai permitir isso!* Mas ela parecia tão frágil, exaurida pelo medo.

Ele se sentou e pegou a mão dela.

— Está bem, vamos tentar o seu plano. Vamos encontrar uma prova para culpá-lo pelos crimes de Bryan e colocar Gregory na prisão pela vida toda. Vamos ajudá-lo a escrever sua própria sentença de morte.

Sentiu a mão de Ivy relaxar.

— Agora você está raciocinando! — disse Lacey.

Ele achava que valia fazer uma tentativa, mas, se Gregory se aproximasse demais de Ivy, nada o impediria de matá-lo.



Capítulo 10



— É uma fórmula secreta — Will contou a Ivy na noite de quarta-feira, enquanto pincelava as coxas e as asas de um frango com molho barbecue.

— Um segredo que vem engarrafado — Beth acrescentou, sorrindo. Ela estava no balanço do quintal, enchendo a tela do notebook, derramando palavras em linhas de vários tamanhos. — Poemas. Will sorriu.

— O segredo está no que eu acrescento aos ingredientes da garrafa.

— O cheiro é bom — Ivy deixou na mesa de madeira escovada um monte de talheres de prata e prendeu a pilha de guardanapos com uma pedra. — Aonde a Kelsey vai hoje à noite?

— Para Wellfleet, com Max e Bryan — disse Beth.

— Não dá para tomar conta dela o dia inteiro — acrescentou Will, como se adivinhasse os pensamentos de Ivy.

Ela assentiu. Desde que Kelsey estivesse com outras pessoas, ela estaria bem. Mas é claro que era impossível impedir que ela e Bryan ficassem sozinhos.

Ivy voltou ao chalé para pegar uma jarra de chá gelado.

— Oi, Chase! — gritou, vendo que ele se aproximava.

— Chase, como vai? — perguntou Will.

— Bem. — Chase mal olhou para eles. — Imagino que Dhanya esteja aí.

— Se arrumando. É bom ver você, Chase. Fiquei realmente preocupada — comentou Beth.

— Não tinha motivo para se preocupar.

— Motivo suficiente para que você passasse a noite no hospital — Will comentou. — Que exames fizeram em você?

Chase lhe lançou um olhar frio.

— Os exames de sempre para quem bate a cabeça num barco. Max quase nos matou.

— Chase — Ivy disse, baixinho —, você estava dirigindo quando o barco virou. E depois, quando Max te resgatou, você estava meio inconsciente.

Chase desviou o olhar.

— Você se lembra disso? — perguntou, curiosa.

— Como, se eu estava inconsciente? Disseram que tive um ataque epilético.

— Um ataque epilético — Ivy repetiu. Tinha sentido. Os historiadores dizem que muitas pessoas classificadas como “possuídas pelo demônio” na verdade sofriam de epilepsia. A explicação poderia muito bem funcionar ao contrário. E para alguém como Chase, para quem controle e superioridade mental eram tudo, uma explicação fisiológica seria mais agradável do que a ideia de um demônio possuindo a sua mente. — Bem, isso pode ser tratado com medicamentos.

— Não vou tomar nada. Não há nada de errado comigo.

— Oi, Chase — Dhanya o cumprimentou, abrindo a porta de tela. — Desculpe, não sabia o que vestir. — Aproximando-se dele, ela estendeu a mão e o tocou gentilmente no rosto. — Como vai?

Ele se afastou dela como se não suportasse que o tocassem.

— Vamos.

Ivy o observou indo ao estacionamento com Dhanya. Ela tentou segurar na mão dele, mas ele deixava os dedos dela escorregarem.

Will voltou para a sua grelha.

— Que imbecil, pondo a culpa do acidente no cara que salvou a vida dele.

— Pegue leve, Will — Beth disse. — Ele vivenciou algo que não compreende. E está muito só.

Will sorriu.

— Se parasse de se achar mentalmente superior aos outros, talvez tivesse companhia.

— O ego dele realmente dificulta as coisas — acrescentou Ivy. — De qualquer modo, sinto pena de Chase. Ele está apavorado.

Will olhou para Ivy.

— E nós também.

— Amanhã é meu dia de folga — disse Ivy quando ligou para Tristan naquela noite.

— Ah, adivinhe... — ele retrucou. — É meu dia de folga também. Que tal um encontro?

— Que tal longe de Cape? Providence?

— Isso significa que tenho um encontro ardente com Gemma?

Ivy riu. Tristan estava se referindo ao disfarce dela de estudante de arte e colega de Corinne.

— Ela mal pode esperar para ver você!

Eles combinaram um horário e um ponto de encontro: Ice House Pond. Ivy então colocou o celular no bolso e sentou-se para trabalhar num quebra-cabeça da mesa de café. Por algum tempo, Dusty dormiu profundamente no sofá junto dela, depois bocejou, esticou as patas com tufo de pelos e saltou no chão com um baque surdo. À porta do chalé, ele miou, impaciente para começar a caçada noturna.

Quando ela deixou o gato sair, ficou surpresa ao ver Max sentado numa cadeira do gramado,

tamborilando os dedos nervosos nos braços da cadeira. Ao ouvir a porta de tela se abrir, ele se virou.

— Oi, Max. Está esperando alguém?

— Estou tomando coragem.

— Sinto muito, Dhanya saiu.

— Vim ver você.

Ivy tentou decifrar a expressão dele nas sombras. Será que ele percebia que havia algo de diferente com Bryan? Talvez as perguntas dela na festa tenham feito ele se lembrar de alguma coisa.

— Entre.

Depois de aceitar um chá gelado de framboesa, ele sentou-se no sofá, olhando para o quebra-cabeça. Apoiou o pé direito no joelho esquerdo, depois mudou de ideia e apoiou o pé esquerdo no joelho direito.

— E aí? — Ivy perguntou, oferecendo-lhe a garrafa gelada e sentando-se numa cadeira à direita dele.

Ele ficou brincando com a sola do mocassim.

— Somos amigos. Pelo menos, eu penso em você como amiga.

— Sim, somos — Ivy confirmou e esperou.

— Amigos devem ser sinceros uns com os outros.

Ivy assentiu com a cabeça.

— Eu quase matei você.

— O quê?! — ela exclamou.

— Eu quase matei você — ele repetiu. — Foi um milagre não tê-la matado.

Ivy o encarou.

— Max, o que aconteceu no barco não foi culpa sua.

— Não — ele disse —, isso não. O acidente de carro.

Ivy calou-se, atordoadada.

— Na noite em que você e Beth vieram à minha casa buscar Dhanya e Kelsey. Eu tirei vocês da estrada.

— Você fez isso? — A voz dela falhou de emoção. — Por quê?

Ele sacudiu a cabeça como se não soubesse mais o que dizer; então, levantou-se e ficou andando de um lado para o outro.

— Eu não *tentei* fazer isso. Eu tentei *não* atingir você, disso me lembro muito bem. Mas também me lembro do meu carro indo direto na direção do seu. Então, talvez eu não tivesse tentado antes de

ser tarde demais. Acho que estava bêbado. Mas, na verdade, não me lembro de ter bebido. Lembro que a minha festa estava fugindo do controle, todo mundo bebendo demais. Procurei Bryan, porque ele é bom para acalmar as coisas. Ele não estava por lá, então saí, só para dirigir por aí e fugir um pouco de tudo. No caminho de volta, acho que estava correndo demais e aconteceu aquilo.

Ele parou de andar e virou-se para ela. Estava meio escuro no chalé. Ivy acendeu a lâmpada. Max parecia confuso, como ela mesma se sentia.

— Por que não desacelerou? — ela perguntou. — Por que não foi para o lado direito da estrada?

— Eu tentei. Quero dizer, *acho* que tentei. Mas não conseguia controlar o carro. Segurava a direção com a maior força possível, mas ela não virava... não virava de jeito nenhum! O meu carro continuava indo na sua direção, até você sair da frente e capotar.

Ivy se apoiou na almofada da cadeira, pensando.

— Depois que você capotou, eu fugi — Max sentou-se na cadeira oposta à dela e baixou a cabeça por um instante. — Estou envergonhado. Devia ter parado. Foi perto da minha casa; eu dizia a mim mesmo que a moçada da festa ouvira a batida... e ajudaria você. Estacionei do outro lado da estrada, depois voltei correndo e cheguei junto com o resgate. Fui um covarde.

Ivy não falou nada durante algum tempo. O lado dela que vinha querendo bem a Max queria dizer que isso tudo não tinha mais importância; ela e Beth estavam bem. Mas outro lado dela sabia que Max tinha se comportado tão mal quanto Bryan, abandonando as vítimas depois de um acidente. Pessoas boas também conseguiam fazer coisas muito ruins.

— Max, eu o culpo por fugir, por mais nada. Acredito que tentou evitar o meu carro. Você não é o tipo de pessoa que machucaria outra deliberadamente. Além disso — ela acrescentou —, pela sua própria segurança, você teria jogado o carro para o lado.

— Mas o fato é que não fiz isso.

Porque Gregory não o deixaria, Ivy pensou. Gregory já tinha voltado ao mundo através da sessão espírita e viu uma oportunidade de matá-la. Ele tampouco se importaria com Max. Max tinha lutado pelo controle do volante, mas Gregory era mais forte e teve êxito — exceto que Tristan veio e a beijou.

Ela não sabia como explicar isso para Max.

— Havia algo de errado com o seu carro. Não tem como você ter feito isso deliberadamente.

— Não quero inventar desculpas, Ivy. Preciso admitir que fiz algo terrível e acabar com isso.

— Por que não admitiu na época? — ela perguntou, curiosa. — Talvez não na hora, mas alguns dias depois?

— Na noite da festa, lá pelas duas ou três da manhã, Bryan voltou. Contei a ele o que tinha acontecido. Ele me disse para esperar, esperar as coisas se acalmarem. Depois, quando soubemos que você e Beth estavam bem, ele disse que uma confissão iria estragar tudo. Os meus pais ficariam chateados. A polícia investigaria os convidados, fazendo um monte de perguntas inconvenientes.

Como onde esteve Bryan naquela noite, Ivy pensou.

— Ele me disse que Dhanya não iria querer mais nada comigo. Então, deixei isso de lado, e, quanto mais eu deixava e mais legal você era comigo, pior foi ficando. — Ele levantou-se, olhando através da porta de tela por um instante. — Então, aconteceu esse passeio de barco.

— E daí?

— Foi a mesma sensação de quando eu estava dirigindo na sua direção. Quando Chase agarrou o leme e eu não consegui retomar o controle, foi como se tudo estivesse acontecendo de novo.

Porque estava, Ivy pensou. Gregory estava no controle novamente. Mas Gregory sabia que ela estava com um colete salva-vidas. Desta vez, Ivy se deu conta, o objetivo dele não era ela, mas um corpo — um corpo perfeito para ele, uma combinação feita no inferno.

— Na noite passada — Max continuou —, sonhei com o seu acidente várias vezes. Quando acordei esta manhã, sabia que precisava desabafar.

— Você falou para o Bryan que iria me contar? — Ivy perguntou. — Ele está na sua casa agora, não é?

Max voltou à cadeira oposta a ela.

— contei do pesadelo. Não disse que iria falar com você, pois sabia seria covarde o bastante para deixar que ele me dissuadisse dessa ideia.

— Não precisa contar a ele agora — Ivy disse. Quanto menos Gregory soubesse sobre as coisas de Max, menor poder teria sobre ele.

— Você me perdoa?

Ela viu os olhos lacrimejantes dele.

— Max, todos nós cometemos erros...

— E depois agimos como se nada tivesse acontecido, mesmo quando alguém podia ter morrido? — Ele desviou o olhar.

— Somos humanos. Cometemos erros e, às vezes, o medo nos leva a acobertá-los.

— Pode dizer que me perdoa? — Max perguntou. — Me ajudaria ouvir você dizer isso.

Ela não queria perdoar algo causado por Gregory.

— Caso contrário, acho que não vou conseguir me livrar disso — Max explicou. — Pode ser egoísta, mas sinto que não...

— Eu perdoo você — Ivy disse, perguntando a si mesma se algum dia perdoaria Gregory de verdade. — Também quero me libertar disso.

Depois que Max foi embora, Ivy ficou olhando o quebra-cabeça, mexendo as peças, tentando fazer ligações. Forçou o encaixe de duas peças, depois teve de desfazê-lo.

Se Gregory era responsável por matá-la, Tristan não estaria justificado por trazê-la de volta à vida? O beijo de Tristan, que a trouxera de volta à vida não tinha acertado as coisas de novo? Acertado, de acordo com quem? Acertado — como se ela devesse ficar viva nesta terra. Acertado —

como se o desejo deles de ficar juntos neste mundo fosse a única coisa importante.

Ivy queria acreditar que Tristan e Max eram vítimas da maldade de Gregory, forçados por ele a cometer erros. Mas a situação de Max evidenciou algo para ela: embora não tivesse sido Max quem a tirara da estrada, ele teve uma atitude errada na maneira de reagir ao acidente. Quando abandonara ela e Beth na estrada para morrer, Max tinha sucumbido a uma tentação criada por Gregory. Assim como Max, Tristan fora exposto a uma forte tentação imposta por Gregory. Agora não tinha os seus poderes angelicais e a tentação de protegê-la era ainda maior. A verdade é que cada pessoa é responsável pela maneira como reage a uma situação.

No fundo, Ivy sabia que a missão de Tristan era salvar sua alma decaída. Ela faria qualquer coisa para ajudá-lo — qualquer coisa! Mas temia que a melhor coisa para ele fosse ficar longe dela. Era a forma mais difícil de amar.



Capítulo 11



Ainda via-se o orvalho da manhã nas árvores ao redor de Ice House Pond. Tristan esperava que as roupas emprestadas, o jeans desbotado e a camiseta cáqui, o ajudassem a se camuflar. Cantarolava ao caminhar, sentindo-se como se tivesse recebido uma licença da prisão. Em alguns instantes, o carro de Ivy surgiu. Ele entrou rapidamente, escorregando para o banco. Ela apertou a mão dele e continuou dirigindo. Quanto mais cedo saíssem de Orleans, melhor. Não conversaram até que o carro entrou na Mid-Cape Highway.

— Estou decepcionado — ele disse. — Onde está Gemma?

Ivy deu um sorriso.

— Vamos encontrá-la no Dunkin' Donuts do outro lado do canal. Ela está morrendo de vontade de ver você!

— Quem é que vamos visitar desta vez?

— A senhoria de Luke, Crystal Abbot. Uma das notícias do jornal diz que a polícia conversou com ela, mas as pessoas nem sempre dizem para a polícia tudo o que sabem. Ela se recusou a falar com jornalistas. Talvez fale com Luke. Vale tentar.

— Vale a pena só por estar do seu lado — disse Tristan. Com o braço estendido, ele deixou a cabeça cair para trás, sobre o apoio do banco. E com o punho no ombro dela, deixou os dedos se aninharem nos cabelos macios de Ivy. — Queria que pudéssemos dirigir assim direto pelo país afora.

Ela não respondeu. Quando ele virou a cabeça, viu-a morder os lábios.

— Temos o dia de hoje — disse, baixinho. — Já é mais do que imaginávamos.

Durante a parada no Dunkin' Donuts, riram novamente. Ivy saiu do banheiro usando *legging* transparente estampada de corações, rosas e crânios e botas pretas com cadarço, abertas nos dedos. Sobre a blusinha, usava um colete tecido de fitas e pedacinhos de vidro, tampas recicladas de garrafas de cerveja. Os cílios normalmente dourados pareciam ter sido escurecidos.

— Não sei como consegue erguer os cílios — Tristan comentou enquanto caminhavam abraçados até o carro. Ele podia sentir o riso dela.

Já que não queriam deixar uma pista eletrônica no GPS dela, Ivy imprimiu um mapa, marcando nele o endereço da sra. Abbot. Chegaram na vizinhança de River Gardens, em Providence, perto das nove horas e estacionaram na rua oposta à alta casa de madeira. Na vizinhança de cercas com correntes enferrujadas, o quintal da sra. Abbot, com uma variedade de brinquedos de plástico, parecia mais simpático que os demais. Flores cresciam nos cantos dos degraus de concreto lascado.

Junto da porta havia dois botões e duas caixas de correspondência. Ivy apertou o botão com o nome Abbot.

A porta se abriu e a carinha de um menino apareceu no vãozinho entre o batente e a porta.

— A mamãe disse que o apartamento está alugado.

— Não estamos aqui procurando apartamento para alugar — Ivy começou a explicar.

A porta se fechou e, em seguida, rapidamente se abriu de todo e uma criança saiu. Ouviram-se passos no vestíbulo e um vestígio de garotinha passou correndo por Ivy e Tristan.

— Zeke, vou matar você! — ela gritou. Perseguindo o menino, ela deixou a porta entreaberta.

— Olá? — Tristan chamou, entrando com Ivy.

No final do vestíbulo, enfiada embaixo da escada, outra porta estava aberta, e um bebê engatinhava na direção deles. Um par de braços fortes surgiu, recolhendo a criança.

— Desculpe — a mulher disse, andando pelo vestíbulo com o bebê se debatendo em seus braços.
— O apartamento está alugado.

Tristan tirou o boné de beisebol e os óculos escuros.

— Luke! Então é verdade. Você realmente tem voltado a Gardens.

Ele simplesmente assentiu com a cabeça, sem saber como Luke chamava sua senhoria.

— Olá, senhora Abbot — Ivy disse.

— Crystal — ela respondeu com um aceno de cabeça. A encorpada mulher tinha uma pele avermelhada e o cabelo curto. O rosto simpático estava enfeitado com um imenso par de argolas.

— Crystal, esta é minha amiga Gemma.

— Uma amiga de Corinne — Ivy acrescentou. — Corinne e eu estivemos juntas na escola de arte.

A mulher sorriu um pouco, dando uma olhada na roupa de Ivy.

— Dava para adivinhar — ela disse. — Entrem. Cuidado com o patinete. E com o skate.

A sala dos Abbots era ensolarada, a mobília gasta e os tapetes espalhados, realmente espalhados, dando a sensação de que crianças corriam sobre eles o tempo todo. Crystal balançava o bebê no colo, tirando os travesseiros do chão com a mão livre, enquanto os levava até a cozinha.

— Al está dormindo. O meu marido faz o turno da noite — ela acrescentou, dirigindo essa explicação a “Gemma”.

Eles a acompanharam até uma varanda com duas cadeiras de balanço. Tristan se sentou nos degraus. O quintal era uma pequena selva de mato que crescia sob a copa de uma grande árvore. A julgar pelas cordas e pneus amarrados à árvore e pelas latas com sobras de material de construção, era o paraíso das crianças. O menino e a menina estavam ocupados armando uma cabana.

— Como nos velhos tempos — Crystal disse, e Tristan sorriu, sentindo o mesmo constrangimento e humilhação que experimentava quando as pessoas que gostavam de Luke o olhavam com ternura.

— É melhor colocar o boné e os óculos escuros. Não vou contar para as crianças que é você. Não quero que digam alguma coisa para a pessoa errada.

Ele concordou e fez como ela pediu.

— Seja lá quem for a pessoa errada — Crystal acrescentou, franzindo a testa. — Você sabe quem matou Corinne?

— Não.

Crystal balançou-se um pouco, depois virou-se para Ivy.

— Você acha que o assassino é alguém da vida recente de Corinne? Ela fez inimigos na escola de arte?

— Ela não fez muitos amigos.

O bebê começou a se agitar, e, para surpresa de Tristan, Crystal o entregou a ele.

— Micah sempre gostou de você.

Tristan olhou para Ivy, sentindo-se perdido. Tentou lembrar-se de como as pessoas seguravam bebês. O pezinho nu ficava batendo nas pernas de Tristan, então ele ergueu a criança pelos braços, de modo que pudesse flexionar os joelhos rechonchudos.

— Está crescendo, garoto.

O bebê pegou a aba do boné de Tristan e começou a mordê-lo.

— Ei! Você não sabe por onde isso andou — Tristan disse, segurando a criança com uma mão e virando o boné para trás. Micah agarrou os óculos de Tristan e começou a virá-los, batendo-os na cabeça, depois deixou-os cair e despencou no peito de Tristan. O corpinho dele estava úmido e quentinho, cheirando a talco. Batendo nas costas do bebê e torcendo para que ele não regurgitasse, Tristan olhou por cima dos ombros e viu Ivy rindo.

— Você devia ter ido pra oeste, Luke — Crystal disse. — Ou sul. Cape não fica muito longe.

— Sim, eu sei disso.

— O que aconteceu com Alicia? A menina não era do tipo que se suicida.

— Concordo — ele disse.

— Ouvi gente culpando você — ela continuou. — Sei que não é verdade.

— Acho que quem matou Corinne também matou Alicia. Ela estava aqui comigo na noite em que Corinne me pediu para encontrá-la em Four Winds. Alicia não percebeu que era meu álibi, quando tudo aconteceu.

— Então, mataram o seu álibi. — Crystal fechou os olhos por alguns instantes. — Deus tenha piedade.

— A senhora viu Alicia naquela noite? — Ivy perguntou a Crystal. — Sei que se tivesse visto a que horas ela foi embora, teria contado para a polícia. Mas talvez tenha visto quando ela chegou. — A voz de Ivy implorava. — Qualquer coisa que possa contar como ajuda.

Crystal lançou um olhar para “Luke”.

— Você sempre ganhou o coração das meninas. — Em seguida, ela apontou para alguns degraus exteriores. — Ali é a escada para o terceiro andar — ela contou a Ivy. — Os fins de tarde são barulhentos por aqui; Al agita as crianças. Eu me enfio no quarto e estudo, não vi nem ouvi nada. Conte isso para a polícia quando bateram na nossa porta às duas da manhã. Não estava acordada o suficiente para ser o álibi de alguém. O melhor que pude fazer foi impedir que revistassem o quarto de Luke sem um mandado.

Portanto, de novo sem saída, pensou Tristan.

— E Bryan Sweeney? — Ivy indagou, deixando a pergunta no ar, testando a reação da senhoria diante da menção a ele.

Crystal observou os filhos carregando um bloco de concreto para a cabana num carrinho de mão enferrujado.

— Bryan ajudou. Ele tirou Luke daqui. Mas ele e eu não nos entendemos. Você sabe disso, Luke.

— Por que não? — Ivy perguntou.

— Você o conhece? — a mulher retrucou. — Ele é bem parecido com Corinne. Ambicioso. Autocentrado. Disfarça melhor que Corinne, mas está sempre preocupado consigo mesmo. — Crystal avaliou Ivy, depois levantou-se decidida — Guardei uma coisinha pra você, Luke. Acho que posso entregar na frente de sua amiga.

Ela sumiu na cozinha. Ivy e Tristan trocaram olhares esperançosos. O bebê esticou as pernas gorduchas, tentando ver aonde a mãe tinha ido, depois descansou no ombro de Tristan.

Crystal voltou com uma caixa de cereal. Enfiando a mão na tampa de papelão, tirou de lá um envelope pequeno e fofo e o entregou a Tristan, pegando então o bebê. No envelope, endereçado a Luke, o remetente escrito com letra de mão era Corinne Santori.

— Ele chegou dois dias depois que Corinne foi morta, um dia depois de a polícia ter vasculhado os seus cômodos.

Tristan ergueu um olhar questionador para Crystal.

— Al e eu decidimos não contar aos policiais. Se tivessem pegado você, daríamos um jeito de enviá-lo. Do nosso ponto de vista, isso era só para você.

Tristan precisou de todo o seu autocontrole para não rasgar o envelope ao abri-lo. Tentou soltar a fita adesiva e depois pediu uma tesoura. Com alguns piques, conseguiu abrir um dos cantos. De dentro caiu algo pequeno e sólido.

— O pen drive dela! — Ivy exclamou suavemente.

Tristan colocou o drive no chão, junto de si, depois tirou um bilhete do envelope.

— “Luke, guarde isso para mim com cuidado” — ele leu em voz alta.

— Qual é a data no envelope? — Ivy perguntou.

Tristan apertou os olhos.

— O dia anterior da morte de Corinne.

— Alguém estava na cola dela — comentou Crystal.

Tristan pegou o pen drive. Em algum lugar daqueles dezesseis gigas havia fotos do carro acidentado de Bryan. Essas fotos, o bilhete de Corinne e a foto de Bryan com as abotoaduras, que combinavam com a deixada junto de sua primeira vítima, seriam provas suficientes para convencer a polícia.

— Eu não espalharia que você tem isso — Crystal aconselhou. — Corinne estava sempre enfiando a sua câmera na vida dos outros. Vai ter gente de monte querendo agarrar isso da sua mão.

Tristan sorriu, guardando o pen drive no bolso. Claro! Havia outros que teriam feito coisas ilícitas, mas menos graves que um assassinato. Essas pessoas poderiam confirmar que Corinne era chantagista. Eles não se apresentariam espontaneamente, mas, se houvesse provas, certamente se abririam com a polícia.

— Você tem alguma coisa onde possamos guardar este envelope?

Crystal trouxe um plástico com fecho.

— Não sei como agradecê-la — Tristan disse.

— Você pode pagar os seus dois últimos aluguéis — Crystal respondeu.

— Devo dois meses? — Tristan viu Ivy escondendo o riso.

— Você pagou o terceiro mês pintando os banheiros, lembra?

— Anote o valor — disse Ivy. — Vai receber.

Crystal assim fez e depois os acompanhou até a entrada com Micah no colo.

Tristan não sabia como se despedir. Um cumprimento de mão parecia formal demais para uma mulher com quem Luke se sentava na varanda. Mas cada abraço que dava enquanto se passava por Luke fazia com que se sentisse mais desleal. Passou a mão gentilmente na cabeça do bebê.

— Logo, logo — ele disse —, você estará correndo atrás de seu irmão e da sua irmã. Vai mostrar a eles como esses pezinhos são rápidos.

Os olhos escuros de Crystal se emocionaram.

— Sentimos sua falta, Luke.

Quando voltavam, Ivy sorriu.

— Completamente natural — ela provocou. — Quem imaginaria isso? Só faltou você dar de mamar e trocar o bebê.

— É, e grudar a fralda no pagãozinho dele. Você viu como era pequeno? Viu as unhas em miniaturas dele?

Ivy riu de Tristan.

Eles tinham pegado o notebook de Ivy no porta-malas e Tristan o ligou enquanto ela dirigia.

Depois, colocou nele o pen drive.

— Vou fazer um backup.

— Estou tentando me lembrar de um bom lugar para a gente começar a pesquisar os arquivos. Verifiquei as coisas on-line ontem à noite. Com a morte de Alicia, você virou novamente notícia em Massachusetts e Rhode Island, completa com fotos.

— Sim, mas de acordo com Chase, não muito elogiosa — Tristan brincou. Estava com o coração mais leve agora. — Que tal Connecticut? Hartford. É mais fácil passar despercebido em outra cidade.

— Boa ideia! Sei exatamente onde podemos ficar bem sossegados.

Depois de duas horas e uma parada para descansar, quando Ivy largou as coisas de Gemma, exceto os cílios, ela parou num estacionamento da Trinity University. Tristan guardou o notebook no bolso protegido da mochila e a pendurou no ombro. De mãos dadas, caminharam até a biblioteca. Podiam se passar por quaisquer estudantes universitários num campus meio vazio por conta do verão.

Pelas horas seguintes olharam fotos. À primeira vista, acharam que a tarefa seria fácil. Embora o pen drive contivesse um número imenso de fotos e houvesse pastas dentro de pastas, os arquivos eram nomeados da maneira sistemática que um artista compulsivo — ou chantagista competente usaria.

Porém, nomes supostamente promissores de pastas davam em arquivos inúteis. Em uma pasta denominada River Gardens, havia apenas um carro, que aparecia numa foto do padrasto de Corinne com o carro que tinha para alugar. Encontraram o ensaio fotográfico dela, Carscape, entre seus trabalhos escolares, mas essas fotos tinham um trato tão artístico que não havia nenhuma foto de algum carro facilmente identificável com batida na parte dianteira.

— Não sei muito sobre como um fotógrafo usaria o computador — Tristan comentou, reclinando-se na cadeira. — Existe algum jeito de pesquisar fotos de acordo com a data?

— A data em que foram tiradas? — Ivy suspirou. — Não sei.

— Se ela as enviou a Luke, por segurança, *deve* haver algo que a incrimine.

— Concordo. — Ivy esfregou os olhos e reclinou-se na cadeira. — Talvez Corinne usasse um drive maior e colocasse essas muitas fotos nele para impedir que alguém que o pegasse fosse capaz de encontrar facilmente fotos comprometedoras. Tristan, que tal deixar Will abrir isso? Ele faz um monte de trabalhos de arte no Mac, inclusive fotografia. Deve saber as coisas técnicas que Corinne sabia. E, sendo da área, talvez veja padrões nessas fotos que a gente não vê.

Tristan concordou.

— Vamos fazer uma pausa, depois continuamos um pouco mais. Se não encontrarmos nada, entregamos a ele.

Encontraram um café no campus chamado Cave, pegaram sanduíches e foram fazer um piquenique no pátio principal, embaixo de uma árvore. Moças se espalhavam pela grama tomando sol. Um rapaz jogava frisbee com o cachorro. Estudantes passeavam por um caminho de lajotas, entre edifícios de

arenito. O telhado inclinado desses edifícios era pontuado de empenas, torres e águas-furtadas, tão perfeitas nos detalhes góticos que pareciam cenário de cinema.

Depois de comer, Tristan deitou-se na grama, olhando para a copa dos bordos e para as petalazinhas de céu azul que surgiam aqui e ali. Ivy deitou-se ao lado dele, recostando a cabeça em seu ombro. Ele enrolava de leve o cabelo dela nos dedos, ouvindo os fragmentos de conversa de duas pessoas que passavam, um jovem que falava animadamente sobre algo que havia lido e um homem mais velho, cuja contribuição para a conversa era apenas uma risadinha.

— Esta é a universidade que você vai cursar — Tristan disse, de repente. Mais cedo, ele tinha notado que Ivy conhecia o caminho até a biblioteca. Em um mês, ela estudaria ali, moraria num dormitório e faria amizade com pessoas que ocupavam um mundo bem diferente daquele que ele habitaria como Luke.

Ivy ergueu a cabeça e o observou.

— O que foi? No que está pensando?

Como Luke, ele não tinha diploma de colegial, nem casa, nem emprego; e não tinha dinheiro ou histórico para obter essas coisas.

— Andrew e Maggie e seus novos colegas de universidade não vão brindar nossa relação com champanhe. Ivy, ninguém que goste de você vai querer nos ver juntos.

— Philip vai. E Beth e Will... estão felizes por nós — ela argumentou.

— Mas para os demais, serei sempre um suspeito que fugiu da polícia.

— Não importa. Sei quem você é. Sabia antes de você saber.

— Se tivermos sorte — Tristan continuou —, serei visto como o melhor amigo de um assassino, o antigo namorado de uma chantagista e...

Ela o silenciou colocando o dedo em seus lábios.

— Tudo o que importa é o que você significa para mim.

— Para você sou um “*decaído*”.

Ela passou os braços em volta dele.

— Você vai se redimir. Vamos resolver isso.

Mas tudo o que ele conseguia ver eram as coisas mundanas que os manteriam afastados um do outro, realidade que não sabia como mudar. Sabia, apenas, que teria de protegê-la de Gregory. Daria a alma por isso!

— Você ainda é você, Tristan. E eu o amarei para sempre.

Ele a beijou. Deus o proteja — ele sabia que lhe daria o beijo da vida de novo!

— Mesmo depois...

Ela envolveu a cabeça dele nos braços.

— Eternamente.

— Então pode nos ajudar, Will? — Ivy perguntou na quinta, tarde da noite.

Will tinha se sentado em silêncio em sua cadeirinha reta, brincando com pedacinhos de giz colorido espalhados na mesa perto dele, ouvindo a história de Ivy. O desenho em que ele trabalhava quando ela entrou tinha sido apressadamente escondido sob um catálogo de cursos da New York University.

Ele deixou cair o giz e virou-se para ela.

— Incrível. Não acho que poderia sobreviver a tudo o que você e Tristan têm enfrentado.

— Conheço o seu coração, Will. Você poderia. Mas espero que não precise.

Ele inspirou fundo e soltou o ar devagar, como se ainda refletisse sobre as coisas que ela acabara de lhe contar sobre Bryan e as investigações de assassinato. Em seguida, estendeu a mão para o pen drive.

— Vamos ver o que posso encontrar. Se Corinne realmente fazia questão de esconder as suas coisas, vai levar algum tempo. Vou fazer uma cópia. Você deveria colocar o original de Corinne num cofre.

— Boa ideia.

Ele enfiou o drive USB na entrada do computador, clicou em um ícone e começou a abrir as pastas.

— Nossa!

— Sei que estou descarregando um monte sobre você.

Ele se virou para ela, sorrindo.

— Ei, essa chance de xeretar o trabalho de outro artista — artista e chantagista —, eu vou adorar!
— O tom de voz era leve, mas seus olhos escuros demonstravam uma intensidade e preocupação que traíam o sorriso.

— Obrigada, Will. — Ivy lhe deu uma pasta com fotos e artigos que tinha extraído da internet, além de uma lista de nomes e descrições físicas de pessoas e lugares que tinha visitado em River Gardens, material que poderia ajudar Will a identificar o que via nas fotos.

Enfiando o drive de Corinne no bolso, ela disse:

— Will, ao lhe contar tudo isso, eu o coloco em perigo. O que faremos em relação a Beth?

— Ela iria gostar de saber — ele disse sem hesitação. — Eu conto a ela.

Ivy concordou e levantou-se para ir embora. À porta, voltou-se:

— Por falar nisso, esse desenho que você fez de Beth e que está embaixo do catálogo é lindo. Você deveria mostrar a ela.

Will, embora bronzado, ficou meio rosado.

Voltando do quarto de Will, Ivy encontrou-se com Dhanya, que cantarolava e balançava a bolsa enquanto ia até o chalé. Ela parou e sorriu para Ivy.

— Oi.

— Oi, Dhanya. Divertiu-se com Max?

— Na verdade, sim — Dhanya respondeu. — Quando me convidou para sair, eu só queria sair daqui e parar de me preocupar com o jeito esquisito como vem agindo Chase. Mas os vidros no Museu do Sanduíche eram maravilhosos. Depois, andamos pela cidade. Max é ótimo nas compras, não me apressa nem um pouco. Sabe, às vezes, até a minha mãe se chateia quando eu vou fazer compras, mas Max tem paciência.

— É mesmo? — Sabendo como era ir à mercearia com sua colega, Ivy podia facilmente imaginar Dhanya pegando peça por peça de um monte de coisas e, enquanto as avaliava, Max estaria feliz, admirando-a.

— Ele me perguntou se gostaria de ir a Nantucket no meu dia de folga. Disse que é bem bonito lá. — Ela deu uma olhada em Ivy como se quisesse uma opinião.

— Dizem que é ótimo — Ivy disse, comentando mais sobre a ilha do que Max. Dhanya precisava decidir por si mesma com quem queria sair. Ivy abriu a porta de tela, mas Dhanya parou nos degraus do chalé, como se quisesse dizer mais alguma coisa.

— Sabe, foi Max quem salvou Chase quando ele teve o ataque — Dhanya disse. — Apesar de todas as vezes que Chase riu de Max, Max não fala mal dele e não sai por aí contando que o salvou.

— Eu sei.

Dhanya tirou o celular do bolso e sorriu um tanto acanhada.

— Acho que vou mandar uma mensagem para o Max... para que ele não faça outros planos.

Ivy sorriu. Que outros planos ele faria?!



Capítulo 12



—Kelsey! — Bryan berrou da sala na sexta-feira à noite.

Ivy colocou a sacola de livros de música na cadeira da cozinha e olhou para a porta da frente, por onde Bryan entrava.

— Estou aqui em cima — Kelsey gritou do quarto. — Suba.

— Não, fique onde está! Não estou vestida — Dhanya falou, provocando a gargalhada sonora de Kelsey.

Um instante depois, Bryan apareceu no corredor entre a sala e a cozinha.

— Oi, Ivy. — Seu tom de voz grave e sedutor dava arrepios em Ivy. Parecia que estavam de volta à cozinha de Stonehill, com Gregory vivo e em seu próprio corpo.

— Oi. — Ela fez se de ocupada, enquanto lavava e enchia uma garrafa de água.

Ele pegou a sacola de livros, sentou-se e começou a folhear as músicas de Ivy. Ela desejou arrancá-las das mãos dele, mas resistiu ao impulso, pois não queria que ele soubesse que a enervava. Abrindo o congelador, ela pegou alguns cubos de gelo e os jogou na garrafa.

— Quer ir ao cinema esta noite? — ele perguntou.

— O que vocês vão assistir?

— *Harvest Moon*. É sobre um serial killer.

— Que agradável. Onde está Max?

— Disse que tinha uma viagem qualquer a fazer, mas não acho que goste de filmes violentos. — Bryan cruzou a cozinha e se aproximou de Ivy. — Algumas pessoas se assustam com a ficção e com a própria imaginação sombria — disse ele, falando bem perto da orelha dela — e outras, com a realidade.

Os passos na escada os alertaram, mas Bryan não se apressou para se afastar. Kelsey o recompensou com um olhar mordaz para Ivy.

— Obrigada por agradecer o meu namorado, mas estou aqui agora.

— Só estava preparando alguma coisa para beber.

Bryan lançou a Kelsey um sorriso jovial.

— Com sede, garota? Tenho uma caixa de cerveja no carro.

— Ótimo! — Kelsey respondeu.

— Lembre-se da festa — disse Ivy, sem poder alertar Kelsey sobre Bryan de forma mais direta.

— Lembre-se de como passou mal.

— Que festa foi essa? — Kelsey perguntou, rindo, chamando em seguida a amiga pelo vão da escada. — Vamos, Dhanya!

— Dhanya também vai? — Ivy se surpreendeu.

— Kels, você me empresta o seu casaco azul? — Dhanya perguntou.

— Se o seu lindo traseiro chegar aqui antes de o filme estar na metade, sim.

Ivy não gostava da ideia de um demoníaco Bryan dirigindo por aí com Kelsey e Dhanya, com todas as desculpas que uma caixa de cerveja poderia oferecer.

— Pensando melhor, também vou.

Kelsey franziu o cenho.

— Achei que você iria estudar piano.

— Faço isso no domingo.

Kelsey fez uma careta.

— O padre não-sei-quem não vai ficar chateado?

— Calma, Kelsey — Bryan interveio. — É sexta-feira à noite e Ivy precisa de um descanso. Algumas mortes e um pouco de violência vão fazer bem a ela.

— Estou pronta — Ivy disse, pegando a bolsa.

Vinte minutos depois, eles chegaram ao cinema, que tinha sido construído muito tempo antes dos cinemas multiplex. Correntes de ar-condicionado mofado e o cheiro forte de pipoca amanteigada fluíam pelas fileiras. Os bancos eram tão gastos que Ivy sentia as peças de metal do assento. Kelsey garantiu que Bryan entrasse primeiro na fileira, seguido por ela mesma, depois Dhanya. Ivy ficou feliz de sentar-se bem longe de Bryan.

— Espero que não haja muito sangue — Dhanya comentou. — Não me incomodo com filmes de serial killers, desde que não sejam muito sangrentos.

— Você prefere assassinos que estrangulam? — perguntou Bryan, projetando a cabeça o suficiente para olhar para Ivy.

— Prefiro assassinos que façam qualquer outra coisa que não seja sangrar as pessoas.

— Exatamente o que penso — ele disse. — Quem vai querer limpar a sujeira?

Havia apenas uma cena com sangue, o resto do enredo se dedicava a mostrar o perfil do serial killer, que ceifava as suas vítimas na lua cheia. Ivy gostava de suspenses, mas esforçou-se para acompanhar esse. Sua cabeça não era capaz de processar o que via e ouvia. Quando o filme terminou, mais cedo do que esperava, ela teve a impressão de que tinha cochilado. Com os créditos ainda na tela, as luzes se acenderam. Então, Ivy virou-se para a sua colega de quarto e viu que

Dhanya dormia.

— Dhanya? Dhanya? — ela disse baixinho.

Na luz indistinta do cinema, ela via os olhos de Dhanya se mexerem de um lado para o outro sob as pálpebras. Ivy a sacudiu.

— Ei, Dhanya.

Bryan inclinou-se por cima de Kelsey.

— Dhanya, acorde — ele ordenou.

Ela abriu os olhos, olhando ao redor de imediato, como se tentasse entender onde estava, ficando depois visivelmente aliviada.

— Você estava sonhando — Ivy lhe disse. — Está tudo bem.

Dhanya perscrutou o rosto de Ivy com os seus olhos pretos perturbados.

— O que foi? — Ivy perguntou.

Bryan se inclinou por cima de Kelsey.

— Tem alguma coisa errada, Dhanya?

— Não. — Mas os seus dedos estavam tensos sobre o colo.

— Algum pesadelo? — ele insistiu. — Me conte.

A insistência para que ela contasse o sonho chamou a atenção de Ivy.

— Vamos para o saguão, onde as luzes são mais claras — ela disse. — Vai se sentir melhor.

Mas Dhanya permaneceu sentada.

— Foi tão real. O sonho *parecia* tão real, Ivy. Eu estava na ponte do trem. Você também. E Luke. Você estava com Luke.

Dhanya franziu a sobancelha, desviando rapidamente o olhar de Ivy.

— Continue — Bryan a encorajou suavemente.

— A moça que morreu também estava lá. Alicia.

O coração de Ivy bateu mais rápido.

— E...? — Bryan continuou encorajando-a.

— Luke e... — Dhanya sacudiu a cabeça e engoliu as palavras.

— Desembuche! — Kelsey exclamou.

— ... a empurraram da ponte.

— Luke e Ivy empurraram Alicia da ponte? — Bryan perguntou.

— Foi só um sonho, é o que sei — Dhanya afirmou rapidamente.

Mas ela estava assombrada com o sonho — Ivy podia perceber isso nos seus olhos. Tinha sido uma visão poderosa. Gregory teria aprendido a projetar ideias e imagens em alguém que estivesse perto dele?

— Não sei quanto a vocês, mas essas cadeiras estão machucando o meu traseiro — Kelsey os interrompeu.

Ivy levantou-se e Dhanya seguiu-a, mas quando Ivy quis passar o braço em volta dela, Dhanya se afastou. Parecia constrangida e confusa. Cruzando os braços e encolhendo os ombros como se estivesse com frio, ela saiu sozinha pelas fileiras do cinema.

Bryan sorriu e passou o braço em Kelsey. O brilho de satisfação nos olhos dele gelou a alma de Ivy.

Tristan estava concentrado em um romance de John Grisham, sentado na grande poltrona de couro da sala, com apenas a lanterninha de leitura iluminando as páginas amareladas do livro, quando ouviu um toque seco na porta da frente. Desligando a pequena luz, ele esperou. Um segundo toque o fez se levantar. Subiu calmamente os degraus e foi até a janela sobre a porta da frente, separando as lâminas da persiana com os dedos.

Esperava ver Bryan, Chase, ou pior, a polícia. O que viu foi um cara baixo que usava uma camisa de estampa brilhante. *Max*? O visitante combinava com a descrição que Ivy fizera dele.

Até onde Tristan sabia, Bryan tinha mantido a sua vida em River Gardens bem separada da vida na faculdade, portanto Tristan imaginava que tinha sido pouco ou nenhum o contato entre Max e o Luke verdadeiro. Mas Max, assim como outros, também o teria visto no carnaval no último mês, quando Alicia o “reconheceria”.

O cara na porta recuou alguns passos, verificando as janelas. Tristan rapidamente soltou a persiana. Se atendesse a porta, confirmaria que andava se escondendo ali. Claro, não atender não provaria o contrário.

— Luke? — o visitante chamou baixinho. — É Max Moyer, um amigo de Bryan. Preciso falar com você.

Uma armadilha?

— Preciso falar com você sobre a noite em que quase se afogou.

Tristan desceu as escadas. Mesmo que fosse uma isca, não poderia evitá-la.

Quando abriu a porta, Max pareceu aliviado.

— Posso entrar?

Tristan gesticulou, fechando rapidamente a porta atrás dele.

— Deixo as luzes apagadas. — Não havia razão para admitir que assistia a vídeos e usava lanternas durante as vindas de Ivy. Ele conhecia bem a casa escura, e Max não; Tristan queria conservar essa vantagem. — Por aqui.

Max seguiu o som dos passos de Tristan até a sala de estar, andando hesitante, batendo num divã.

— Há uma cadeira logo aí atrás — Tristan lhe disse, sentando-se no sofá comprido obliquamente à cadeira de Max. — Como me encontrou?

— Somando dois e dois — Max respondeu. — Kelsey comentou que Ivy andava escapulindo à noite — andando e pegando um caiaque —, então concluí que você andava por perto. A tia Cindy era grande amiga dos pais daquele que foi atingido pelo raio e eles foram embora de Cape. Procurei o endereço dos Steadmans, vi que era fácil de chegar nele remando e resolvi checar.

Tristan assentiu.

— A noite em que quase se afogou — Max começou, hesitante. — O que você se lembra dela?

— Muito mais do que costumava lembrar. — Se Tristan dissesse que não se lembrava de nada, iria encorajar a mentira. E, para fingir, sabia o suficiente sobre o que acontecera. — O que *você* lembra? — Tristan retrucou.

— Quando estou acordado ou dormindo?

Tristan tentou filtrar o significado da resposta de Max e levantou-se para abrir as persianas. Precisava enxergar o rosto dele. Max piscou como se Tristan tivesse acendido uma luz brilhante.

— Algumas noites atrás, eu contei a Ivy que fui eu quem tirou ela e Beth da estrada.

— Eu sei. — Ivy tinha relatado isso a ele quando foram a River Gardens.

— É isso o que lembro durante o dia... todo dia, desde que aconteceu — Max disse. — Eu poderia tê-la matado!

Tristan ficou em silêncio.

— E você sabe o que fiz com você?

Sem ter nenhuma ideia, Tristan repetiu as palavras anteriores de Max:

— Na noite em que quase me afoguei.

— Tentei matar você.

Tristan se endireitou na cadeira. Isso não tinha sentido. Mas resolveu ver onde ele ia chegar.

— Por que fez isso? — ele perguntou em voz alta.

— Não sei! — As palavras foram pronunciadas como um gemido. — Não tenho ideia por que iria brigar com você ou com qualquer um. Nunca fui briguento. Parece que a bebida me transformou em um tipo maluco.

É mais provável, pensou Tristan, que seu bom amigo Bryan tenha tirado vantagem de um blecaute alcoólico, tramando essa história e convencendo Max, no caso de a polícia o alcançar.

Sem culpar Bryan nem colocar Max em perigo, Tristan tinha que ajeitar as coisas.

— Max, você se lembra do dia seguinte?

— Como poderia esquecer? Os meus pais estavam loucos da vida. A polícia e o pessoal do seguro ficaram o dia todo aporrinhando.

— Imagino. É estranho que não tenham perguntado a você onde conseguiu todos aqueles hematomas e cortes.

— Como assim? — Max respondeu. — Eu não tinha nenhum.

— Não?! — Tristan ficou de pé. — Levante-se.

Max o encarou com certa hesitação.

— Você sabe como eu estava quando me encontraram? — Tristan perguntou. — Tinha ferimentos em todas as partes do corpo; braços, pernas, barriga, maxilar. Ferimentos profundos que levaram semanas para sarar. Ah, e um lindo corte na garganta.

Max se retraiu.

— E eu sou... talvez vinte centímetros mais alto que você? — Tristan continuou. — Está dizendo que saiu de nossa épica briga sem nenhum arranhão?

Max encarou Tristan. Segurou a cabeça entre as duas mãos e se sentou.

— Então realmente foi só um sonho.

— Que é o que você queria dizer quando contou que havia algo de que se lembrava quando dormia — ele concluiu.

— Os detalhes são tão reais. Como a minha mente poderia inventar tudo isso? A minha lembrança do carro de Ivy saindo da estrada é meio fragmentada; tento virar a direção, sinto medo, acho que vou morrer... tudo passando rápido, depois devagar, incrivelmente devagar. Mas o sonho não era como essa lembrança. Era mais real que a realidade.

— Porque era só um sonho — Tristan disse. — Sei quem tentou me matar. Essa parte da minha memória já voltou.

— Quem? — Max perguntou em seguida.

Tristan sacudiu a cabeça, sem responder. Mesmo que pudesse convencer Max, mesmo que o coração e a alma de Max fossem confiáveis — e Tristan achava que provavelmente eram —, não poderia confiar na capacidade dele para fingir que nada se passava.

— Por que não procura a polícia? — Max perguntou.

— Quando for a hora — Tristan disse. — Max, se contar à polícia onde estou antes disso, será muito perigoso para mim. Não deve contar a ninguém, nem às colegas de Ivy nem a Bryan. Até que o assassino verdadeiro esteja sob custódia da polícia, qualquer pessoa que saiba de mim corre risco.

Essa foi a melhor persuasão que Tristan encontrou para acalmar a situação; Max parecia se preocupar o suficiente com os outros a ponto de considerar o conselho.

Tristan levantou-se para acompanhar seu visitante até a porta.

— Se houver algo mais que queira que eu saiba, é melhor contar a Ivy do que vir aqui de novo. Ela se encarregará de me dar o recado. — Ele abriu a porta e viu que a rua estava vazia. — Onde está o seu carro?

— Algumas ruas atrás.

— Cuide-se, Max. Não confie em ninguém além de Ivy.

Max olhou para Tristan por um bom tempo, depois assentiu e foi embora.

Tristan agachou-se e apoiou-se na porta da frente, inspirando fundo. Como isso aconteceu? Ele duvidava de que fosse um sonho casual. Mas nem sua alma nem a de Gregory podiam sair do corpo ao qual estavam presas. De algum modo, Gregory tinha aprendido a estender os seus poderes mentais para além do corpo, invadindo os sonhos de Max.

Na casa silenciosa, Tristan ouviu o sinistro murmúrio. *Que caminho? Que caminho?*

As vozes! Tristan pensou. Foram as vozes que ensinaram Gregory. E elas iriam ensiná-lo também, se ele ousasse ouvi-las.



Capítulo 13



—Tristan, onde esteve ontem à noite? — Ivy perguntou, abraçando-o.

Desde que chegara em casa na sexta-feira, ela tinha ligado, mas não conseguiu encontrá-lo, a não ser depois da meia-noite. Ao telefone, ela lhe contou sobre o sonho de Dhanya e eles combinaram de se encontrar na noite seguinte e pedir o conselho de Lacey.

Abraçando-a apertado, Tristan demorou a responder. Fora da casa dos Steadmans o céu era de um malva-pálido; dentro, a penumbra era intensa.

— Eu estava andando... e pensando.

Quando a soltou, Ivy deu um passo para trás, estudando o rosto dele para tentar entender seu humor.

— Desculpe — ele disse. — Deixei o telefone em casa.

O que significa, Ivy suspeitou, que ele havia saído da casa perturbado com alguma coisa.

— Bem, isso foi uma bobagem — a voz de Lacey precedeu a luz.

Tristan oscilou na direção do anjo.

— Isto não é uma prisão! Não vou deixar que Gregory ou Bryan me transformem num prisioneiro.

— Nem precisa — Lacey respondeu, materializando-se na sala. — Você colocou a si mesmo numa prisão. Só que é parecida com um corpo. — Ela se virou para Ivy. — E aí? Você parecia preocupada ontem à noite.

Ivy seguiu até a sala de estar, esperou que Tristan se sentasse, depois sentou-se bem perto dele no sofá. Lacey se jogou numa cadeira com apoio para os pés e ouviu o relato de Ivy sobre a cena no cinema.

— Lembra-se dos meus pesadelos depois que Gregory tentou me matar?

— Os sonhos nos quais você dirigia em uma tempestade e procurava uma casa? Você subia os degraus da frente — Tristan recordou. — E ali havia... uma janela ampla, mas você não conseguia enxergar através dela. Aí, você se aproximava — ele ficou tenso de se lembrar do pavor de Ivy —, e o vidro explodia.

— Você acordava gritando — Lacey acrescentou. — E o bom e velho Gregory sempre estava ali ao seu lado.

— Quando Dhanya acordou, foi assim também — Ivy lhes contou —, o modo como ele se inclinou,

pedindo detalhes. Ele se parece com Bryan, mas às vezes, pela maneira de falar e de usar as mãos, eu vejo Gregory, como se estivesse ali em carne e osso.

Lacey remexeu os ombros.

— Dhanya não é o único alvo de Gregory — Tristan lhes contou. Ele relatou a visita de Max.

— O que Gregory está tentando fazer? — Ivy perguntou a Lacey.

— *Como* ele está fazendo... é isso o que precisamos saber — disse Tristan.

— Uma coisa é certa, ele está armando um bom espetáculo... e quer que você o assista, Ivy — Lacey acrescentou —, ou não teria feito nada na sua frente. — O anjo tamborilou os dedos na mesa à sua frente. — Onde mora Gregory-Bryan?

— Com Max, desde o acidente de barco — Ivy respondeu.

— Portanto, primeiro Gregory semeia sonhos em um cara que dorme pesado, um cara de quem ele pode ficar bem perto no meio da noite. Depois, tenta de novo com uma moça que provavelmente está acordada no início, uma vítima a uma poltrona de distância dele. A cada vez, Gregory faz um pouquinho mais.

Ivy se arrepiou.

— Gregory pode tentar isso com qualquer vítima — Lacey continuou —, mas ele está praticando em pessoas conhecidas por você, Ivy, desfrutando de sua habilidade em fazer você se contorcer. Aposto que Kelsey vai ser a próxima.

— Exatamente como antes, pegando os meus amigos, um a um.

Lacey concordou.

— Isolando você, assustando você. Ele é bom nisso.

— E Beth e Will?

— Eles talvez sejam fortes demais para ele agora. Mesmo que seja capaz de semear um sonho neles, eles permanecerão leais e lutarão por você até a morte.

— Não quero que lutem até a morte! — Ivy gritou. — Os meus amigos já sofreram o suficiente.

— Podemos impedi-lo — Tristan disse. — Quando eu tinha poderes de anjo, conseguia viajar pelo sonho das pessoas.

Lacey sacudiu a cabeça.

— É diferente. Gregory não deslizou para dentro dos sonhos que Max e Dhanya estavam tendo. Ele semeou imagens falsas na mente deles. É como se projetasse um filme.

— Você pode descobrir o processo? Pode me ensinar a fazer isso?

— É proibido, Tristan. Um dos dez mandamentos: *Não dirás falso testemunho*. Não importa se são imagens ou palavras: a mentira não é permitida.

— Mas nem todas as mentiras são más — ele argumentou. — Uma mentira pode proteger.

— Estou avisando, Tristan...

— Eu estou avisando *você*! — ele a interrompeu. — Quando Gregory estava vivo, no próprio corpo, ele drogou Ivy, depois se vestiu com roupas como as minhas, tentando fazer com que ela atravessasse o trilho do trem. Depois, amarrou uma jaqueta de Philip na ponte do trem, para ela pensar que Philip estava ali, correndo perigo. Ele estava criando imagens falsas a fim de atrair Ivy. Está fazendo isso de novo. Só que desta vez as imagens estão na mente das vítimas.

Lacey assentiu solenemente e se virou para Ivy.

— Ele está ensaiando para o grande espetáculo, seja ele qual for.

Tristan andava de um lado para o outro.

— Eu poderia impedi-lo, se tivesse os mesmos poderes. Você pode descobrir, Lacey, e se não puder...

— Não! — Lacey tentou pegar Tristan pelo braço. Ele se livrou facilmente de seus dedos materializados. — Nem tente, Tristan.

Ele parou e virou a cabeça, como se escutasse alguma coisa.

— O que foi? — Ivy perguntou, olhando na direção das portas do átrio, depois por cima dos ombros, na direção da porta do vestíbulo.

Tristan desviou o olhar.

— Nada.

— Tristan?

Ele não iria encará-la.

Por fim, ela disse a Lacey:

— Vou ficar de olho em Kelsey.

Lacey assentiu.

— Kelsey vai ser a próxima, mas lembre-se, Ivy, esses são apenas ensaios com figurantes. Você vai ser a estrela do filminho de horror de Gregory.

Quando Ivy voltou da casa de Tristan, encontrou Beth na casa de Will, ambos trabalhando no pen drive de Corinne. Ela rapidamente os informou da capacidade de Gregory de semear sonhos.

— Fico feliz que Suzanne esteja do outro lado do oceano — Beth disse enquanto ela e Ivy voltavam ao chalé. — Sabe-se lá o que Gregory teria feito com ela!

Ivy tinha pensado na mesma coisa.

— Você soube dela nas últimas semanas?

— Uma mensagem ou outra de vez em quando. Enviei poemas a ela.

— Você tem escrito bastante — Ivy deu o braço a Beth. — Como é que não *me* enviou nenhum?

— Eu... bom... só não pensei nisso. Eu... vou enviar um.

— *Um?*

— Dois.

— Quero três! — Ela só estava provocando, mas passando agora pelas janelas iluminadas do chalé, viu que Beth corava. — Estou brincando.

— Eu sei. E eu... sempre mostrei tudo a você. — Beth silenciou.

Ivy ficou imaginando por que Beth de repente estava relutante. A poesia seria sobre Will? Talvez Beth achasse que tendo Will e Ivy sido um casal um dia...

— São poemas de amor? — ela perguntou, acompanhando Beth pelo chalé adentro.

— Mais ou menos. Quero dizer, sim — Beth riu de si mesma. — É o tipo de coisa que escrevo: poemas sobre a natureza e o amor.

Dusty tinha vindo atrás delas e saltara no colo de Ivy. Beth sentou-se no sofá perto dela.

— Ivy, às vezes você pensa como será em setembro?

— É, penso. — Ivy enfiou os dedos no espesso pelo do pescoço do gato. — É estranho, não é? Tantas coisas serão diferentes do que pensávamos quando recebemos as cartas de aprovação da universidade.

— Não consigo imaginar ficar tão longe de você. Trinity fica a duas horas e meia de Manhattan!

— Vai ser difícil — Ivy reconheceu. — Mas você vai estar a apenas uma viagem de metrô de Will. Fico bem contente de vocês estarem na mesma cidade — ela acrescentou, para que Beth soubesse que estava feliz por eles. — É uma cidade que tem seu lado romântico.

Beth mordeu os lábios e ficou quieta por uns instantes.

— Não quero perder a nossa amizade, Ivy! — ela deixou escapar. — Você entende? Você é muito importante para mim. Não quero fazer nada que arrisque a nossa amizade.

Ivy parou de agradecer Dusty.

— Beth, você e eu já fomos e voltamos do inferno juntas. Não vamos perder a nossa amizade.

— Nem mesmo se... — ela hesitou.

— *Se...* — Ivy repetiu, terminando a pergunta para a sua amiga: — ... você e Will se apaixonassem?

Beth assentiu com a cabeça quase imperceptivelmente. Os olhos dela eram grandes e azuis, fazendo Ivy pensar nas infinitas possibilidades refletidas no céu. Havia uma franqueza no rosto de sua amiga, nem ingenuidade nem inocência, mas encantamento. Era uma das características que Ivy mais gostava nela.

— Ficaria tão feliz se vocês se apaixonassem.

— Não que eu tenha alguma razão para acreditar que ele...

— Ah, não me diga! — exclamou Ivy.

— Mas, Ivy, às vezes, ele nem me olha, e isso acontece cada vez mais, principalmente quando estamos juntos. E não me toca, não como costumava fazer.

Ivy gargalhou.

— Você quer dizer um tapinha nas costas, como se vocês fossem companheiros de exército?

Beth fez uma careta.

— Então pergunte o motivo a ele. Se mudou o modo de olhar para você e de tocá-la, deve haver um motivo.

— Talvez. — Beth quis pegar Dusty, mas o gato saltou do sofá, alertando-as para uma conversa do lado de fora. A porta de tela foi aberta, Dusty saiu correndo e Bryan, Kelsey e Dhanya entraram.

— Oi, coleguinhas — Kelsey disse. — Cheguei antes de o relógio marcar meia-noite e o meu cocheiro virar um rato.

Um rato seria uma evolução, Ivy pensou, olhando Gregory.

— Você está bem? — Beth perguntou depois que Kelsey se jogou numa cadeira.

— Não. A minha cabeça dói e estou meio zozza.

— Como ficou na festa? — Ivy não conseguia esconder a preocupação.

Bryan se espremeu junto dela, passando o braço pelo encosto do sofá, deixando os dedos descansarem em seu ombro.

— O que você acha que pode ser isso, Ivy?

Ela se forçou a parecer relaxada. Se Gregory estava trabalhando a mente de Kelsey, tentando semear nela um sonho, ele queria que Ivy soubesse e ficasse com medo.

— Não tenho ideia — ela comentou.

— Ela está assim faz uma hora — Dhanya disse. — Estávamos jogando minigolfe e na última rodada ela saiu. Quando fomos tomar sorvete, quase desmaiou.

— Não desmaiei, não — Kelsey insistiu. — Disse que vocês estavam me entediando. Comecei a cochilar.

Gregory poderia induzir o sono? Ivy pensou. Teria aprendido a levar a pessoa a um transe hipnótico antes de semear um sonho?

— Estranho, não é, Ivy? — Bryan a atiçou.

— Não muito. Kelsey vai para a cama tarde e levanta cedo. Precisa dormir mais.

— Ela não é a única — Bryan disse, aproximando-se de Ivy. — Como vai Luke?

Ivy deu de ombros.

— Não tenho notícias dele.

— Ela está mentindo — Kelsey disse, sendo recompensada pela rápida atenção de Bryan. — Ela tem escapulado à noite para se encontrar com ele. Certo, Dhanya?

Dhanya olhou para Ivy constrangida.

— Às vezes, volta com cheiro de quem esteve na água, mas não sempre. Foi o que você disse — Kelsey lembrou Dhanya.

Gregory já tinha traçado parte do seu caminho até Tristan, Ivy pensou. Com essa pequena dica, ele agora sabia que o esconderijo ficava perto da enseada. Negar apenas confirmaria isso.

— Ela está se encontrando com alguém — Kelsey disse.

— Garotas atraentes em geral fazem isso. — Bryan passou o dedo pela corrente que sustentava um pingente de ametista dela.

Ivy queria empurrá-lo, mas estava determinada a não reagir com um gesto dramático, pois isso poderia agradá-lo.

Beth levantou-se.

— Bryan, temos que estar de volta ao trabalho às seis da manhã. Então, é melhor você ir embora.

— Com licença — Kelsey disse —, ele é meu namorado. Eu digo quando ele deve ir.

Mas Bryan se levantou.

— Beth tem razão. Está ficando tarde. — Ele puxou Kelsey, beijando-a com força na boca, depois dirigiu-se à porta, rindo para si mesmo. No último momento, virou-se. — Bons sonhos.



Capítulo 14



Assim que Bryan saiu, Beth fechou e trancou a porta principal, embora a ameaça de invasão fosse de outro tipo. Dhanya foi direto para a cama.

— Kels, como está se sentindo agora? — Ivy perguntou, notando que sua colega ia um tanto desequilibrada até a cozinha. — Que tal um refrigerante e uns salgadinhos?

— Não recusaria — Kelsey respondeu, sentando-se na cadeira mais próxima. Beth, que fechava a porta de trás, deu uma olhada curiosa na direção de Ivy, que despejava um refrigerante adocicado e com cafeína num copo com gelo. Então, fez sinal de que compreendeva, abrindo a gaveta da cozinha e pegando um baralho. Gregory semeava sonhos em pessoas *adormecidas*. Não tivera êxito quando Kelsey estava acordada, mas ela ainda estava sob a influência dele. Se pudessem manter Kelsey acordada tempo suficiente para o efeito passar...

Beth embaralhou as cartas e Ivy serviu mais dois copos.

— Saúde! — ela disse ironicamente, oferecendo o refrigerante a Beth.

— Por que não jogamos valendo centavos? — Beth sugeriu.

— Boa ideia — Ivy respondeu. Qualquer coisa para estimular o espírito competitivo de Kelsey e mantê-la acordada.

Uma hora depois, com Kelsey no terceiro refrigerante e ainda precisando de cafeína, Ivy perguntou:

— Melhor, Kelsey?

Sua colega deu uma olhada na pilha de moedas que tinha acumulado e sorriu.

— Muito!

Beth tinha adormecido.

— Deixe-a — disse Ivy, continuando o jogo com Kelsey.

Quarenta e cinco minutos depois, Ivy se levantou para se espreguiçar. De costas para Kelsey, tentou espiar pela janela acima da pia, mas não conseguia enxergar os bosques. Quão próximo Gregory teria de estar para semear um sonho? Elas não podiam ficar acordadas a noite toda.

— Outro refrigerante? — Ivy perguntou, servindo-se de um.

Como não recebeu uma resposta, ela se virou. Kelsey tinha fechado os olhos. Ivy correu até a mesa.

— Kelsey, acorde.

Kelsey tinha as costas apoiadas na cadeira de madeira, mas os braços estavam frouxos e a cabeça tinha caído para a frente. Ivy ergueu o queixo dela delicadamente. Sob as pálpebras, os seus olhos se mexiam rapidamente — ela estava sonhando.

— Kelsey, acorde! — Ivy exclamou, sacudindo-a pelos ombros, mas ela continuou dormindo.

— Beth — chamou Ivy, puxando a mão da amiga.

— O que... o que foi? — Beth perguntou, sobressaltada, acordando rapidamente. Percebendo o que acontecera, ela saiu da cadeira.

— Vamos, Kelsey. Abra os olhos!

Kelsey estava murmurando e se remexendo. Embora as palavras e os movimentos estivessem retardados pelo sono, parecia zangada. O suor se acumulava em suas sobrancelhas.

Beth bateu de leve nas bochechas dela com os dedos e Ivy pegou cubos de gelo para esfregar nas mãos e na testa de Kelsey.

Kelsey arregalou os olhos.

— Saia de perto de mim! — gritou.

Ivy recuou.

— Só estava tentando...

— Saia de perto, eu disse! — Os olhos dela flamejavam e suas bochechas coraram.

— Calma, Kelsey — Beth disse, firme. — Acorde. Acalme-se. Foi só um sonho.

Mas Kelsey estava furiosa.

— Você não pode parar, não é, Ivy? Já entendi tudo. Você sempre quer o cara que não tem, o cara que não é seu. Luke, Bryan... Você adora um desafio.

Ivy sacudiu a cabeça e colocou a mão no braço de Kelsey.

— Escute...

Kelsey sacudiu o braço.

— Você compete pelos caras! É esse o seu esporte!

— Kelsey, calma — disse Ivy. — Conte o que você estava sonhando.

— Você não está escapulindo para encontrar o Luke — Kelsey respondeu. — É o Bryan.

Ivy fez uma careta. Gregory sempre soube manipular o medo das pessoas.

— Você anda se divertindo com Bryan. Vi isso com os meus próprios olhos.

— No seu sonho — revidou Ivy.

— Não só no sonho. Sempre vejo vocês dois juntos.

— Mas é *Bryan* quem flerta. Ele só faz isso para provocar você.

Kelsey lutou para se levantar. Suas pernas estavam trêmulas.

— Saia de perto de mim!

— Não até a gente esclarecer as coisas.

— Saia! — A voz de Kelsey ficou estridente. — Não quero você perto de mim. Nem do Bryan! —

Ela passou por Ivy. Apoiando-se no corrimão, subiu as escadas até o quarto.

Ivy sentiu a mão de Beth no ombro, segurando-a.

— Ela não consegue sair do sonho — Beth disse, calmamente. — Deixe isso pra lá.

— Não vou deixar que ele vença — Ivy insistiu.

— Se você forçá-la a defender o sonho, ele vai se tornar mais real. Amanhã a gente tenta esclarecer as coisas.

Ivy inspirou fundo e soltou o ar devagar. Duvidava que as coisas ficariam diferentes para Kelsey no dia seguinte.

— Está sendo como antes, Beth. Ele está atingindo as pessoas próximas de mim. Ninguém está seguro.

— É com você que estou preocupada — Beth respondeu. — Posso ajudar Chase. Pelo menos ele está respondendo às minhas mensagens e telefonemas. Quanto a Kelsey, Dhanya e Max, os sonhos deles vão se apagar. Gregory só os está usando para praticar. — Beth envolveu os dedos de Ivy em suas mãos pálidas e acolhedoras, como se rezasse. — Você sabe quem Gregory realmente quer derrubar.

— Sim.

Beth se inclinou, juntando sua testa na de Ivy.

— Não vou deixar que ele pegue você. Jamais!

Escondido no bosque cerca de vinte metros do chalé, Tristan fizera uma guarda silenciosa. Os bosques atrás dele seguiam para oeste e norte, estreitando-se contra o muro de pedras não muito firmes entre a casa de tia Cindy e seu vizinho. Quando Tristan chegou, as luzes da cozinha do chalé estavam acesas e assim tinham ficado por um bom tempo. Ele observou e esperou, imaginando em que proximidade Gregory teria de estar de sua vítima para semear um sonho. Suas entranhas lhe diziam que Gregory atacaria de novo em breve.

De repente, houve movimento na cozinha. Tristan ouviu que Kelsey falava alto. Quis fazer uma investida no chalé, mas forçou-se a ficar escondido, suspeitando que sua presa fazia a mesma coisa. Dez metros atrás dele, uma forma escura lentamente erguia-se das sombras, desenhando uma silhueta contra o mosaico mais claro das árvores. Gregory ergueu, triunfante, os braços e a cabeça para o céu.

Tristan sentiu o ódio queimá-lo por dentro. Uma viração sombria, um meneio malicioso sacudiu os ramos das árvores ao redor.

Gregory virou a cabeça rapidamente, como se ouvindo alguma coisa.

— Olá, Tristan.

Tristan endireitou-se e foi até ele.

— Gregory.

— Você veio para o espetáculo. Fico envaidecido.

— Não fique.

Encontraram-se num clarão de luar junto de uma árvore seca.

— Por que está assistindo ao show daqui? — Gregory perguntou numa voz afável. — Chegue mais perto. Espie pela janela. Kelsey consegue ser bem divertida.

— Não estou interessado em Kelsey.

— Você está interessado em *qualquer um* que toque Ivy — Gregory afirmou, apoiando-se na árvore queimada. — Assim como eu.

Um murmúrio baixo e satisfeito percorreu as folhas ao redor deles.

Com o dedo indicador, Gregory queimou com um raio a casca clara da árvore, desenhando nela uma longa cicatriz.

— Poder — ele disse, com a voz suave de um amante. — Consegue produzir raios, Tristan? Consegue fazê-los sob suas ordens?

— Não gostaria muito.

Gregory gargalhou.

— Não perguntei o que *gostaria*. — Ele examinou Tristan de alto a baixo com um movimento de cabeça, avaliando a força do oponente. O corpo era de Bryan, mas a atitude arrogante, de Gregory. — Não consigo controlar os raios — ele confessou —, não ainda, mas posso fazê-los. Já matei com eles.

Tristan sentiu coceira nas mãos de vontade de agarrá-lo pela garganta e jogá-lo no chão. Um sussurro agourento agitou as árvores.

— Estamos presos nestes corpos, não é? — Gregory comentou. — As vozes se esqueceram de mencionar esse pequeno detalhe até eu estar em segurança dentro deste aqui. Se morrermos neste corpo, não podemos voltar.

— Então, talvez não devesse pensar duas vezes antes de brincar com raios.

— Foi por isso que se segurou? — Gregory perguntou.

— Como assim?

— Você sabia da minha identidade antes que eu soubesse da sua. Por que não atacou primeiro? Do que tem medo, Tristan?

— De nada.

Gregory deu uma risadinha.

— Qualquer pessoa que tenha algo a perder tem medo. É esse o problema do amor: ele lhe dá algo a perder.

O murmúrio sinistro despertou vozes distintas: *Agora. Sempre. Nosso.*

— Por que não está semeando sonhos? — Gregory insistiu. — É muito divertido.

— Não preciso de vítimas para me sentir vivo.

— Na época em que eu *era* vivo — Gregory disse —, você podia se enfiar na mente das pessoas. Na minha, na de Eric, você rondava os nossos sonhos. Essa implantação de sonhos seria brincadeira de criança para você.

Os músculos dos braços de Tristan ficaram tesos, os punhos se afiaram.

— Espera aí — Gregory disse, a voz como um gracejo. — Eu devia ter adivinhado! Você *não escolheu* o corpo de um assassino procurado. Suas asas foram cortadas!

Agora. Sempre. Nossos.

— Que pena está pagando? — Gregory escarneceu. — Alguma coisa a ver com Ivy. Se existe alguém que pode acabar com você é ela.

Tristan lutou para controlar as emoções que se debatiam dentro dele.

Que caminho? Que caminho?, as vozes perguntavam.

— O que você quer, Gregory?

— Acho que você sabe — o demônio respondeu com frieza.

— Vingança. Mas então por que está se segurando? Sabe onde Ivy está, onde eu estou. E não tem nada a perder. Por que não nos matou?

O poder está em você, as vozes disseram.

Gregory apoiou a mão no ombro de Tristan de modo condescendente.

— O trágico é que a diversão acaba com a morte de Ivy.

Tristan sacudiu as mãos.

— Pense nisso, Tristan. É o morrer que é divertido.

Um misto de ódio e horror percorreu as veias de Tristan.

— Assisti Ivy tendo uma ótima vida à minhas custas...

— Às suas custas?! — Tristan exclamou.

— E eu mereço mais — Gregory continuou — do que vê-la morrer rapidamente e sem dor. *Pá, pá, Ivy morreu!* Que coisa mais sem graça!

Você merece mais, as vozes disseram.

— Se tocar nela — Tristan ameaçou —, se fizer qualquer coisa para machucá-la...

— Ela me deve! E eu vou fazê-la pagar. — As palavras de Gregory soaram graves e intensas sob o timbre crescente das vozes. — Vou sugar-lhe o sangue, gota a gota.

Tristan investiu contra ele. As vozes se esganiçaram de prazer. Ele jogou Gregory no chão, socando-o no maxilar sem parar, até os nós dos dedos sangrarem.

O poder está em você, as vozes gritaram.

Preso sob Tristan, Gregory reagiu, tirando-o de cima de seu peito com os braços fortes e rolando para o lado. Saltando de pé, chutou Tristan na cabeça, depois na barriga com muita força, fazendo-o arfar.

O poder e a glória!, gritaram as vozes.

Esforçando-se para ficar de pé, Tristan cambaleou até a árvore seca. Gregory fugiu, correndo até o muro de pedras. Tristan correu atrás dele, alcançando-o. Viu que ele escalava a pilha de pedras e o seguiu, agarrando-o por trás. Eles lutaram e as pedras soltas do muro alto despencaram. Engalfinhados, eles escorregaram pelo barranco.

No chão, os dedos de Tristan se fecharam em uma pedra pontuda. Era pesada demais para pegá-la com uma única mão. Mas, à medida que o número de vozes aumentava, à medida que ficavam mais agudas, uma força repentina, sobrenatural, surgiu dentro dele. Ajoelhado sobre Gregory, agarrando a pedra, Tristan ergueu um braço. O rosto embaixo dele o encarou, aterrorizado. Tristan tinha Gregory onde o queria: ele iria esmagar a cabeça da serpente até que o espírito de Gregory se esvaísse.

Pegue o que é seu! Diziam a ele as vozes.

A vida de Gregory — e a dele próprio —, era isso o que as vozes queriam. Se ele matasse, se servisse aos demônios do inferno, estaria além da redenção. Mas a danação eterna valia a pena, se Ivy estivesse segura.

Um sacrifício! Um sacrifício! Berravam as vozes, triunfantes. *Agora, sempre, nosso!*

Agora, sempre... delas. Delas no inferno por toda a eternidade, uma eternidade sem Ivy. Para sempre sem Ivy.

Tristan curvou a cabeça. Conseguiu rezar duas palavras apenas. *Anjos. Ajudem.*

Lentamente, foi soltando a pedra e a arma escorregou no chão.

Erguendo-se, Tristan colocou Gregory de pé.

— Vá embora daqui! — Ele o empurrou, embora suas mãos ainda desejassem machucá-lo. — Saia da minha frente!

Gregory limpou os machucados, sorriu para Tristan e escapuliu.



Capítulo 15



Domingo de manhã, com Kelsey ainda enfurecida, Ivy e Beth trocaram de função. Ivy se juntou a Will para servir o café da manhã. Enquanto varriam as últimas migalhas e pétalas de flores da varanda, Beth reuniu-se a eles.

O rosto de Will se iluminou.

— Oi, pronta para andar de bicicleta esta tarde?

Beth hesitou.

— Será que podemos ir à noite?

Ivy viu a decepção no rosto de Will, embora ele a tenha disfarçado rapidamente.

— Aconteceu alguma coisa?

— Na minha folga, conversei com Chase.

— Ah.

Como Will não falou mais nada, Ivy perguntou:

— Como ele está?

— Ele diz que está bem — Beth respondeu —, mas sei pela voz dele que não está. Will, acho que eu devo passar lá esta tarde.

Will pegou uma cadeira e a devolveu ao seu lugar no final da varanda.

— Ele precisa muito de alguém com quem conversar.

— Ou melhor, alguém que possa ouvi-lo — Will contrapôs. — É tudo o que ele quer, uma plateia a quem exhibir todo o seu brilhantismo.

— Eu posso ajudá-lo — Beth insistiu.

Will ergueu as sobrancelhas.

— Conhece a cura para um ego bombado?

Ivy sorriu diante da descrição precisa.

— Já passei pela mesma coisa — Beth explicou. — Sou a única pessoa que sabe do que se trata.

— Então, ele admite que estava possuído — Will disse.

Beth balançou a cabeça.

— Bom, não, não exatamente.

— Imaginei o mesmo.

— Não podemos passear depois? Vai estar mais fresco e mais bonito.

— Claro — Will respondeu. — Quando quiser. — Virando-se, ele mexeu em outra cadeira, uma que não precisava ser reposicionada.

Beth lançou um olhar para Ivy, deu de ombros e saiu. Era tentador garantir a Will que ele não tinha com o que se preocupar. Ivy sentia-se como se fosse explodir com o segredo que estavam guardando, mas eles precisavam contar um ao outro o que sentiam de verdade, e não que um amigo ajeitasse as coisas por eles.

Depois do trabalho, Ivy vestiu shorts mais frescos e um moletom, enfiou o celular no bolso e tomou a direção da praia. Quando chegou no último lance de degraus para as dunas, viu Will sentado na plataforma a meio caminho. Ivy hesitou, depois andou devagar — fazendo barulho —, avisando-o e tentando entender se ele iria querer a companhia dela.

— Oi.

— Oi — ele respondeu suavemente.

Ivy olhou para o mar, acompanhando seu movimento até o final de Nauset Beach.

— Então... você contou a Tristan sobre Kelsey? — ele perguntou.

— Vou contar — ela disse, dando um tapinha no celular em seu bolso.

Sentando-se nos degraus acima da plataforma, Ivy recostou-se nas bordas, observando as gaivotas em suas performances aéreas sobre a renda espumosa do mar. As mãos de Will com frequência denunciavam sua impaciência com os outros, mas elas estavam quietas. Talvez quisesse falar.

— Por que ela ainda se importa? — Will falou de repente.

— Por que Beth se importa com Chase, é isso o que está dizendo?

— Ele nem foi legal com ela.

Ivy deu de ombros.

— Beth é gentil com as pessoas, tenham sido gentis com ela ou não. Você sabe disso. É por isso que você e eu gostamos dela.

— É coisa de mulher — Will deixava a raiva aparecer. — Garotas gostam de caras carentes.

— Opa! Peraí! — Ivy exclamou, rindo em seguida.

Will parecia um pouco acanhado.

— Tá bom. Mas você tem de admitir, Beth sempre se sentiu atraída por ele.

Agora estamos chegando a algum lugar, Ivy pensou.

— Você se lembra de como ela ficou na noite que o encontramos na sorveteria — disse Will. — Ficava falando como ele era “maravilhoso”, como se ele fosse o único cara um pouco mais alto, o

único com ombros largos. Falou que ele parecia a personificação de uma das personagens de seus romances.

Ivy recordou aquele momento, quando ela e Will ainda estavam juntos. Talvez o que tivesse interpretado como rabugice de Will fosse algo mais, que nem ela nem Will perceberam na ocasião. Ela começou a sorrir.

— O que foi? — Will perguntou, virando-se para ela.

— Só estava me lembrando de como você foi horrível quando Chase estava se gabando de como esquiava e você inventou aquela história sobre um acidente terrível, e como o seu médico o avisou que talvez você nunca mais voltasse a andar. O coitado do Chase ficou mudo durante um tempo.

— Por um tempo bem curto — ironizou Will, que depois riu um pouco.

Inclinando-se para a frente, ele apoiou os cotovelos sobre os joelhos e voltou a ficar sério. Ivy observou o perfil dele, seus cabelos e cílios escuros. Conhecia bem a profundidade de seus olhos comoventes.

— Will, todo mundo tem um sonho romântico de amor, mas quando encontramos o amor verdadeiro e sentimos que esse amor é maior do que qualquer outra coisa que jamais poderíamos imaginar, essa pessoa dos nossos sonhos se dissipa.

Ela o viu engolindo em seco.

— Você a ama? — perguntou Ivy.

— Eu me preocupo muito com ela.

— Ótimo, mas não foi isso que perguntei. Você está apaixonado pela Beth?

Ele não respondeu. Ela seguiu o olhar dele e viu dois barcos balançando nas ondas, aventurando-se longe das águas protegidas, pareciam bem pequenos na imensidão do mar.

— Por que você não conta pra Beth como se sente em relação a ela?

— Vou pensar nisso.

— Você está apaixonado... não dá para esconder isso. O que tem a perder se contar a ela?

— Minha melhor amiga.

— Se ela não corresponder aos seus sentimentos, você acha que se afastará de você?

Ele assentiu com um gesto de cabeça.

— Olhe só, mesmo depois de todo o sofrimento que Chase causou a Beth, sendo obsessivo, tentando controlá-la e depois indo atrás de Dhanya, ela ainda se preocupa com ele e quer ajudá-lo. Não subestime a força dela. Quando se trata de relacionamentos, Beth é a pessoa mais forte que já conheci.

Will puxou o ar com força e suspirou.

— Gosto tanto dela que chega a doer.

Ivy olhou à sua esquerda, para onde os barcos pesqueiros e os iates atracariam à noite, as ondas quebrando na praia, onde Tristan se escondia.

— Eu sei como é, nem precisa me contar.

Depois de tirar um cochilo na praia e de uma boa caminhada, Ivy voltou à St. Peter para estudar piano, parando para comprar um lanche no meio caminho. Ao chegar à igreja, encontrou a administração fechada e um bilhete pregado na porta: *Pe. John voltará às 6h30*. Decidiu esperar pela chave e, então, passeou em torno do prédio, em direção ao jardim do padre.

Tinha visitado o jardim no dia que trouxera “Guy”, como havia chamado Tristan quando pensava que fosse simplesmente um fugitivo do hospital. Ele ajudou o padre John a fazer um novo canteiro para as rosas na borda do caminho cercado com vegetais. Agora, na parte interna, tomates amadureciam em seus ramos, berinjelas pendiam de seus caules como bolas numa árvore de Natal, pepinos e abóboras se esparramavam com suas flores amarelas e frutas lustrosas. Por baixo dos arbustos de rosas, embora ainda bem pequenos, alguns botões florescia sob as cores do pôr do sol. Uma cadeira dobrável estava ao lado deles e Ivy sentou-se nela para comer.

Com a tranquilidade daquele fim de tarde, ela se esforçou para deixar de pensar em Gregory e revisar sua lista de exercícios de piano. Abriu um livro e começou a estudar a nova partitura, mas não conseguia processar as notas que lia — não conseguia ouvi-las mentalmente, tampouco murmurá-las em voz alta. Apesar da soneca da tarde, sentia-se excepcionalmente sonolenta. As cores do entardecer desapareceram.

Uma tempestade de verão se aproximava. Ivy estava dirigindo e as primeiras gotas de chuva caíram no para-brisa, enquanto ela procurava o nome de uma rua. Um raio cortou o céu e a tempestade desabou. Ela saiu do carro e subiu correndo o degraus de uma casa de janelas amplas. Tentou ver alguma coisa lá dentro, mas só conseguia enxergar o reflexo das nuvens e das árvores escuras nas vidraças.

Foi tomada por uma crescente sensação de medo. Já tinha feito isso antes e sabia que alguma coisa na casa tinha o poder de matá-la. Afastou-se, mas a vontade de ver quem ou o que era aquilo permaneceu. Então, ela voltou. Espiando pela janela de novo, viu uma estátua de pedra alta, um anjo com o braço erguido e a mão apontando para o céu. Tombava em sua direção. E o vidro explodiu no seu rosto.

— Ivy! Ivy, acorde!

Ela abriu os olhos e deu com o rosto afável do padre John, que a observava. Chaves e uma bola de barbante verde estavam na grama junto dele. A brisa perfumada pelas rosas e pelos cítricos batia quente e seca no seu rosto.

— Você estava sonhando — o padre disse.

Ivy inspirou profundamente e soltou o ar devagar.

— Um pesadelo — ele acrescentou com simpatia.

Ela assentiu e deu uma olhada em volta.

— O senhor viu alguém por aqui?

— No meu jardim? — O padre pareceu surpreso.

— Ou no estacionamento?

Ele balançou a cabeça, franzindo a testa.

— Não.

Era o antigo pesadelo, Ivy pensou, mas com uma diferença. No ano anterior, era um veado que se quebrava no vidro, depois o trem. *Por que um anjo?*, ela questionou. A estátua, embora familiar, não se parecia com nenhuma que já tivesse visto.

— Na sua igreja — Ivy disse — tem alguma representação de um anjo com um braço erguido e a mão apontando para cima?

O padre John olhou-a com curiosidade.

— Não. Mas essa é uma posição comum nas estátuas dos cemitérios.

Ivy fechou os olhos por um instante. Gregory tinha finalmente conseguido entrar em sua mente, pensou, semeando o antigo sonho e acrescentando um detalhe sinistro para assustá-la.

— Está tudo bem? — o padre perguntou, parecendo preocupado. — Ivy, você está com algum problema? Tem alguma coisa ou alguém a ameaçando?

— Não. Não, foi só um sonho.

Ele a observou de perto, aprofundando a pequena linha vertical em sua testa, e disse:

— Você veio estudar piano. Mas sente-se aqui e termine o seu sanduíche enquanto eu trabalho um pouco. Gosto da sua companhia.

Ela sabia o que o padre John estava fazendo: certificando-se de que ela estava bem, dando-lhe tempo para conversar, se ela quisesse. Então, mordiscou o sanduíche e o observou enquanto ele cuidadosamente amarrava sua coleta de frutas e flores para doação.

— Esta é a minha hora preferida no jardim — ele disse. — É como dizem: a gente está mais perto do coração de Deus em um jardim do que em qualquer outro lugar da terra.

Ivy fez o possível para sorrir e assentir. Nenhum jardim, nenhum canto da terra, ela pensou, estava a salvo de uma serpente como Gregory.



Capítulo 16



Tocar piano não ajudou muito a acalmar Ivy naquela noite. Ela saiu da igreja às oito e quinze e dirigiu diretamente para a casa em que estava Tristan. Do lado de fora da casa dos Steadmans, ela assobiou a canção de *Carousel*.

Tristan abriu a porta e depois os braços. Ivy correu para eles. Deixando a porta entreaberta, ele a abraçou com força.

— Tristan.

Ele a beijou, depois deitou sua cabeça no ombro, apertando o rosto contra o dela, como se adivinhasse que ela precisava de aconchego, acima de tudo.

Quando ele a soltou, Ivy tocou-lhe na testa.

— Nossa! O que aconteceu com você?

Tristan esfregou as têmporas pesarosamente e ela então viu um corte nos nós dos dedos dele.

— Esbarrei com um móvel desagradável. A esta altura, era de se esperar que eu já conhecesse bem esta casa.

— Dói?

— Só o meu orgulho — ele respondeu, alegremente. — Vamos dar uma volta, tá?

— Ainda é cedo. Muita gente está na rua — ela disse.

Ele segurou as mãos dela.

— Ivy, eu me sinto menos do que humano, rastejando por aí no meio da noite como um animal noturno. Preciso sair. Preciso fazer coisas que as pessoas normais fazem.

Envolvendo-o com os braços, ela sentia a tensão de seus músculos.

— Está bem.

Eles andaram pelas ruas de Town Cove, de mãos dadas, e depois voltaram para a estreita praia da casa dos Steadmans, onde se sentaram. O ar da noite estava fresco, mas a areia conservava um pouco do calor do dia. Ivy enterrou os pés descalços nos grãos quentinhos da areia e se apoiou em Tristan. Um único pássaro cantava na escuridão.

— Quando chegou esta noite, alguma coisa estava preocupando você — disse Tristan.

Ela limpou a areia com os dedos.

— Estou melhor agora.

— Ivy, me conte.

— Prometa que você não vai... — ela hesitou — reagir mal. — Ela sentiu Tristan mudar de posição e percebeu que ele não gostou do que tinha dito. Quando relatou o sonho, ele não disse nada, mas apertou a mão dela com tanta força que ela precisou despregar os dedos dele para que a soltasse.

— Fique comigo esta noite, Ivy! Fique comigo todas as noites daqui em diante.

— Não posso fazer isso, Tristan, não sem atrair atenção. Onde eu diria que estou?

— Não importa mais! Ivy, ele está se aproximando... — e, corrigindo-se a tempo — ... da gente.

De você. Ela sabia que era isso o que Tristan queria dizer.

Ele a segurou com tanta força que ela podia sentir o coração dele batendo contra suas costelas.

— A cada sonho que ele implanta, o poder dele aumenta — Tristan afirmou. — Se consegue fazer isso estando a trinta metros de distância, então logo...

Ivy recuou um pouco, surpresa.

— Trinta metros? Por que está dizendo isso?

Tristan ficou um instante em silêncio.

— Eu o vi.

— Esta noite?

— Na noite passada. No bosque do lado do chalé.

— Você estava lá? Tristan!

— Não dá pra simplesmente me esconder e não fazer nada!

Ivy fechou os olhos. Até onde Tristan iria para destruir Gregory?

— Ele viu você?

Tristan não respondeu.

Ivy tocou-lhe a têmpora machucada, depois pegou a mão com os nós dos dedos machucados.

— Tristan, por favor... por favor! — ela implorou. — Não chegue perto dele de novo. Não toque nele. Prometa!

Tristan desviou os olhos.

Com mãos gentis, ela o fez encará-la.

— Eu quero a mesma coisa que você, amor. Ficarmos juntos. Mas você não pode destruir Gregory sem se destruir.

— Então, devo deixar que ele a machuque? Que ele mate você?

— Há outro jeito — Ivy disse. — Deve haver.

Tristan balançou a cabeça, depois puxou-a para junto de si e enterrou o rosto nos cabelos dela.

Quando o telefone de Ivy tocou, nenhum deles se mexeu. Ele parou, depois tocou de novo. Por fim, Tristan a soltou.

— É Will — Ivy disse, tirando o celular do bolso. — Oi!

— Ivy, onde você está? — a voz excitada de Will estava alta o suficiente para Tristan ouvir. — Tenho uma coisa para mostrar.

— Para mostrar...? — Ela então percebeu do que se tratava. — Você encontrou alguma coisa no pen drive!

— Encontrei o pote de ouro!

— Pode trazer o notebook aqui? Estou com Tristan.

— Se me disser onde é *aqui*.

Quinze minutos depois, Will ligou para dizer que tinha estacionado a duas ruas de distância. Eles deixaram a porta da frente entreaberta. Quando entrou, parou, parecendo pouco à vontade, então mudou o notebook para a mão esquerda.

— Tristan. — Ele estendeu a mão. — Devo desculpas a você.

— Eu te devo mais — Tristan respondeu, cumprimentando-o —, tanto que jamais poderei pagar.

Will virou-se para Ivy.

— Espere até ver isto! Onde posso ficar?

Eles o levaram à cozinha e lá ele abriu o notebook. Tendo Ivy de um lado e Tristan do outro, Will clicou num diretório de nome “Corinne” e abriu pastas, subpastas e arquivos.

— Isso é que é procurar agulha em palheiro! — Tristan comentou.

— É, mas existe um subitem bem útil aqui. A maior parte dos arquivos de Corinne está em jpeg. É o que se espera de um fotógrafo. Mas quando a gente clica em Detalhes, também vê arquivos Photoshop. O que esses arquivos têm de interessante é que contêm camadas. Vou mostrar.

Ele clicou em uma foto da avó de Corinne sentada no quarto de costura, com os carretéis de linha e potes de botões. À direita da tela do computador havia uma caixa que listava as camadas com nomes como “filtro 1”, “filtro 2”, “brilho”, “sombra”, “vidraça”, “papel de parede”, “pote”.

Will apontou para a lista.

— Essas camadas se juntam para formar a imagem final. O artista pode ativar ou desativar as camadas para criar efeitos diferentes. Mas pode fazer mais do que isso. Pode ordenar as camadas de modo que algumas escondam outras. E pode usar cores para disfarçar as coisas.

— Estão vendo a letra T nesta camada? Significa que a camada contém texto e não imagem. Encontrei dois arquivos de Photoshop com textos, o que parecia um pouco esquisito. A camada de texto está desativada agora, mas vou ativá-la — ele clicou e o símbolo de um olho fechado se abriu.

— Ainda não vejo nada — disse Tristan.

— Certo. Porque ela ajustou a cor da fonte e está misturado. Então, agora, vou mudar a cor da fonte da nossa camada de texto.

Ivy se inclinou para a frente.

— Vejo letras. Parecem hieróglifos!

— Difícil de ler — Will concordou. — Então, vamos mudar a cor do fundo da camada, para dar mais contraste, depois desativar todas as camadas e simplificar a fonte. — Will deu alguns cliques.

Ivy ficou sem fôlego. Uma lista nítida apareceu na tela do computador: digitados em colunas havia nomes, datas e números — quantias em dinheiro, ela supôs.

— Bryan S, 10 de junho, 10 de julho, 12 de setembro... parece que pulou agosto — Tristan leu em voz alta.

— O que é “Seneca Hall 436”? — Ivy perguntou, lendo com Tristan. As palavras estavam junto de “12 de setembro”.

— Um dormitório — Will respondeu. — Procurei o mapa de um campus. Corinne deve ter perdido contato com Bryan quando ele se mudou para a universidade, mas conseguiu encontrá-lo de novo.

— Ele estava resistindo à pressão dela — Tristan observou. — As datas de pagamento vão se atrasando. Ela não consegue o pagamento de dezembro antes do ano novo.

— E em março, o mês anterior à morte dela, não recebeu tudo — Ivy notou.

Will apontou para a tela.

— Vejam as quantias diferentes para as vítimas, não só quantias diferentes, mas esquemas diferentes. De Tony M, ela pegava em meses alternados.

— Tony Millwood — Ivy adivinhou. — Aposto que estava chantageando o cara da oficina.

— Corinne era esperta — Tristan comentou. — Ela descobriu que podia tirar vantagem das vítimas sem pressioná-las demais, garantindo para si uma renda estável. Parece ter se enganado apenas com Bryan.

— Setecentos por mês. Mesmo para quem tem bolsa é muito — Ivy considerou.

Tristan fez uma careta.

— Em especial para um cara que mata as pessoas quando elas são inconvenientes.

— Já que a foto da avó de Corinne escondia a lista de vítimas chantageadas, procurei outras fotos dela, achando que pudessem esconder mais alguma coisa. E esta aqui escondia. — Ele clicou na foto.

— A abotoadura! — Ivy comemorou.

— Tem mais uma coisa. Vamos mudar de pasta. Corinne fez uma foto maravilhosa da tal oficina, a que pertencia a Tony?

Ivy assentiu.

— Bom, a foto menos interessante tem o arquivo Photoshop mais interessante. As duas camadas de cima são fotos de um sedã escuro.

— O de Hank — Ivy e Will falaram juntos, reconhecendo o veículo que pertencia ao padrasto de Corinne.

— Um carro completamente diferente está fotografado nas camadas de baixo, um carro com a frente amassada.

Ivy e Tristan trocaram olhares.

— O de Bryan?

Will continuou clicando as camadas.

— Ela teve o trabalho de fazer uma boa foto da placa do carro.

— Hattrik — Tristan leu. — *Hat trick* é um termo usado em hockey.

— E isso.

Ivy se inclinou, apertando os olhos para enxergar um número comprido.

— É o número de identificação do veículo — Will lhe disse. — Cada carro tem um, gravado na fábrica.

— Então, mesmo em caso de placas roubadas, ele seria a prova da propriedade do carro — Tristan afirmou.

Ivy sentiu-se como se uma montanha tivesse saído de seus ombros. Mesmo na luz opaca do notebook, ela enxergava a mudança em Tristan. Ele parecia mais alto, pois o mesmo fardo também saiu de seus ombros.

— Você vai ficar livre, Tristan! — ela disse, abraçando-o e depois a Will — Will, preciso que você vá comigo à polícia para mostrar o que encontrou. Depois de convencê-los, vou levá-los ao cofre onde guardei as anotações de Corinne, o pen drive e o envelope onde ele estava.

— Se me der mais vinte e quatro horas, talvez encontre mais material, como fotos que foram usadas para chantagear outras pessoas. Você precisa pressionar as vítimas de Corinne para que elas se abram para a polícia e, com isso, você terá uma prova incontestável de que Corinne chantageava Bryan.

Ivy e Tristan concordaram. Alguns minutos depois, eles acompanharam Will até a porta da frente.

— Não sei como agradecer — Tristan disse.

— Se continuarmos nos agradecendo e nos desculpando — Will respondeu —, nunca seremos apenas amigos. Vamos dizer que estamos quites.

Tristan sorriu.

— Estamos quites, então.

Depois que Will foi embora, Ivy virou-se para Tristan.

— Você sabe que não posso ficar esta noite.

— Sei que não posso convencê-la a fazer algo que não queira.

— Tristan! Não é que não queira. É como disse antes: não posso ficar escondida e não fazer nada. O desejo de Gregory de me ferir já prejudicou gente o suficiente. Preciso estar no chalé por causa de Dhanya, Kelsey e Beth.

Ele assentiu.

— Venho assim que terminar o trabalho amanhã — ela prometeu.

— Quero ir ao cemitério onde Michael Steadman está enterrado.

Ivy encarou Tristan, surpresa.

— Penso muito nele. As coisas dele ainda estão aqui, as roupas, os troféus... troféus de natação, como os que eu tive. Sinto-me ligado a ele. Quero ver onde está enterrado e prestar uma homenagem.

— Tristan pareceu um pouco constrangido. — Estou falando como o meu pai, né?

Ivy sorriu.

— Lembra o cara que eu amo. Vamos lá amanhã. — Ela segurou o rosto dele entre as mãos. —

Tristan, vamos ficar juntos logo. Logo nada vai nos separar.

Ele a beijou e a deixou ir embora aos poucos, liberando-a devagar, como se cada centímetro de seus braços e dedos doessem ao se abrirem e a deixarem ir.

— Amo você, Tristan.

— Amo você, Ivy.

Ela escapuliu pela porta da frente e pelas sombras do quintal, indo silenciosamente até o carro.

Quinze minutos depois, quando chegou ao estacionamento da pousada, o carro de Chase estava saindo. Beth esperava por ela.

— Como vão as coisas? — Ivy cumprimentou a amiga.

— Tudo bem.

— Vocês ficaram para o jantar? — Ivy perguntou, lembrando que Beth deveria ter voltado de um passeio de bicicleta com Will.

— Eu liguei para Will. Duas vezes. — Beth parecia magoada. — Ele não respondeu.

— Ele estava bem ocupado com outra coisa — Ivy respondeu, mas queria que fosse Will a contar a Beth o que descobrira. Elas o encontraram em uma das cadeiras no jardim, perdido em pensamentos. Ao ouvir os passos delas, ele ergueu os olhos.

— Oi. — O seu sorriso tímido foi para Ivy, não Beth.

— Tentei falar com você, Will.

— É. Eu vi.

Ivy alternou o olhar entre os dois, depois sentou-se no balanço e puxou Beth.

— Então, como vai Chase? — Will perguntou.

— Bem. Ele não me ouviu, mas também não queria que eu fosse embora. Você sabe como Chase é.

— Eu sei — Will respondeu secamente.

Beth empurrava o balanço para a frente e para trás com um pé.

— Acho que posso ajudá-lo.

— Tenho certeza de que sim. — Assim que Beth desviou os olhos, Will fez uma careta.

— Só preciso ser paciente.

— Você sempre foi boa nisso — disse Will. — Então, imagino que vai passar um bom tempo com ele...?

Beth deu de ombros.

— Se ele precisar.

— Muito gentil mesmo — Will comentou. — Você é a melhor amiga que um cara pode ter, Beth.

Beth ficou tensa. Ivy percebeu que não era isso que ela gostaria de ouvir dele. Coitado do Will, tentando ser o amigo perfeito e compreensivo... deveria ter decorado algumas das linhas apaixonadas das histórias de Beth para usá-las.

— Se não tomar cuidado, Beth — continuou Will —, Chase vai se apaixonar por você. — Assim que terminou de falar, pareceu arrependido.

Beth ficou olhando para ele.

Will se retratou rapidamente:

— A menos, é claro, que queira. Não estou insinuando que haja algo de errado em você e Chase se apaixonarem.

Beth piscava.

— Na verdade, em termos estéticos, sabe, se eu estivesse procurando um casal de modelos, diria que vocês formam um par excelente.

Caramba! pensou Ivy.

Beth franziu a testa.

— Cala a boca, Will!

Quase às lágrimas, ela saiu rapidamente do jardim, passando pela lateral da pousada.

— O que foi que eu disse de errado? — Will perguntou, jogando as mãos para o alto. — Não entendo! De repente, parece que não consigo falar com ela direito. Foi a parte do modelo, não foi? — ele adivinhou. — Achei que estava dando apoio.

— Às vezes, a gente dá apoio para a causa errada.

— Ivy, não consigo ser amigo dela e vê-la se apaixonar por ele. Nem que ele fosse o melhor cara do mundo, eu não conseguiria.

— Já ocorreu a você que é isso o que ela está querendo ouvir?

Seguiu-se um longo e pensativo silêncio e então os celulares de Ivy e de Will tocaram ao mesmo tempo.

— É Suzanne — disse Ivy. — Uma mensagem.

quem foi que acabou de partir o coração da beth?

por que ela não diz quem é esse cara misterioso?

ela já me enviou tantos poemas de amor

que já revesti todas as paredes do meu quarto.

Ivy deu uma olhadinha de lado e observou se Will lia a mensagem.

— A sua começa com “quem partiu o coração da Beth”?

— Sim. — Ele analisou o texto como se o estivesse traduzindo, o rosto iluminado de espanto.

— Então — disse Ivy —, devo responder a Suzanne que ela terá a resposta depois de você conversar com a Beth?

Ele olhou para Ivy com um sorriso que derreteria todas as estrelas do hemisfério.

— É, diga isso a ela. — E virou-se na direção da pousada.

— Eu tentaria a escada que leva à praia — Ivy aconselhou e riu quando ele saiu correndo.



Capítulo 17



Will e Beth, pensou Ivy com alegria, enquanto passeava com Tristan no final da tarde de segunda-feira. Às vezes, o amor começava com uma atordoante paixão e depois se aprofundava com a amizade; às vezes, começava com uma profunda amizade e surpreendia todo mundo — especialmente os dois “melhores amigos” — com um repentino fogo romântico. De qualquer modo, o amor parece ser, a um só tempo, predestinado a milagres.

Ivy olhou para trás. Tristan se agachava para ler um epitáfio numa antiga pedra tumular. O dia estava extraordinariamente quente e eles tinham resolvido visitar o túmulo de Michael Steadman antes das tempestades da tarde. Valia a pena arriscar. Tristan saindo ao ar livre. No dia seguinte, ela e Will teriam um compromisso com Rosemary Donovan, a policial mais familiarizada com o caso, uma reunião para a qual levariam as provas. Logo Tristan poderia transitar por qualquer lugar.

Ivy deu uma olhada para o céu. O tempo mudava antes do previsto. O branco acetinado das nuvens de verão, elevando-se com o calor, tinha se tornado um manto escurecido de nuvens de tempestade imponentes. Com o sol encoberto, a grama desbotou e as árvores tingiram-se de um verde oliva agourento, suas folhas agitando com a brisa.

Ivy não se lembrava que haviam tantas árvores quando estivera ali duas semanas atrás. Ela olhou para trás para chamar Tristan e percebeu que tinha feito uma curva e não conseguia mais vê-lo. Apesar do calor do dia, sentiu uma fria inquietação na boca do estômago. Seus braços, úmidos de suor, arrepiaram-se. Ela conseguia sentir o cheiro da tempestade que se aproximava, um cheiro diferente da maresia salgada de Cape. Era um cheiro-verde-musgoso.

Ivy virou-se, observando as pedras tumulares. O tempo tinha apagado um pouco os nomes e os sentimentos, mas o silêncio das estátuas era expressivo: um cachorro de pedra velando o dono, uma jovem melancólica segurando uma coroa de flores, uma ovelha adormecida sobre um túmulo pequeno. Talvez por causa do sonho plantado por Gregory, notou duas estátuas de anjo que não vira antes.

A rua subia e depois descia novamente. Ivy chegou a uma área do cemitério onde as famílias, a julgar por seus nomes, eram importantes, e esses nomes estavam inscritos em brasões fixados em obeliscos altos e nos lintéis de mausoléus particulares. A fileira de edificações de pedra terminava em uma colina. Havia miniaturas de templos em estilo grego, sem janelas; outros com janelas que tinham sido quebradas ou removidas, depois substituídas por barras de ferro. Ela tremia diante da ideia de ser deixada em um desses lúgubres abrigos de ossos.

A família Baines estava enterrada em uma dessas fileiras de túmulos da Ravine Way. Ela se lembrava do local... e então o viu: sepulturas com pedras angulares dispostas em torno de um

monumento alto, a terra elevando-se por trás delas. Ela arfou, reconhecendo a estátua. Elevado a cinco metros do chão, um anjo tinha a mão esquerda pousada numa âncora, o braço direito erguido e a mão apontando para cima. Uma árvore alta se erguia no canto mais distante do jazigo. A antiga faia, tendo uma copa de uns cinco metros e quase tão alta quanto o anjo, dominava o cenário, os ramos pesados fazendo sombra a um quadrante de pedras tumulares, as folhas avermelhadas caindo como um lamento eterno sobre as sepulturas das famílias.

Ivy andou lentamente até essa árvore impressionante, pisando em volta das sepulturas, e parou sob a sua sombria copa. *Gregory Thomas Baines*, ela leu em uma pedra polida. *Em paz*. O epitáfio tinha sido sugerido pela mãe de Ivy, que em vão assim desejara.

Ivy olhou para a suave elevação de terra onde Gregory deveria estar descansando, ouvindo o resvalar das folhas. O vento passava pelos arvoredos do cemitério, no entanto, as folhas da faia continuavam inertes. Então, as folhas dos ramos mais baixos começaram a tremer e esse movimento foi se espalhando pelos ramos de cima. Ivy ouviu um gemido vindo do chão, que se abriu a seus pés. Gregory, de corpo inteiro, surgiu como um anjo negro.

Ela gritou e recuou. Gregory a acompanhou, passo a passo. Seus olhos cinza queimavam com um ódio tão intenso que chamuscava e encrespava a pele do seu rosto.

Ivy quis correr, mas teve medo de lhe dar as costas.

— Tristan! — ela gritou. — Tristan, me ajude!

O vento açoitou a faia. Gregory e ela se movimentavam bem no meio do olho silencioso da fúria da tempestade. No seu corpo descarnado, as roupas não se mexiam.

— Minha — ele disse, numa voz parecida com um lamento vindo de dentro da terra. — Toda minha.

Ela se encolheu diante da angústia que via nos olhos dele. Ele ergueu o braço e ela sentiu o frio queimá-la. Os dedos alongados e curvos como garras. Elas esgueirou-se para o lado, desviando-se dele.

— Veja o que fez comigo — disse ele. E virou a cabeça para a direita. Ela viu um corte coberto de sangue no lado esquerdo do crânio dele. Então, Gregory torceu o corpo e Ivy sentiu-se ofegar. A camisa dele estava rasgada sobre um osso saliente: era uma parte de sua espinha, quebrada na queda da ponte da ferrovia.

Voltou-se de novo para ela.

— A vingança é minha!

Ivy sacudiu a cabeça.

— Você fez isso a si mesmo.

Ele riu e o ar cheirou a terra úmida e folhas apodrecidas.

— É melhor começar a rezar. É a sua vez, Ivy. Está escrito: a vingança é minha!

— Diz o Senhor — Ivy respondeu, completando a citação bíblica. — A vingança é *Dele*, não

nossa.

Gregory investiu contra ela, que se livrou dele e correu. Ela podia ouvir um som áspero atrás de si, como uma respiração dilacerada por ossos afiados.

— Anjos, ajudem-me!

Ela tropeçou numa pedra e estendeu as mãos para a frente, mas não conseguiu se segurar.

— Anjos! Anjos!

— Não, Ivy!

Mãos a puxaram para trás. Pneus guincharam.

— Nossa, menina! Veja por onde anda! — A voz do homem soava zangada e preocupada ao mesmo tempo.

— Ivy, escute! Volte! — Tristan implorava.

Ivy piscou e olhou em volta. Apenas algumas árvores sombreavam o cemitério no sol brilhante da tarde. As sepulturas tinham pedras simples. Diante dela, uma estreita ruazinha. Tristan segurava Ivy por trás, como se a tivesse puxado pouco antes de ela tropeçar na passagem de uma van. O motorista a encarou, depois seguiu adiante.

Ivy se apoiou em Tristan. Seu coração ainda batia descontroladamente; sua cabeça doía.

— O que aconteceu?

— Não sei direito. — Ele a conduziu até um banco, apoiando-a com firmeza até acomodá-la, conservando-a junto de si ao se sentar.

Ela tentava se orientar.

— Estou em Cape.

— Onde achou que estivesse? — Tristan perguntou.

— Em Riverstone Rise. — Ela o ouviu inspirar fundo.

— O cemitério em Stone Hill — ele disse. — Onde estou enterrado.

— E onde Gregory está enterrado. — Ela estremeceu. — Foi tão real, Tristan. Ele estava lá, exatamente como ficou quando caiu da ponte.

— E estava perseguindo você — Tristan adivinhou. — Você estava correndo, Ivy, com os olhos arregalados, mas sem ver por onde ia. Parecia acordada, estava apavorada, mas eu não conseguia contato contigo. Então, tropeçou na placa de uma sepultura e quase caiu a frente da van.

Ivy enterrou o rosto no ombro dele.

— Me abrace, só me abrace.

Ele a envolveu num abraço apertado, apoiou o rosto na cabeça dela, embalando-a delicadamente.

— Estou aqui. Está segura agora.

Ivy tentava afastar as imagens assustadoras de sua mente.

— Tristan, Gregory consegue mais do que implantar um sonho na gente. Ele consegue criar miragens.

Tristan engoliu em seco, virando-se para olhar a rua.

Ela sabia o que ele estava pensando.

— Ele não precisa me perseguir com uma arma. Se você não estivesse aqui, eu teria...

Tristan pousou o dedo sobre os lábios dela.

— Shh, meu amor. Não vai acontecer nada. Não vou deixar.

Ela não disse mais nada, como se Tristan tivesse dado um fim aos seus medos mais recentes. Mas ele não conseguiria acalmar a sua mente e o seu coração. Até que ninguém mais sofra, Ivy pensava. *Anjos, me ajudem.*

Tristan tinha medo. Tinha implorado a Ivy que ficasse com ele, mas ela insistiu em voltar ao chalé por algumas horas, antes de se reunirem de novo ao entardecer.

— Estou bem — repetiu algumas vezes.

Se ela soubesse como o tinha olhado durante a miragem: como se Tristan fosse o diabo em pessoa! Ele estremecia diante da lembrança. Como poderia derrotar alguém capaz de controlar a mente da sua vítima a ponto de ela ver apenas o que Gregory desejava?

Tristan jurava combater Gregory até a morte, mas, pela primeira vez, não tinha certeza de que isso seria o suficiente para salvá-los. Ele andava pela casa de um lado para outro. Foi chegando a hora de jantar e ele não sentia fome. Estava um lindo pôr do sol, mas ele não o admirou. Esperava no escuro, pensando apenas em Ivy e em como garantir a segurança dela.

Então, ouviu o ligeiro assovio da canção do *Carousel*. O seu alívio e alegria foram tão grandes que quase deu uma gargalhada. Correu até a porta e a abriu.

Foi agarrado por uma mão enluvada que lhe cravou uma agulha. Só teve tempo de erguer os olhos e ver o rosto de Bryan antes de o luar juntar-se à escuridão.

— Ó de bordo! Ó de bordo! — A voz de papagaio tirou Ivy de seus pensamentos. Ela tinha acabado de sair de uma ducha quando o celular de Philip tocou. Sacudiu o cabelo e deu uma olhada no relógio: dez e quinze.

— Olá! Por que não está na cama?

— Eu estou — o irmão respondeu. — Estou embaixo das cobertas.

Ivy riu.

— A mamãe disse que telefonaríamos para você amanhã.

— Ah, é... e por quê?

— A minha casa da árvore pegou fogo.

— O quê?!

— Acabou. Os bombeiros tiveram de cortá-la com um machado.

— Alguém colocou fogo nela? — Ivy sentou-se na cama.

— Ontem à noite.

Ela pensava rapidamente, fervendo de raiva: se Gregory ousasse tentar de novo arrastar Philip para a batalha com ela...

— Por que Andrew e a mamãe não me ligaram?

— Eles disseram que vão fazer isso amanhã. Quando souberem mais. O investigador dos bombeiros e a polícia vieram hoje.

— O que descobriram? — Ivy perguntou, tentando parecer calma.

— Que alguém jogou alguma coisa nela para ela queimar.

— Algum tipo de combustível?

— É. Achem que foram alguns adolescentes daqui.

Ivy se acalmou. Vandalismo existia mesmo.

— Mas não foi — Philip disse.

— Por quê? Por que diz isso?

— Eu o vi.

Ela tentou ficar calma.

— Viu?

— Gregory.

Ivy fechou os olhos e foi tomada por uma sensação de náusea. Então, raciocinou rapidamente: não ajudaria em nada contradizer Philip, mentir e dizer que aquilo não era possível. Seu irmão tinha a mesma certeza na voz de quando lhe contara que tinha visto o Anjo Tristan pela primeira vez.

— Como tem certeza de que era Gregory? — ela perguntou.

— Ele estava observando o fogo e virou-se para me encarar.

Ivy sentiu a nuca formigar.

— Ele olhou para a janela do meu quarto e apontou para mim. O rosto era outro, mas era Gregory.

— Philip, não chegue perto dessa pessoa! Não importa o que ele diga ou faça, não o escute nem acredite nele. Não deixe que entre. Não vá até ele. Você entendeu?

— O papai está colocando um alarme na casa.

O que significa que “Bryan” não vai poder entrar sem ser detectado, mas e Gregory? O que poderia fazer de longe?

— E eu tenho as minhas estatuetas de anjo.

Oh, Anjos, protejam-no, Ivy rezou. Em voz alta, ela disse:

— Vou para casa. Chame Lacey e peça a ela que fique com você até eu chegar.

— Não estou com medo.

Ivy estava vestindo o jeans enquanto falava.

— Chame Lacey e pronto. Faça isso por mim, tá bom?

Ela pegou uma camiseta limpa e os tênis. Na pressa, derrubou as coisas de cima de sua mesa — brincos, pente, chaves. Uma peça dourada redonda chamou sua atenção. Ela pegou a moeda de anjo de Philip e enfiou-a no bolso. *Anjos, protejam-no*.

Cinco minutos depois, estava no carro abrindo o segundo celular para ligar para Tristan. Então, fechou-o de novo. Se lhe contasse essa história, ele iria querer ir com ela. Tinha jurado lutar contra Gregory até o fim, até que um deles morresse, ela pensou, e não poderia ser Tristan. Deu a partida no carro e tomou o rumo da Mid-Cape Highway. Logo depois de cruzar o canal, ela parou no acostamento e ligou para os celulares de Will e de Beth. Nenhum deles atendeu. Por um instante, Ivy sorriu, pensando neles em seu novo mundo juntos, lembrando-se de como tinha sido quando ela e Tristan confessaram um ao outro que estavam apaixonados.

Ivy enviou uma mensagem para ambos: *Preocupada com Philip. Indo para casa. Leve provas à polícia o mais rápido possível. Obrigada. Beijos*

— Lacey — ela chamou ao retomar a estrada. — Lacey, eu pedi a Philip que chamasse você. Preciso que proteja Philip. Por favor! — Quem sabe Lacey já não estivesse lá. Ivy sabia que o anjo provavelmente atenderia melhor a Philip do que a ela.

Estava correndo pelo trecho escuro da Route 25 quando teve de brecar e dar uma guinada para evitar um caronista. Que lugar absurdo e perigoso para uma pessoa... ela brecou de novo e olhou pelo espelho retrovisor.

— Por que não estou surpresa? — murmurou, encostando o carro no meio-fio e dando marcha à ré.

— Fiquei imaginando se você me veria — Lacey disse, subindo no carro.

— Se eu tivesse batido em você, o que teria acontecido? — Ivy perguntou.

— Não sei. Minha alma continuaria. Acho que o resto sumiria, *puf!*

— De qualquer modo, já que está no carro comigo, coloque o cinto.

— “Já que está no carro comigo”! Foi você quem me chamou! — Lacey zombou.

Depois de o anjo consentir, Ivy continuou pela estrada.

— Esperava que Philip chamasse você. Eu pedi a ele.

— Ele chamou, mas estava dormindo quando cheguei. O que aconteceu?

Ivy contou a Lacey sobre a convicção de Philip de que Gregory tinha ateado fogo na sua casa da árvore e depois relatou a visão que teve de Gregory no cemitério.

— Ele está poderoso demais — disse Lacey.

— Eu sei. Você poderia voltar e ficar com Philip até eu chegar?

Lacey ficou em silêncio um instante.

— Vou, mas acho que é você quem corre mais perigo.

— Sei lidar com Gregory.

— Está um pouco metida, não?

Ivy deu de ombros.

— Onde está Tristan?

— Na casa dos Steadmans, imagino.

— Não ligou para ele? — Lacey perguntou. — Não disse a ele o que está fazendo?

— Eu vou dizer — Ivy respondeu. — Só estou esperando ficar longe o suficiente de Cape para não ficar tentada a voltar e pegá-lo.

Lacey se inclinou para a frente, forçando o cinto de segurança, até Ivy ver que a estava encarando. O anjo concordou com a cabeça.

— Às vezes, garota, você me surpreende — ela disse e desapareceu. Meio segundo depois, como se fosse uma reflexão tardia, Ivy ouviu um efeito sonoro desnecessário: *Puf!*



Capítulo 18



Tristan acordou com um estrondo distante de trovões. A quietude à sua volta lhe indicava que estava sozinho. Suas mãos tinham sido amarradas. Uma corda frouxa enrolava-se em suas pernas. Sentando-se devagar, tentou entender o ar frio, a cama de pedra debaixo dele e o cheiro penetrante de coisas podres — folhas e algum tipo de bicho.

A pálida luz da lua se infiltrava pelo aro redondo de uma janela, uma abertura coberta de grade. A uma altura muito grande para que ele pudesse olhar através dela, havia uma janela na cumeeira que dava suporte ao telhado baixo de sua prisão. Soltando um pé da corda e depois o outro, Tristan ergueu-se com cuidado, sem saber no que pisaria. Ainda de mãos atadas, esforçou-se para tatear a parede à sua frente. Havia uma beirada comprida e estreita, paralela ao chão, e depois outra alguns metros acima. Tudo o que o seu dedo tocava parecia pedra úmida. Tristan estremeceu. A sua prisão era um mausoléu.

Ele se lembrou da visão de Ivy. Será que Gregory o teria trazido ao cemitério de Stonehill?

Atrapalhado, buscou o celular no bolso: nada. Indo na direção da janela, bateu em alguma coisa na altura do joelho, derrubando-a. Soou como madeira tombando contra a pedra. Curvando-se e tateando em busca do objeto, ele o encontrou e colocou o caixote junto da janela, de modo que pudesse subir e olhar lá fora.

A fatia de lua estava borrada de névoa, mas Tristan conseguiu distinguir as indicações de sepulturas em frente do mausoléu, fantasmagoricamente brancas, algumas em pé, firmes, outras inclinadas de cansaço. Seus olhos deram com um monumento impressionante, uma base alta que sustentava um anjo. Ele já estivera ali antes, no enterro da mãe de Gregory. Lembrava-se da árvore sombria que espalhava os ramos pesados sobre um canto do jazido dos Baines, o canto onde ela — e, presumivelmente, Gregory — estavam enterrados.

Examinando o cenário, Tristan não viu ninguém. Decidiu não chamar; se Gregory estivesse por perto, isso indicaria a ele que tinha recuperado a consciência. Descendo do caixote e usando tanto os dedos quanto os olhos, explorou a superfície da porta de metal abaixo da janela. O veio central e as dobradiças duplas indicavam que eram duas portas. Nenhum dos painéis tinha maçaneta, ou seja, as portas não poderiam ser abertas por dentro. Mesmo assim, fez pressão contra elas. Afrouxaram ligeiramente ao longo do veio central e ele suspeitou que estavam presas por algo do lado de fora, como um cadeado ou lingueta.

Encostou-se na porta, pensando: Gregory tivera muito trabalho para colocá-lo ali. O corpo de Bryan era forte, mas não deve ter sido fácil arrastá-lo para o carro e depois carregá-lo do carro até o mausoléu. A corda ao redor dos pés de Tristan tinha sido afrouxada — para que andasse durante

parte do percurso? Tristan não se lembrava de ter se movido. Então, por que Gregory desamarrara seus pés? E por que lhe deixara uma caixa onde subir?

A resposta era simples: Gregory queria que olhasse pela janela. Queria que soubesse onde estava ou, talvez, que visse alguma coisa prestes a acontecer.

Tristan começou a tremer. Gregory tinha insinuado o seu plano na última vez que se encontraram.

Eu mereço mais, Gregory tinha insistido, *do que vê-la tendo uma morte rápida e indolor.*

Gregory tinha injetado na mente de Ivy a visão do jazigo da família Baines. Tinha sido uma espécie de ensaio; esta noite seria a apresentação. *Pense nisso, Tristan. É o morrer que é divertido.* Tão divertido para a alma distorcida de Gregory quanto observar Tristan vendo Ivy morrer devagar e dolorosamente.

Ele se afastou, jogando-se em seguida contra a porta, determinado a arrombá-la. Tentou várias vezes, esmagando o ombro contra a porta, depois caiu de joelho no chão.

— Lacey! — ele gritou. — Preciso de você. Ivy precisa de você. Lacey, onde está você?

A meio caminho da longa estrada que levava até sua casa em Stonehill, Ivy ligou para Tristan mais uma vez. Começava a ficar ansiosa. Eram quase três horas da manhã; tempo demais para Tristan estar fora de alcance. Assim que visse Lacey, pediria a ela que desse uma olhada nele.

Correndo o restante do caminho até o topo, Ivy contornou a imensa casa de madeira e virou na direção do muro de pedra que marcava a fronteira da propriedade. Quando viu as árvores enegrecidas, sentiu o coração apertado. A pouca distância das árvores, havia uma pilha de madeira queimada, o esqueleto arreventado da maravilhosa casa de árvore de Philip.

A casa de árvore tinha sido de Gregory quando criança. Esperando conquistar o amor de seu enteado, Andrew a tinha reconstruído e ampliado para Philip, jamais imaginando que ela se tornaria mais um espinho a espetar o ciúme de Gregory. Ivy se lembrava do dia em que Philip, pisando numa tábua solta, quase caíra do passadiço. Ela ainda via o brilho de encantamento no rosto dele quando lhe contara que o anjo dele o tinha salvado. Um ano depois, uma das primeiras dicas de que Tristan tinha retornado para ela foi a descrição de uma casa de árvore idêntica à de Philip. Havia algumas semanas, ela tinha dormido lá com Tristan, sob uma copa de folhas e estrelas. Mas, para Gregory, qualquer símbolo de amor, qualquer sinal de que as pessoas se gostavam o diminuía e, portanto, deveria ser destruído.

Desviando-se das árvores chamuscadas, Ivy correu pelo gramado até a porta dos fundos. Depois de desativar o sistema de alarme da casa, ela subiu a escada, entrando em seu quarto e, em seguida, passando pelo banheiro conjunto, entrou no de Philip. Olhou em volta, mas não viu a luz de Lacey. Philip virou-se de lado na cama.

— Ivy?

— Shhh! Sim — ela disse suavemente. — Onde está Lacey?

O irmão dela sentou-se, piscando os olhos, tentando se lembrar.

— Ela disse que precisava ir.

— Mas eu disse a ela... — Ivy mordeu a língua.

— Ela disse que você ficaria brava — Philip acrescentou.

Ivy assentiu, sorrindo um pouco.

— Bom, parece que Tristan ficou chamando por ela, e ela tinha de ver em que tipo de confusão ele tinha se metido.

— Quando foi tudo isso? — Ivy perguntou rapidamente.

Philip deu uma olhada no relógio da cabeceira, hesitante.

— Ela veio depois que liguei pra você. Foi embora antes que eu caísse no sono de novo.

Ivy suspirou.

— Ela voltou depois de estar com Tristan?

Ele sacudiu a cabeça.

— Ela falou para onde ia? — Ivy perguntou, esperançosa.

— Algum lugar aqui perto. Conteí a Lacey onde ele morava em Cape, mas ela disse que ele estava em algum lugar aqui perto.

Aqui perto... *O cemitério*, Ivy pensou.

Gregory poderia tê-la assustado com um monte de miragens, mas ele tinha escolhido o cenário de Riverstone Rise para lhe enviar um recado, para lhe dizer onde poderia ser encontrado. Ele a tinha arrastado de volta a Connecticut, onde tudo começara, com o único gesto que ele sabia que poderia trazê-la de volta: uma ameaça a Philip. Agora, contava que ela recordasse essas visões, balançando-as como uma isca diante de seus olhos, no momento em que temia por Tristan.

Se fosse ao cemitério, estaria mordendo a isca de Gregory. Mas como poderia não ir? Lacey não tinha voltado e Tristan não estava atendendo aos seus chamados: alguma coisa estava muito errada.

— Vou ajudar você a procurar por ele — Philip disse, puxando o lençol.

Ela o segurou.

— Não!

Ele ergueu o queixo para discutir com ela.

— Amanhã, Philip. Quero que descanse agora para estar pronto amanhã.

Ele relaxou o maxilar.

— Talvez seja um longo dia — ela acrescentou.

— Por quê?

Ela riu e se sentou na cama junto dele.

— Porque hoje já está sendo uma longa noite. Lembra-se da oração que costumávamos rezar?

Ele sacudiu a cabeça num “não”, mas estava cansado e por fim cedeu, assentindo. Juntos eles

disseram:

— Anjo da luz, anjo do céu, me proteja esta noite, proteja todos que eu amo.

— É você, Ivy — Philip acrescentou, como quando ele era pequeno.

Ivy descansou a testa na dele.

— Vire-se. Vou massagear suas costas.

Ele se aninhou nos travesseiros e seus olhos logo se fecharam. Adormecido, lembrava o menininho de quem ela tinha cuidado anos atrás, quando Maggie precisava trabalhar muitas horas. Ivy acariciou seus cabelos e correu os dedos por seu rosto. Por um instante, sentiu-se como se fosse insuportável deixá-lo.

Mas ele ficaria bem. O peso do ódio de Gregory parecia ter apenas um efeito sobre seu irmão: fortalecê-lo. Saiu do quarto na ponta dos pés.

Lá embaixo, silenciosamente ativou o alarme. No momento em que saiu da casa, sentiu a mudança do tempo. O vento era úmido e vinha do oeste agora; uma tempestade se formava. Ivy correu até o carro. Verificou o celular que usava para se comunicar apenas com Tristan. Nenhuma chamada. Checando o outro telefone, viu que Will e Beth tinham enviado mensagem: tinham ido diretamente à delegacia de polícia e aguardavam Rosemary Donovan. Ivy enfiou o telefone de Tristan no bolso, colocou o outro no assento do passageiro e rumou para o cemitério.

Quando chegou à entrada de Riverstone Rise, o céu a oeste relampejava. Adiante dela, iluminados pelos holofotes, os enormes portões pareciam estar acorrentados, mas quando saiu do carro e empurrou as argolas, viu que um deles tinha sido deixado aberto. Rapidamente puxou as correntes. Depois de entrar com o carro, ela olhou pelo retrovisor. Os portões bem abertos eram um convite para que alguém a seguisse, mas ela continuou.

Tentou lembrar o caminho até o jazigo dos Baines.

— Lacey — ela chamou —, onde está você? Onde está Tristan?

Virou à direita, passando pelas sepulturas mais antigas, depois seguiu pela rua estreita acima. Ao chegar no topo da colina, ouviu trovões anunciando a aproximação da tempestade. Um raio violento enterrou suas raízes no cume seguinte. Ivy baixou os vidros do carro. O cheiro era familiar: era verde — viçoso — musgoso.

A rua à sua frente inclinava-se abruptamente. Na parte baixa, ela virou na direção da Ravine Way, parando o carro onde a ala de mausoléus começava. Inclinou-se para a frente no banco, na esperança de ver algum sinal de Tristan, mas não conseguia enxergar nada além das duas faixas de névoa formadas pelos faróis do seu carro no ar úmido. O restante da paisagem se iluminava apenas pelos relâmpagos. Por segundos, as estátuas do cemitério ganhavam vida e, depois, voltavam a ser atores sem rosto em um palco sombrio.

Se Gregory estivesse escondido, os faróis do carro já teriam denunciado onde ela estava, mas eles não revelaram nada de útil para ela. Então, os apagou, desligou o motor e saiu do carro. Andando rapidamente, sentiu as primeiras gotas de chuva no rosto. Imaginava o olhar dos mortos espiando pelas janelas gradeadas de suas casas de pedra. Desviou o olhar para a direita. Embora os jazigos do

outro lado dos mausoléus fossem planos, a terra se elevava por trás deles; ela sentiu como se estivesse passando por uma abertura fantasmagórica no tecido do mundo vivente.

O vento aumentou, penetrando de repente pela ravina. Bem adiante, à direita, ela viu a massa escura da faia que marcava o jazigo dos Baines. Um raio tortuoso cortou o céu a oeste, o relâmpago ressoou e a chuva caiu.

— Tristan! — ela chamou. — Tristan, você está aí? Lacey? Onde está você?

Ivy... Ivy...

Ela começou a correr.

Ivy.

Na beirada do jazigo dos Baines, ela tropeçou em uma pedra e caiu para a frente, provando a grama e a lama. Flexionando os joelhos, ela logo se pôs de pé. Num clarão violeta, ela o viu.

— Oh, meu Deus! Tristan!

Ele estava em cima da estátua dos Baines, a mais de quatro metros do chão. Outro clarão lhe mostrou as pesadas cordas que o amarravam ao anjo de pedra. Ivy ergueu os olhos com espanto e temor, imaginando como alcançá-lo. Por que Lacey não estava aqui?

— Ivy, depressa! — Mais dois clarões e ela viu a angústia no rosto de Tristan. Algo escuro lhe manchava a camisa, vertendo de seu peito. Ele estava sangrando. Ele ia morrer.

Ivy tirou do bolso o celular, curvando os ombros para se proteger da chuva. *911. 911. 911.* Apertava as teclas sem parar, mas nada acontecia.

— Tristan, tente aguentar!

Uma gargalhada fez com que ela se virasse. Em vão procurou Gregory. Havia ali muitos esconderijos, muitas pedras atrás das quais se agachar. Ela se voltou de novo para Tristan.

— Já venho! Agente firme!

Se Tristan morresse, tendo decaído...

— Ivy — Tristan gritou, com a voz rouca de tanto berrar. Ele olhava a chuva que caía, agarrando com os dedos a grade da janela do mausoléu. Lacey tinha conseguido desamarrar as mãos dele, mas não tivera forças para quebrar o cadeado que Gregory havia colocado na argola da porta.

— Tentei fazê-la parar — Lacey disse. — Tentei impedi-la de sair do carro. Corri pela rua bem ao lado dela, completamente corporificada...

— Eu vi você.

— Mas ela não viu!

— Já estava sob o poder dele — disse Tristan, observando Ivy diante da base da estátua, enquanto ele olhava para cima, parecendo ignorar o perigo dos relâmpagos. A boca dela se mexia, mas a tempestade abafava a sua voz.

— O que acontece? — Tristan perguntou, com a alma pesada de medo. — O que ela está vendo?

— Você — Lacey disse baixinho. — Estou supondo. Assim como você, também não consigo ver a miragem. Mas quem mais receberia a atenção de Ivy dessa maneira?

— Preciso fazê-lo parar. Ele vai matá-la!

— Faça-o parar, mas não o mate. Lembre-se, Tristan...

Outro raio abrupto atraiu a atenção de Tristan. Ele ouviu o estrondo, sentiu o rasgo do raio estremecer a colina.

— Me tire daqui, Lacey. Deve haver um jeito!

— Deve haver uma... chave — ela disse.

A voz dela tremia e isso fez com que Tristan a olhasse. Apesar de tudo, ele sabia que Lacey tinha medo de Gregory.

— Gregory deve estar nos observando — Lacey continuou, com a voz mais firme. — Vou dar uma olhada no bolso dele. Consigo pegar e virar uma chave.

— Lacey, o que aconteceria a você se ele...?

Antes que Tristan terminasse a frase, ela se desvaneceu numa névoa arroxeadada.

Ivy olhou para Tristan com o coração partido. Precisava alcançá-lo.

A base da estátua era de granito, com três camadas ascendentes cujas superfícies lisas estavam escorregadias por causa da chuva, sem entalhes decorativos onde se segurar. A primeira camada, um metro e meio acima do chão, era alta demais para que conseguisse ajoelhar-se nela e subir. Firmando as mãos na prateleira de pedra, ela saltou, juntando os braços para se erguer. As mãos deslizaram na superfície molhada. Escorregando, ela raspou o braço na beirada de pedra do cotovelo ao punho, e segurou um grito de dor.

— Ivy!

— Estou aqui.

Secando as mãos no lado de dentro da camiseta, ela tentou de novo. Dessa vez, conseguiu.

A camada seguinte era mais baixa e ela conseguiu erguer os joelhos o suficiente para alcançá-la, mas a saliência era ainda mais estreita do que aquela na qual se apoiava.

— Ivy!

Ela ouvia a agonia de Tristan na rouquidão de sua voz.

— Estou aqui — respondeu. — Estou indo.

Seus movimentos eram penosamente lentos. Um tantinho de peso na direção errada, uma escorregada na superfície molhada...

Estava sentada na segunda camada, com um dos pés por baixo do corpo. A saliência era estreita demais para ambos os pés. Ergueu-se cuidadosamente em uma posição vacilante. O vento e a chuva

açoitavam suas roupas. Ela ergueu os olhos para Tristan. Ele fazia caretas de dor.

— Oh, querido, estou quase chegando — ela disse.

— Vou morrer, Ivy.

— Não, não vai!

Dois metros acima e mais dois metros. Ivy ficou na ponta dos pés. Os dedos quase tocavam a base redonda da estátua, mas era impossível chegar à camada seguinte por causa dessa saliência estreita. No entanto, tinha de conseguir!

Uma ponta da corda enrolada, um pedaço das cordas que prendiam Tristan, estava amarrada na base da estátua e pendia solta, dançando ao vento, perturbadoramente próxima de seus dedos.

Era o único jeito: saltar, pegá-la e puxar-se para cima. Flexionando os joelhos, Ivy acertou os olhos nela e pulou. Suas mãos tentavam se agarrar freneticamente a alguma coisa, mas não pegavam nada. Ela bateu o ombro na pedra vertical, o seu pé alcançou uma beirada e ela despencou no chão.

Durante um instante, ficou aturdida e sem fôlego. Acima dela, Tristan gritou de dor e ela esforçou-se para ficar de pé. Chutou alguma coisa, um objeto pequeno, mas pesado. Inclinou-se, tateando a grama molhada. Os seus dedos sentiram o cano e depois o cabo de uma arma.

— Ivy, Ivy, pegue... — Tristan chamou, com a voz fraca e fragmentada ao vento. — Pegue a arma.

— Já peguei.

— Pegue... para me matar. — As palavras dele foram pronunciadas devagar, como lutasse para respirar.

— Tristan, não posso!

— Estou implorando, Ivy! Acabe com isso! *Por favor.*

Ela ficou olhando a arma em suas mãos.

— Não é pecado, Ivy. É bondade. Se me ama, por favor!

As lágrimas corriam pelo rosto de Ivy. Não suportava vê-lo sofrer assim.

— Tristan, você é decaído. Se morrer...

— Não existe inferno pior do que a minha vida agora — ele gritou. — Mate-me! Depois se mate e ficaremos juntos para sempre.

Mate-me... Depois se mate. Ivy repetiu silenciosamente essas palavras. Deu um passo para trás.

— Tristan? — perguntou suavemente, um tanto hesitante.

— Aqui.

Parecia a voz dele, mas...

— Ajude-me, Ivy!

Ela recuou mais um passo, olhando a estátua, e depois vasculhando as pedras tumulares à sua volta. O seu Tristan talvez pedisse para morrer — a dor excruciante levava as pessoas a isso. Mas

ele jamais pediria que ela se matasse e desistisse de sua alma. Esse pesadelo vinha de Gregory.

— Anjo do amor, me liberte — ela rezou.

Deu-se um clarão. No meio da chuva iluminada, ela viu o branco puro de um anjo no topo da estátua, de braço erguido e com a mão apontando para o céu. Nenhum Tristan. Nenhuma corda. Apenas um anjo.

— Ivy!

A voz de Tristan veio de outra direção. Ivy deixou a arma cair e girou em volta. Viu uma luz difusa arroxeadada pairando na porta de um mausoléu. O cadeado que prendia o fecho caiu no chão.

— Lacey!

A luz se movimentou depressa quando a porta se escancarou. Ivy e Tristan correram um para o outro.

Tristan a acolheu nos braços, protegendo-a.

— Oh, meu Deus! Você está salva. Estava vendo você, chamando você. Mas não conseguia fazer com que você me percebesse.

— Pensei que estivesse morrendo — Ivy gritou. — Não sabia como salvá-lo, Tristan.

— Amo você, Ivy. Amo você de todo coração e alma. Nunca deixarei você partir!

Ela apertou o rosto contra o seu peito. Ele estava vivo, o seu coração batia forte. Tinha derrotado Gregory no próprio jogo dele. A tempestade estava passando. Iam conseguir sair dessa.

Então, Lacey gritou:

— Saiam daqui. Agora!

Ivy virou-se e viu a névoa arroxeadada de Lacey pairando na base do monumento. Gregory tinha surgido por detrás da árvore sombria e corria na direção deles.

— A arma! — Tristan correu na direção da estátua.

Gregory chegou primeiro e apanhou a arma, apontando-a para Tristan.

— Não se mexa.

Ignorando a ordem de Gregory, Ivy se adiantou correndo.

— Volte, Ivy! — Tristan urrou.

Gregory baixou o cano da arma.

— Não, não. Deixe que ela venha — disse com um tom de voz macio e insinuante. Os olhos dele queimavam numa singular luz cinza-esverdeada. — Junte-se a nós, Ivy. Que coisa boa, não? Estamos juntos de novo. Como nos velhos tempos.

Ivy segurou a mão de Tristan.

Segurando a arma na altura do peito, Gregory começou a andar em volta deles.

— Devo admitir, estou desapontado — disse ele. — Tinha planejado tudo tão bem. Teria aquietado a minha alma, Ivy, vê-la matando um sonho e, depois, se desesperar e atirar em si mesma. O seu dedicado Tristan, depois de vê-la morrendo desse jeito, também teria se matado. E nós três poderíamos ficar juntos eternamente. Que pena!

Gregory parou de andar em círculos e foi na direção deles, encurralando-os contra sua sepultura. Os trovões faziam apenas um leve rumor agora. A chuva tinha parado, embora os ramos da imponente árvore ainda respingassem sobre ele.

Sempre recuando, Tristan tentou manter Ivy atrás de si. De repente, ele virou a cabeça para o lado.

— O que foi? — ela sussurrou.

— As vozes — ele respondeu também num sussurro.

— Contando segredos? — Gregory perguntou, em tom divertido. — As vozes conhecem todos os segredos relevantes. Você as escuta, Tristan? As vozes estão murmurando o nome dela... *Ivy, Ivy.*

Os braços de Ivy se arrepiaram.

— Com quem estão falando? — Gregory provocou Tristan. — Com você ou comigo? Ouça: *O poder está em você.*

— Você não tem poder — disse Ivy. — Você é o parasita de si mesmo, Gregory. É ao mesmo tempo o parasita e o hospedeiro, o seu egoísmo está devorando a sua alma.

Gregory se endireitou como uma serpente que ergue a cabeça, pronta para dar o bote. A raiva fez saltar as veias do seu pescoço. Os seus olhos queimavam como brasas.

Tristan empurrou Ivy para longe dele.

— Corra! — ele gritou. — Corra!

Investindo contra Gregory, Tristan derrubou a arma da mão dele. Ambos voaram atrás dela e Tristan a agarrou e fez mira.

— Não! — Ivy gritou.

Tristan apertou o gatilho.

— Tristan, não!

A arma não disparou. Por um instante, os três ficaram parados.

Ivy arfou aliviada.

— Lacey — ela disse, lembrando-se da luz arroxeadada na base da estátua. Lacey tinha retirado as balas.

Tomado de ódio, Gregory atacou Tristan. Golpeando-se com os punhos, eles despencaram na sepultura de Gregory. Gregory se ajoelhou sobre Tristan e o segurou pelo pescoço. Suas mãos eram fortes — as mesmas mãos que tinham agredido e estrangulado outras pessoas. Tristan se esforçou para respirar e o empurrou com os braços também fortes. Conseguiu desequilibrar Gregory, jogando-o para o lado e lutando para ficar por cima.

— Corra, Ivy! — ele gritou.

Mas Ivy não se mexeu. Se Tristan morresse como um anjo decaído ou se Tristan matasse... *Anjos, me digam como salvá-lo.*

Um vento bateu, levando os vestígios de tempestade. As estrelas brilhavam por entre os recortes das nuvens.

Ivy se lembrava da noite estrelada em que ela havia sido ressuscitada por Tristan. Ainda conseguia sentir nos lábios o seu beijo de vida. Tristan, esquecendo-se de sua natureza de anjo, tinha amado demais de uma maneira humana. E ainda amava. Ele a salvaria à custa de sua própria alma.

Anjos, nos ajudem.

De repente, Ivy viu coisas que nunca tinha visto antes. O sol esperando sob o horizonte. Os carros de polícia chegando ao portão do cemitério. As raízes impetuosas da imensa árvore.

E Ivy soube: para que Tristan se redimisse, tinham de voltar ao que deveria ter acontecido no dia em que ele morreu: o rompimento de seu elo mundano. De algum modo, Ivy tinha de ter coragem de se desapegar, *por* ele.

Ela ouviu uma voz que não ouvia desde pequena. *O amor de Deus está em você.*

Junto com essas palavras seguiu-se uma força sobrenatural. Ivy correu e empurrou Tristan para longe de Gregory. O chão estremeceu, elevando-se sob Tristan, jogando-o de joelhos e lançando-o para além da sombra da árvore. Então, ela pousou a mão em Gregory e apontou para cima.

A árvore se inclinou. Gregory olhava para ela, boquiaberto de pavor à medida que o imenso tronco e seus ramos pendiam em sua direção e na de Ivy.

Ivy gritou:

— Amo você, Tristan, agora e para sempre. — E então viu as estrelas brilhantes através da copa da árvore.

Tristan agarrou a terra, tentando se arrastar pelo chão acidentado, mas não conseguia alcançar Ivy. Ouviu as palavras dela. Apavorado, viu a árvore caindo.

Alguém soluçava.

— Para sempre, para sempre — ele repetiu, com o coração se recusando a entender o que via. O tronco da faia tinha esmagado Gregory. Ivy estava imóvel, morta, o cabelo dourado preso sob um galho pesado. Inclinação sobre Ivy, Lacey chorava como se o seu coração tivesse se partido em mil pedaços.



Capítulo 19



As árvores agora estavam completamente sem folhas, com a peculiar arquitetura de seus ramos delineados contra as casas e colinas que circundavam a Washington Square. Beth apoiava-se em Will, ambos sentados num banco; Will desenhava os estudantes da New York University e os ocupados nova-iorquinos que atravessavam o parque.

Foram os três piores meses na vida de Beth. Se pudesse escolher, teria preferido ter a ambos, Gregory e Ivy, em seu mundo, do que perder a amiga. Mas o espírito de Gregory se fora — o corpo de Bryan tinha sido enterrado — e Ivy estava muito além deles agora.

O pai de Tristan, o reverendo Carruthers, os ajudou muito. Ele sabia o que significava passar por uma dor dilacerante e abrir-se para possibilidades inesperadas, até mesmo para a felicidade. Ele e a dra. Carruthers tinham aberto o coração e a casa, abrigando “Luke McKenna”, acusado equivocadamente — as provas que Ivy havia conseguido o inocentaram. Estavam lhe oferecendo o tipo de vida familiar que ele jamais tivera.

Maggie e Andrew estavam vendendo a imensa casa da colina — lembranças demais. Moravam na cidade agora. Philip podia ir de bicicleta até a casa de Tristan, assim como para a de Beth e Will, quando não estavam na faculdade. O coração de Beth tinha sofrido por Philip e Tristan, e nenhum deles teria superado essa perda sem a ajuda de Lacey. Lacey havia testemunhado a oração de Ivy; tinha visto o que Ivy vira, e os ajudara a ficar em paz diante da escolha dela.

Para Suzanne, tinha sido muito mais difícil ficar em paz. Havia encontrado um mundo muito diferente do que o que deixara. Discutia veementemente o sacrifício de Ivy. Pouco a pouco, Beth foi lhe contando a história do verão deles, na esperança de que acabasse entendendo como Ivy tinha obedecido o seu coração até o fim e enxergado o “Para Sempre além do Agora”.

Kelsey também tinha ficado muito abalada com a morte de Ivy e com a revelação dos crimes de Bryan. Como Max, Kelsey se vira na situação quase impossível de luto pela pessoa com quem tinha se enredado na vida e de horror diante dessa mesma pessoa. Deixou os pais espantados ao desistir de uma universidade na Flórida para frequentar uma faculdade perto de casa.

Dhanya também tinha surpreendido os pais, mas Beth pensava que, provavelmente, não teria surpreendido Ivy com a nova força e independência. Deu sequência aos planos de frequentar Wellesley, que não ficava muito longe de Boston College, que Max cursava. Ela e Max tinham se aproximado enquanto lidavam com a morte de Ivy e de Bryan. Ela agora descrevia a sua relação com Max como a de “melhores amigos”. Beth sorria para si mesma: coisas surpreendentes e maravilhosas podiam acontecer quando se era a melhor amiga de um cara.

E Chase — Beth sorria de novo — era Chase, de volta à escola e procurando por respostas para

tudo o que tinha passado, ou, pelo menos, tornando-se um “expert” em misticismo oriental.

— Adoro quando sorri assim — Will disse a Beth, levantando o lápis da prancheta e inclinando a cabeça para olhá-la. — Tenho minha própria Mona Lisa! — Ele a beijou delicadamente.

— Will, andei pensando... Lacey esteve conosco dia e noite depois que Ivy morreu. Mas não a temos visto nos últimos tempos. Tristan e Philip também não. Enviei uma mensagem a Philip esta manhã, perguntando. Você acha que talvez a gente tenha sido a missão de Lacey? Acha que ela seguiu para a Luz?

Will ficou pensando.

— Ela realmente agiu como um anjo naquela semana. — Ele começou a desenhar de novo, acrescentando à cena da cidade uma garota com um *top*, *legging* e botinas. Depois, fechou o bloco espiralado.

— Sinto falta de Lacey — Beth suspirou.

— Eu também. Muito.

Eles se levantaram para caminhar, de braços dados, e quase foram atropelados por alguém que dava voltas pelo passeio num monociclo. A garota fez um giro, piscou para os dois, depois foi embora, parecendo-se com uma nova-iorquina qualquer, com o cabelo arroxeadado esvoaçando na brisa.

— Este é o meu lugar preferido em Cape Cod — disse Philip.

— É mesmo? — Tristan estava sentado junto dele na plataforma no meio da escada a caminho da praia. O verde exuberante que tinha revestido a ribanceira estava seco e lenhoso agora, a grama nas dunas, mais rala. Tristan olhou para o azul profundo do céu do início de novembro, depois seus olhos acompanharam o movimento do mar em volta da ponta e pela enseada até o seu porto e o de Ivy. — Por quê?

— É como se a gente estivesse no céu — Philip explicou. — Parece que os anjos podem descansar aqui. Você acha que Ivy e Lacey vêm muito aqui?

A pergunta pegou Tristan de surpresa. Depois que Lacey fora embora, Philip tinha esperado que Ivy voltasse como um anjo que ele pudesse ver e ouvir. Tristan tinha feito tudo o que podia para preencher essa lacuna, para aliviar a dor de Philip. Acreditava que Ivy tinha ido imediatamente para a Luz. Ele não ouvia mais as vozes. A cada dia, encontrava um jeito de seguir adiante, redimindo-se, acreditando que ficariam juntos de novo quando o tempo fosse eterno.

— Não sei, Philip.

— Você acha que Ivy está de olho na gente, para o caso de precisarmos de ajuda?

— Talvez. — Ele não mentiria para Philip, mas não estragaria as crenças de uma criança. Ninguém tinha todas as respostas.

— Sinto falta dela.

— Eu a amo — Tristan disse.

Falaram ao mesmo tempo; isso aliviava o coração de Tristan.

— E sabe do que mais? — Tristan acrescentou. — Amo você também.

— Eu sei.

Ele sorriu diante da certeza sincera de Philip.

Philip começou a descer as escadas.

— Eu acho — ele começou a falar — que Ivy e Lacey estão se divertindo pra valer juntas.

Tristan deu uma gargalhada, imaginando uma versão angelical de filmes sobre bons amigos, do tipo com dois policiais que nunca parecem se dar bem, mas sempre dão cobertura um ao outro.

Ele acompanhou Philip pelo passeio estreito e pelas dunas até o mar. Andrew e seu pai tinham razão: voltar ali com a família ajudava a se recuperar da dor.

Tristan e Philip caminharam por um longo tempo na praia, Philip dançando por ali, esquivando-se da água espumosa, tentando pegar conchas antes que as ondas as levassem. Encheu os bolsos com pedras e conchas e, depois, quando retornaram à escada, jogou tudo fora. Ele não era o garotinho que Tristan conhecera havia mais de dois anos; ainda queria ver tudo — tocar tudo —, mas não precisava levar tudo para casa.

Philip correu pelos degraus acima, saltando de dois em dois, como se quisesse mostrar a Tristan que suas pernas tinham crescido. Na plataforma, parou para recuperar o fôlego e então se inclinou para ver alguma coisa.

— Eu sabia! Eu sabia! — Philip se endireitou, com o rosto iluminado como o sol. — Tristan, venha aqui!

Antes que Tristan alcançasse o último degrau, Philip estendeu-lhe a mão. Na palma, estava a moeda dourada com o anjo gravado, a moeda que Philip tinha colocado na mão de sua irmã na última vez em que os três estiveram juntos.

Tristan a tocou.

— Ivy — ele disse baixinho.

O nome dela nos seus lábios sempre soaria como um beijo angelical.



Agradecimentos



Muitos dos lugares desta série são reais, como as cidades, parques e praias. Outros — pousada, casas, igrejas e ruas secundárias — são baseadas em lugares verdadeiros, mas foram levadas para novas localizações, reconstruídas e renomeadas, para que eu pudesse tecer uma boa história. Alguns outros lugares existem apenas na minha cabeça: a verdadeira cidade de Providence é um lugar maravilhoso para morar e conhecer; a vizinhança de River Gardens surgiu de minha imaginação.

Agradeço mais uma vez a Karen e Mac, do Village Inn, que me forneceram dicas valiosas quando eu pesquisava cenários e que me deixaram muito à vontade em seu B&B de Cape Cod. Agradeço a minha irmã, Liz, e a seu marido, Nick, que moram em Cape e me deram muitas boas ideias. Liz, obrigada por aqueles passeios, em que me deixava olhar à vontade.

Devo agradecer a Gregory, outro membro da família. Há seis livros, quando precisei de um nome para o meu vilão, eu o emprestei de meu primo muito querido, de maneira que pudesse escrever sobre esse personagem de modo mais positivo, sem entregar logo a sua maldade. Deixe-me dizer que o meu primo não se parece em nada com o infame Gregory nem age como ele — embora quando criança fosse um tanto terrível. Agradeço não só pelo seu nome, mas por ser um velejador habilidoso que responde a perguntas como: *onde é um bom lugar para despejar um corpo e como se faz para virar um barco?* Se existem equívocos náuticos nestes livros, eles são meus, não dele (escritores às vezes são tão poéticos!).

Agradeço a Sharyn e Abbie, minha cunhada e minha sobrinha. O entusiasmo de vocês me anima a continuar! Agradeço aos meus pais, que sempre me deram muito apoio.

Um enorme obrigado à minha esplêndida editora. Gostaria de encontrar um jeito mais original de dizer isso, pois não é exagero: estes livros não existiriam sem Emilia Rhodes. Sou muito agradecida pela sua percepção em relação a personagens e motivações, ao seu talento imaginativo, sua capacidade para colocar o dedo nas coisas que “saltam” e entender por que saltam, o seu conhecimento sobre a arquitetura de um livro, sua habilidade em estabelecer prioridades, e seu infalível ponto de vista. Agradeço a Jen Klonsky e a Josh Bank por nos reunir e nos deixar à vontade.

Por fim, obrigada, Bob. Adoro você!

Em 2010, a Editora Novo Conceito trouxe para o Brasil a série Beijada por um anjo, de Elizabeth Chandler, que se transformou em uma verdadeira mania entre os jovens por aqui. Na contramão dos vampiros e magos, que dominavam os lançamentos da época, a série falava do amor entre uma menina, Ivy, e um anjo, Tristan. O sucesso foi tanto que, o que era para ser uma trilogia, acabou virando uma série de seis livros: Beijada por um anjo, A Força do Amor, Almas Gêmeas, Destinos Cruzados, Revelações e, agora, Eternamente, que chega às livrarias brasileiras em julho. Eternamente traz, atendendo a muitos pedidos dos seguidores da série, o grande desfecho dessa história que conquistou mais de 400 mil leitores em todo o País.

Prepare-se para as novas revelações, revendo toda a trajetória de Ivy e Tristan ao longo da série, desde o dia em que se viram pela primeira vez até o seu surpreendente final.

Veja abaixo os 06 livros da Série:

Beijada por um Anjo 1



Beijada por um anjo é o primeiro volume da série, escrita por Elizabeth Chandler. Ivy sempre acreditou em anjos... Quando ela conhece Tristan, descobre que ele é o amor da sua vida. Quando ele morre, seu coração está quebrado e sua crença em anjos desaparece. E sem essa crença, ela é incapaz de sentir a presença de Tristan, quando ele retorna – como um anjo. Agora, Ivy está correndo um terrível perigo, e Tristan está lutando para salvá-la.

Como ele conseguirá protegê-la se ela perdeu a fé em anjos? E se ele conseguir salvá-la, ele terá terminado sua missão aqui na terra e terá que partir para sempre deixando-a para trás. Afinal, Salvar Ivy seria o mesmo que perdê-la justamente quando consegue reencontrá-la?

Beijada por um Anjo 2



Sei que o perdi... Tristan está morto. Jamais poderá me abraçar novamente. O amor termina com a morte. Ivy Quatro semanas se passaram desde o acidente em que Ivy Lyons perdeu Tristan, o grande

amor de sua vida, e deixou de acreditar nos anjos. Os dias têm sido difíceis e para superá-los Ivy busca forças na família e nos amigos. Sua grande motivação agora é ensaiar para a apresentação de piano no Festival de Artes de Stonehill, já que Suzanne, sua amiga de infância, pensando em animá-la, fez a inscrição, mesmo contra a sua vontade.

Ainda sem saber lidar com os seus poderes angelicais, Tristan Carruthers conta com a ajuda de Lacey - um anjo mais experiente - para aprender a tocar nas pessoas, canalizar energia e voltar ao passado. Assim, os dois partem na busca por respostas para o acidente, por uma maneira de Ivy sentir Tristan e, principalmente, de mostrá-la que o acidente foi, na verdade, um assassinato. Todo esforço de Ivy para superar a perda de Tristan é interrompido por pesadelos que a fazem reviver o dia do acidente e se misturam com fatos do dia do suicídio de Caroline, ex-mulher de Andrew, marido de sua mãe.

O temor de Ivy é acalantado nos braços de Gregory, seu irmão adotivo. Angustiado pelos contínuos pesadelos da amada, Tristan decide que é a hora de fazer contato e segue seu objetivo com a ajuda de Lacey. Mas como aproximar-se de Ivy se ela não mais acreditava em anjos e ele agora era um? O amor que os une será o canal para Tristan se aproximar de Ivy e alertá-la sobre as pessoas que estão ao seu redor. Será que todos em que ela confia são realmente seus amigos?

Beijada por um Anjo 3



Ivy está de volta às aulas e, como já era de se esperar, todos estão de olho na garota que estava com Tristan Carruthers na noite em que ele morreu.

Tentando voltar à sua vida normal, acontecimentos estranhos assustam Ivy. Seus pesadelos são cada vez mais claros, e ela tenta se lembrar com detalhes de tudo o que aconteceu na noite do acidente.

O quebra-cabeça vai sendo montado, mas para que ela descubra toda a verdade e consiga se livrar do perigo constante que a rodeia, precisa da ajuda de Tristan. Com o passar do tempo, ela volta a sentir a presença de seu amor e, então, juntos irão lutar para que Ivy sobreviva.

Mas ainda há uma grande dúvida no coração de ambos: se Tristan salvar Ivy, isso significa que sua missão na Terra terá terminado?

Beijada por um Anjo 4



Um ano se passou desde que Tristan, namorado de Ivy, morreu. Depois disso, ambos seguiram em frente, Tristan para o outro lado da vida e Ivy para o adorável Will. Mas, então, um acidente de carro põe fim à vida de Ivy.

Em meio ao percurso para outra dimensão, Tristan a faz retornar à vida com um beijo apaixonado.

Ivy acorda no hospital, cercada por Will e sua família, mas tudo o que ela consegue pensar é no amor que perdeu. E dessa vez ela não tem certeza de que o amor poderá salvá-la.

Beijada por um Anjo 5



Depois que Ivy descobre que Tristan está no corpo do assassino Luke, a vida deles toma um outro rumo. Tristan se esconde da polícia e Ivy não sabe onde localizá-lo. Para piorar as coisas, Beth está cada vez mais distante e estranha, e só Ivy sabe o que realmente está acontecendo com ela.

Ao descobrir o paradeiro de Tristan, Ivy não se contém e corre para ele, apesar do risco de ver seu amor descoberto. Para conquistar sua liberdade, Tristan, com a ajuda da namorada, tentará descobrir em que encrenca se meteu o garoto que lhe empresta o corpo. E, na busca de evidências, Tristan e Ivy percebem que existem mistérios sobre os quais eles não têm controle e que podem levá-los por um caminho sem volta. Além disso, a interferência de Tristan sobre o destino de Ivy deverá ser punida duramente. Pode ser que um deles não viva por muito mais tempo

Beijada por um Anjo 6

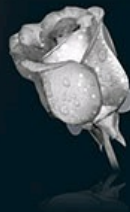


Em sua mente, Ivy tentava justificar a atitude de Tristan: quando lhe dera aquele beijo que a trouxera de volta à vida, ele só estava equilibrando o bem e o mal, afinal fora Gregory o responsável por sua morte... Seu beijo de vida seria como um acerto da ordem das coisas.

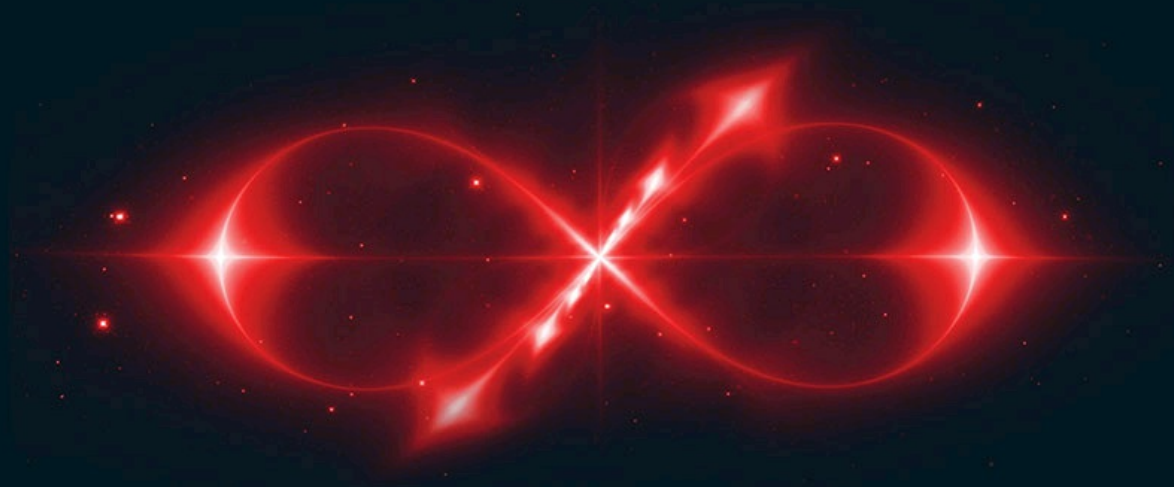
Mas um acerto para quê? Um acerto para que ela ficasse viva, como se sua vida fosse a coisa mais importante do mundo? Por mais que quisesse pensar que Tristan fora vítima da maldade de Gregory, na realidade ela sabia que ele sucumbira ao seu próprio desejo, ao desejo de tê-la viva perto dele.

Ele se deixara levar pela tentação arranjada por Gregory e, agora, estava pagando com sua alma decaída. Não, não há justificativa: nossas escolhas são de nossa responsabilidade; não importa se você é mortal ou anjo.

Neste último livro da série, Elizabeth Chandler vai surpreender o leitor com um final incrivelmente corajoso e cheio de delicadeza. Um desfecho comovente e sensível para uma série que tem encantado milhares de pessoas.



Beijada por um anjo



ELIZABETH CHANDLER

Eternamente

